

**O “QUE CONVÉM AO SEU SEXO”.
REPRESENTAÇÕES DE MULHERES EM EXPOSIÇÕES DE PRÉ-HISTÓRIA
DOS MUSEUS DA ÁREA METROPOLITANA DE LISBOA.**

Sara Mendonça de Sousa Dias de Brito

Dissertação de Mestrado em Museologia

Versão corrigida e melhorada após a sua defesa pública

maio, 2024

**O “QUE CONVÉM AO SEU SEXO”.
REPRESENTAÇÕES DE MULHERES EM EXPOSIÇÕES DE PRÉ-HISTÓRIA
DOS MUSEUS DA ÁREA METROPOLITANA DE LISBOA.**

Sara Mendonça de Sousa Dias de Brito

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessário à obtenção do grau de Mestre em Museologia, realizada sob a orientação da Doutora Emília Ferreira e co-orientação da Professora Doutora Margarita Sánchez Romero e Professora Doutora Alexandra Curvelo.

maio, 2024

À avó Flor

AGRADECIMENTOS

Antes de fazer qualquer agradecimento direto, tenho que dizer obrigada às pessoas que me rodeiam, que convivem comigo no dia-a-dia e que, nas mais variadas ocasiões, me foram ouvindo e dando incentivo durante o processo de realização da dissertação.

Obrigada às minhas orientadoras, Doutora Emília Ferreira e Professora Doutora Margarita Sánchez Romero, não só por terem aceitado orientar-me neste trabalho, mas também pelas atenciosas e amáveis palavras de apoio e apreciação. Agradeço igualmente à Professora Doutora Alexandra Curvelo por ter aceitado ser co-orientadora, de forma a possibilitar a orientação externa à FCSH.

Obrigada à Elsa Luís por me ter dado um forte incentivo inicial e por ter tido a disponibilidade, paciência e carinho para ler, e ouvir, as minhas reflexões, mas também conversar sobre o tema.

Um obrigado à Catarina Costeira por ter dito que sim, de forma tão pronta e simpática, ao meu pedido de ler o trabalho final e ainda por ter contribuído com mais reflexões e interessante bibliografia.

Obrigada à Rita Luís e ao Regis Barbosa por terem lido a dissertação e mostrarem o vosso apoio.

Agradeço à Teresa Brito pela paciência (sendo irmã tem pouco poder de escolha) e por me ter ajudado com as formatações finais.

Também não posso deixar de agradecer aos museus analisados, nomeadamente às direcções e equipas com quem contactei, não só pela sua atenção e amabilidade, mas também pela simpatia em receber-me nos diversos espaços e disponibilidade em responder a qualquer dúvida que eu colocasse. Neste sentido, obrigada: Museu Municipal de Alcochete; Museu Municipal da Amadora; Espaço Memória, da Câmara Municipal do Barreiro; Museu da Vida, da Câmara Municipal de Cascais; Museu Municipal de Loures; Museu de Lisboa; câmara Municipal de Oeiras; Museu Municipal de Palmela; Museu de Arqueologia e Etnografia d Distrito de Setúbal; Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas, da Câmara Municipal de Sintra e Museu Municipal de Vila Franca de Xira.

O “QUE CONVÉM AO SEU SEXO”.

**REPRESENTAÇÕES DE MULHERES EM EXPOSIÇÕES DE PRÉ-HISTÓRIA DOS MUSEUS
DA ÁREA METROPOLITANA DE LISBOA.**

Sara Mendonça de Sousa Dias de Brito

RESUMO

PALAVRAS-CHAVE: Arqueologia, museus, Pré-História, género, feminismos, mulheres

Este trabalho analisa as representações das mulheres nas exposições de Pré-História dos museus da Área Metropolitana de Lisboa com o intuito de perceber que estereótipos se refletem nos discursos do Passado Pré-Histórico. Para além de se pretender perceber que silêncios e que invisibilidades existem nas narrativas dos museus com coleções de arqueologia, tenta-se compreender o “porquê” e as consequências que tais narrativas podem ter na sociedade contemporânea. Para isso, procurou-se compreender o que significou “ser mulher”, sobretudo no Portugal do século XX. Essa procura foi maioritariamente realizada através da análise de movimentos feministas e de diversas abordagens a questões de género.

Realiza-se ainda uma reflexão sobre a finalidade atual dos museus. Se, enquanto espaços de educação não formal e de possível proximidade à população, deverão e poderão assumir uma agenda pela igualdade e não discriminação.

WHAT SUITS YOUR SEX.

REPRESENTATIONS OF WOMEN IN PREHISTORY EXHIBITIONS IN MUSEUMS

FROM THE LISBON METROPOLITAN AREA

Sara Mendonça de Sousa Dias de Brito

ABSTRACT

KEYWORDS: Archaeology, museums, prehistory, gender, feminism, women

This work analyses the representations of women in Prehistory exhibitions in museums in the Lisbon Metropolitan Area with the aim of understanding which stereotypes are reflected in discourses on the Prehistoric Past. In addition to trying to understand what silences and invisibilities exist in the narratives of museums with archaeology collections, we try to understand the “why” and the consequences that such narratives can have on contemporary society. To achieve this, we sought to understand what it meant to “be a woman”, especially in the 20th century in Portugal. This research was mainly carried out through the analysis of feminist movements and different approaches to gender issues.

There is also a reflection on the current purpose of museums. If, as spaces for non- formal education and possible proximity to the population, they should and can assume an agenda for equality and non-discrimination

Índice

Introdução	1
Metodologia	4
A construção de um outro Presente: Arqueologias Feministas e de Género	11
As virtudes que convêm ao seu sexo: o nascimento da arqueologia e os primeiros ecos feministas.....	12
<i>Were They All Men?</i> Levantam-se outras vozes.....	20
As arqueologias Feministas e de Género em Portugal.....	25
“Ser “mulher” ... “ser homem”? O Sexo e o Género	34
<i>Do Women have to be naked to get into the [Met] Museum?</i> Movimentos feministas e museus.....	42
Água mole em pedra dura.....	48
Museus da Área Metropolitana de Lisboa: uma análise.....	51
Museu Municipal de Alcochete	51
Descrição e interpretação	52
Museu Municipal da Amadora: Núcleo Museológico do Casal da Falagueira e Núcleo Museológico da Necrópole de Carenque.....	53
Núcleo Museológico do Casal da Falagueira.....	54
Descrição e interpretação	54
Núcleo Museológico da Necrópole de Carenque	57
Descrição e interpretação	57

Município do Barreiro: Espaço Memória	58
Descrição e interpretação	58
Museu da Vila. Bairro dos Museus. Cascais.....	59
Descrição e interpretação	60
Museu Municipal de Loures.....	61
Descrição e interpretação	61
Museu de Lisboa. Palácio Pimenta.	63
Descrição e interpretação	63
Exposição Monográfica do Povoado Pré-histórico de Leceia e Exposição de Arqueologia do Concelho de Oeiras. Município de Oeiras.	70
Exposição Monográfica do Povoado Pré-histórico de Leceia	71
Descrição e interpretação	71
Exposição de Arqueologia do Concelho de Oeiras	81
Descrição e interpretação	81
Núcleo Museológico do Castelo. Museu Municipal de Palmela.....	82
Descrição e interpretação	82
Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal - MAEDS.....	83
Descrição e interpretação	84
MASMO - Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas. Museu Municipal de Sintra.....	93
Descrição e interpretação	94
Núcleo Museológico do Mártir Santo e Núcleo Museológico de Alverca do Ribatejo. Museu Municipal de Vila Franca de Xira	96

Núcleo Museológico de Alverca do Ribatejo	97
Descrição e interpretação	97
Núcleo Museológico do Mártir Santo	97
Descrição e interpretação	97
Os Museus de Arqueologia: para quem?	100
Análise de conjunto dos museus da A.M.L.....	100
Considerações finais. Para além das paredes.....	106
Bibliografia	114

Introdução

Applying a gender perspective in museums means questioning the institution's practices and policies using gender as a criterion, with the aim of achieving greater gender equality and eliminating gender biases and stereotypes linked to gender and sexuality.

Liliane Cuesta Davignon, 2020

O tema proposto para a dissertação de mestrado parte de uma pergunta genérica: A nossa imagem representa-nos? Partindo da análise de discursos expositivos das exposições de museus de arqueologia, referentes ao período da Pré-História, pretende-se questionar as narrativas sobre as representações das mulheres. Procurar-se-á investigar sobre a invisibilidade das mulheres e sobre a existência, ou ausência, de estereótipos nos discursos do Passado, interrogando de que forma a construção de determinadas narrativas poderá validar o discurso dominante, de cariz androcêntrico e heteronormativo.

Porquê a escolha da Pré-História como período de análise? A Pré-História é um período muito longo, com comunidades muito diversificadas e, portanto, com vestígios arqueológicos muito variados, em termos temporais e geográficos. No entanto, o facto de ser um período sem fontes escritas facilitou que as narrativas e interpretações se construíssem à imagem do que era a Europa de finais do século XIX e inícios do século XX. A Arqueologia recupera e interpreta os vestígios materiais do Passado humano, por isso o seu estudo recua até cerca de dois milhões de anos, quando surgem os primeiros utensílios em pedra fabricados pelo género *Homo*. Grosso modo, é o período Paleolítico, que por sua vez se prolongará até cerca de 11 700 anos atrás, quando o Plistoceno dá lugar ao Holoceno e surgem as primeiras comunidades produtoras de alimentos no Próximo Oriente. É o início do Neolítico (Zilhão, 2023, p. 8). No território que é atualmente Portugal, estas inovações relacionadas com o sistema produtor surgem entre o VI e o V milénio a.C. É o início do largo período designado Pré-História Recente, que se irá prolongar até aos finais do III milénio ou início do II milénio a.C. (Jorge, 2000). Por sua vez, as diferenças que se refletem nos vestígios arqueológicos, conduzem a uma subperiodização em Neolítico, Calcolítico e Idade do Bronze (Inicial).

Porquê trabalhar sobre este tema? Terminei a licenciatura em Arqueologia em 2007, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, e, à época, as questões relacionadas com as arqueologias feministas e de género não eram consideradas nas estruturas curriculares. As perguntas foram surgindo ao longo da minha vida profissional, mas mais relacionadas com as barreiras com que as mulheres se deparam na arqueologia empresarial. Em 2019, a convite do Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal, fui representar o Sindicato dos Trabalhadores de Arqueologia (STARQ) numa conversa dedicada ao tema feminismo e arqueologia, no âmbito das comemorações do Dia Internacional da Mulher. Nesse ano, já estava a fazer a parte letiva do Mestrado em Museologia e esse convite fez-me ir para além do estudo das condições de trabalho das mulheres arqueólogas em Portugal na atualidade, levando-me a ler sobre a representação das mulheres na arqueologia e nos museus e sobre a forma como a construção dos discursos sobre o passado tende a validar as representações da atualidade. Este caminho enraizou em mim uma pergunta: a nossa imagem representa-nos? Mais do que respostas, a pergunta arrasta uma série de questionamentos.

Analisar os museus implica tentar perceber o “quê”, mas também “quem”, por “quem”, “como” (Carvalho, 2016) e “para quem”. Por sua vez, no caso dos museus com coleções de arqueologia, esse entendimento obriga a uma compreensão da disciplina e, no assunto tratado, a uma perceção da abordagem dos temas feministas e de género nessa mesma disciplina. Seguindo um fio condutor cronológico da história da Arqueologia, pretendo enquadrar a forma como as questões feministas e de género foram surgindo, ou não, na ciência arqueológica até chegar ao panorama atual, com principal foco na realidade nacional. Através dos movimentos feministas procuro perceber o que foi “ser mulher”, sobretudo ao longo do século XX. A abordagem ao histórico destes movimentos foi igualmente importante para tentar compreender a entrada tardia e tímida das Arqueologias Feminista e de Género no contexto português. Ao mesmo tempo, fui procurando relacionar os movimentos feministas com ações de organismos institucionais, nacionais e internacionais, bem como de que forma esses mesmos movimentos se podem repercutir nas tomadas de posição políticas no sector da Cultura, particularmente nos museus, no que diz respeito à igualdade de género e não discriminação.

Atualmente as Arqueologias Feministas e de Género parecem ser alvo de maior

atenção por parte da comunidade arqueológica. Este desenvolvimento deveria obrigar a um processo paralelo no que respeita à divulgação científica, o que por sua vez implicaria incorporar essas perspetivas na museologia. Na sua génese, as Arqueologias Feminista e de Género procuraram combater as consequências do sexismo da sociedade ocidental sobre as interpretações arqueológicas (Voss, 2000). Pretendo igualmente perceber como as interpretações sobre o Passado, produzidas pela sociedade moderna ocidental, poderão ter consequências sobre as sociedades atuais, isto é, perceber como os museus integram os agentes de reprodução das estruturas de dominação (Bourdieu, 2002 [1998]), com possíveis consequências para os diversos géneros. Vários estudos apontam que os discursos arqueológicos e, conseqüentemente, os museológicos tendem a naturalizar a distinção e definição dos papéis sociais do homem e da mulher, uma divisão de tarefas com base no género (*e.g.* Querol Fernández, 2014; Mónton-Subías, 2000; Prados Torreira, 2017; Sánchez Romero, 2023) Ao mesmo tempo que a mulher é remetida para lugar de “cuidadora”, associada a atividades passivas e relegada para a invisibilidade, também outras masculinidades são silenciadas por um tipo masculino particular e hegemónico.

Nesta abordagem, torna-se importante falar sobre os conceitos de sexo e género, os quais não são totalmente consensuais e continuam a gerar discussão. Os termos estão implícitos em todo o trabalho desenvolvido na dissertação e, embora não seja nosso objetivo desenvolver aqui esse debate, torna-se importante perceber algumas das linhas de crítica. Tocar neste ponto conduz a uma outra inquietação: O que é ser mulher?

Uma das vertentes analisadas nas Arqueologias de Género e Feministas é o lugar de “cuidadora” para o qual é remetida a Mulher, o trabalho do cuidado.

No que respeita à Arqueologia, este tema encontra-se mais desenvolvido na vizinha Espanha, com investigadoras como Lourdes Prados Torreira ou Margarita Sánchez Romero, entre outras, a darem especial enfoque à questão. Em 2020 surgiu a SARS-COV2. Retomei a dissertação num momento em que eram notórios os efeitos sociais da pandemia, nomeadamente as consequências do confinamento. Os efeitos foram discutidos e analisados. Um deles foi um certo reconhecimento das atividades de cuidado e o seu contributo para a sociedade. Não recorro à expressão “trazer para a

discussão”, porque tem vindo a ser um tema paulatinamente debatido nos últimos anos, embora ainda com pouca projeção pública. Foi realçado que as atividades que caracterizam a economia do cuidado recaem sobretudo sobre as mulheres e a questão é: até que ponto é que os museus arqueológicos, com a perpetuação de estereótipos, poderão contribuir para a continuidade de assimetrias de género, funcionando como um mecanismo daquilo a que Bourdieu chama *forças históricas de des-historicização* (Bourdieu, 2002 [1998]).

Saliento que tenho vindo a questionar de que forma os museus poderão assumir uma agenda feminista, bem como de que forma essa posição tem vindo a ser tratada, não só pelas instituições museológicas, mas também por organismos internacionais, como, por exemplo, o ICOM (International Council of Museums) ou a Comissão Europeia. Isto implica também perceber como os museus se têm pensado a si mesmos e como têm vindo a mutar-se de acordo com o papel que consideram ter na e para a sociedade. Desta forma, abarca-se igualmente a importância social dos museus e da arqueologia. Os primeiros representam uma via não formal de ensino e como tal, têm a responsabilidade de ser um espaço de questionamento e reflexão. O perigo de transmissão de estereótipos como uma verdade inquestionável levanta sérias questões que têm de ser trazidas para discussão pública. Neste sentido, procurar-se-á provocar esse pensamento crítico acerca do cumprimento da missão destas instituições, cuja designação foi redefinida recentemente. Instituições essas que se espera, entre outros pontos, que se apresentem como espaços de memória, sociabilidade, promoção e troca de ideias, aprendizagem, representação e representatividade.

Metodologia

A metodologia de trabalho baseou-se essencialmente na análise de fontes primárias e no recurso a bibliografia de referência (Rechena, 2011; Querol, 2014; Cuesta Davignon, 2020),

A análise de fontes primárias reporta à visita de museus municipais de arqueologia, ou com coleções arqueológicas visitáveis, inscritos na Área Metropolitana de Lisboa. Os critérios de seleção dos estudos de caso foram o tipo de museu e o território em que se inserem, municipal e com arqueologia, independentemente do ano

em que foram projetadas as exposições. Assim, a ausência de uma data de referência como critério, terá consequências nas considerações finais sobre os estudos de caso. Porém, salienta-se que as exposições que serviram como estudos de caso, são as que estiveram abertas ao público entre os anos de 2020 e 2023.

Para proceder à circunscrição geográfica da análise, utilizou-se a Nomenclatura de Unidades Territoriais para Fins Estatísticos (NUTS). A Área Metropolitana de Lisboa corresponde a um território resultante da divisão de Portugal em 25 sub-regiões (NUTS III). Esse território abarca 18 municípios que se distribuem, grosso modo, nas margens Norte e Sul da lezíria e foz do Tejo. Assim, os municípios visados na presente pesquisa são: Alcochete, Almada, Amadora, Barreiro, Cascais, Lisboa, Loures, Mafra, Moita, Montijo, Odivelas, Oeiras, Palmela, Seixal, Sesimbra, Setúbal, Sintra e Vila Franca de Xira.

No caso de Lisboa, o museu analisado foi o Museu de Lisboa – Palácio Pimenta. Embora o Museu Nacional de Arqueologia se localize na capital e tenha desempenhado, desde a sua fundação, um papel fulcral para a arqueologia portuguesa e por conseguinte para a museologia arqueológica, essa antiga instituição não foi alvo de pesquisa devido ao seu estatuto de Museu Nacional.

A opção de análise de museus municipais prende-se igualmente com o facto de os espaços analisados serem posteriores à Revolução de Abril (1974). Com o 25 de Abril desenvolveram-se reflexões sobre a função social da Arqueologia, aprofundadas durante a década de 80, que implicavam uma maior proximidade à população. Houve uma consciencialização da potencialidade da Arqueologia como forma de enriquecimento das pessoas, não só pela transmissão de conhecimentos históricos e arqueológicos, mas também como elemento de formação, de sensibilização e desenvolvimento da cidadania (Bugalhão, 2021, p. 486). Os museus municipais, pelo seu enquadramento, representam essa possibilidade de proximidade e comunicação com a população.

Em alguns municípios não foi possível avançar com a análise pretendida porque, à data da execução deste trabalho, não possuíam espaços com coleções arqueológicas visitáveis ou porque as exposições patentes no momento não se enquadravam no âmbito cronológico da presente pesquisa, como é o caso de

Almada, Odivelas e Mafra. No entanto, as situações diferem entre si, pelo que não ter espaços visitáveis com coleções arqueológicas da Pré-história nos próprios municípios não significa taxativamente que não seja exposto algum do espólio resultante das intervenções arqueológicas efetuadas nesses territórios. Salienta-se o caso do Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal (MAEDS), em cujo espaço é apresentado material arqueológico proveniente de todo o distrito de Setúbal.

Nesses museus, a análise focou-se no discurso expográfico, isto é, no material produzido para apoio à leitura e interpretação dos artefactos expostos, nas imagens e textos das exposições.

Atualmente, o primeiro contacto com as exposições visitadas pode ser cibernético. Nessa perspetiva, a pesquisa também se debruçou sobre os sites dos museus, como por exemplo o caso da análise ao vídeo sobre o povoado de Leceia, disponível para visualização no separador associado à exposição e dedicado a esse sítio arqueológico, no site do município de Oeiras.

Apesar da seleção dos objetos para exposição também integrar o discurso expográfico, sendo uma opção museológica que pode ter por base preconceitos sexistas, optei por não incluir essa análise neste trabalho. Tendo em consideração que grande parte dos museus estudados ainda opta por expor um volume avultado de objetos, a meu ver tal propósito implicaria uma extensa e alargada pesquisa do inventário das reservas arqueológicas municipais para compreender se a seleção se poderá prender com motivos que envolvem preconceitos e estereótipos ou se estará relacionada com outros fatores, de que são exemplo os estados de preservação das peças. No entanto, inclui-se na pesquisa alguns objetos que são destacados através de imagens nos painéis expositivos, ou em alguns casos, através de textos isolados que realçam a presença de determinado artefacto nas vitrinas.

Tal como aponta Aida Rechená, museóloga e autora dos poucos estudos efetuados em Portugal no âmbito da museologia de género, “as metodologias de estudo de género em museologia e espaços museais” estão pouco desenvolvidas, pelo que a autora indica possíveis “caminhos a seguir para a construção dos instrumentos de análise”, apontados por algumas autoras, tais como Françoise Thébaud, Griselda Pollock ou Gaby Porter. Assim, utilizei a tese de doutoramento de Aida Rechená

como bibliografia de referência para a definição da metodologia (Rechena, 2011), pois o meu trabalho segue a mesma linha que o da autora, que se propõe analisar «exposições museológicas com uma perspectiva integrada de género para ultrapassar a legitimação das estruturas sociais e culturais de dominância masculina e a avaliação do papel da categoria género na construção do discurso expográfico e de que forma condiciona o resultado final de uma exposição museológica» (*idem*, p. 225).

Utilizando os trabalhos de Aida Rechena (2011) como referência, procederei a uma análise qualitativa. Para fundamentar esta abordagem, recorri igualmente ao trabalho da curadora e conservadora do Museo Nacional de Cerámica y Artes Suntuarias (Valencia) - Liliane Cuesta Davignon (2020), que tem vindo a coordenar monografias e a publicar artigos sobre museus e género. Segundo a última autora, para abordar a questão de género nos museus, existem «two main types of strategies when incorporating gender mainstreaming: quantitative, based on gender quotas, positive discrimination or visibility, and qualitative, based on the questioning of values, canon and discourses and the exploration of the concept of gender.» (Cuesta Davignon, 2020, p.82). Deste modo, uso o texto como material empírico, o que integra o texto narrativo, descritivo e de aplicação de grelhas. No caso do trabalho de Aida Rechena, a adoção desta metodologia de investigação permitiu-lhe partir de um quadro conceptual, no qual cruzou conceitos teóricos da psicologia social com os da sociomuseologia. Face à raridade de referências metodológicas, a autora optou «(...)por recorrer à listagem de estereótipos atribuídos às mulheres na contemporaneidade e às categorias de mulheres associadas aos papéis sociais que lhes são atribuídos.» (*idem*, p. 226). Em 2011, Aida Rechena apercebeu-se que «a imagem social da mulher ideal na atualidade é em si mesma exclusiva da maior parte das mulheres reais.», correspondendo a um tipo predominante: «a mulher jovem, bela, elegante, com uma carreira de sucesso que acumula com os deveres domésticos e familiares» (*idem*, p. 226). Por isso, numa perspectiva interseccional, a autora acrescentou categorias existentes no quadro mental da sociedade ocidental à sua grelha de análise. Procederia alterações, mas utilizarei como modelo a segunda parte da grelha de análise realizada por Aida Rechena, na qual a museóloga se refere «à aplicação dos estereótipos, papéis sociais e das categorias de mulher presentes em cada imagem», apontando «os campos relativos à descrição específica da imagem da mulher: a disposição da figura feminina

na obra, a relação com outras imagens, a representação individual ou em grupo, em posição de destaque ou em segundo plano» (*idem*, p. 227). Nesta justificação metodológica, Aida Rechená destaca que «nesta parte da grelha, assumimos que o/a sujeito/observador/a da exposição interpreta as imagens de acordo com o seu quadro de pensamento preexistente, validando a nossa abordagem individual, o que corresponde a uma análise pré-iconográfica da exposição.» (*idem*).

Inspirei-me na grelha efetuada por Aida Rechená para realizar uma tabela de análise. Ao adaptar os conceitos desta grelha, eliminei algumas categorias definidas pela autora e pensadas para a sua análise de museus que expõem realidades mais recentes e, como tal, desadequadas aos períodos da Pré-História.

A realização de grelhas facilitou a análise quantitativa das exposições. Regra geral, realizo três tabelas para cada museu. Na primeira é contabilizado o número de imagens na exposição, apontando a cronologia de cada uma e indicando se são imagens de artefactos ou cenas. As tabelas que são feitas para cada um dos museus são dedicadas à leitura das cenas, onde é indicado o número de cenas e, para cada uma delas, os seguintes tópicos: cronologia que ilustra; número de pessoas reconhecidas, apontando se são homens ou mulheres. Na mesma tabela, são descritas as formas de representação dos homens e das mulheres, em que utilizo as categorias definidas por Aida Rechená. Os pontos relativos à representação são os seguintes: Idade; relação intergrupá; posição; espaço; papel; postura; atividade; subcategorias de mulher; estereótipos femininos (Rechená, 2011). Em relação ao espaço, considereei como enquadramento doméstico quando as personagens surgem na proximidade ou no interior de estruturas (cabanas, silos, lareiras, lixeiras, etc.) onde terão sido desenvolvidas atividades quotidianas.

Níveis de análise	Subnível de análise 1	Subnível de análise 2
Número total de imagens	Homens/Mulheres/Não identificados	Nº de homens/ Nº de mulheres
Relação intergruppal	Sozinha	
	Grupo	Com outras mulheres/Com outros homens/Com crianças
	Posição	Destaque/Secundária/Igualitária
	Postura	Em pé/em pé, curvada/sentada/de joelhos/agachada
	Papel	Ativo/Passivo/Não identificado
	Espaço	Privado/Íntimo/Doméstico/Público/Sagrado/Não identificado
Idade	Criança/jovem/adulto(a)/ idoso(a)	
Subcategorias de mulher	Mulher-mãe/ Mulher-esposa/ Mulher-dona de casa/Mulher-trabalhadora/ Mulher-sagrada/outro	
Atividade	Caça ou esquitejamento/ pesca/recoleção/pastorícia/agricultura/ tecelagem/metalurgia/outros	
Estereótipos femininos	Afetuosa/ágil/atraente/bela/carinhosa/ dependente/elegante/emotiva/frágil/infantil/ jovem/maternal/meiga/ociosa/romântica/ sensível/sentimental/submissa/sedutora/ sofredora/delicada/voluptuosa/outros	

Tabela 1 – Critérios para análise de cenas.

O campo de preenchimento relativo à postura foi inspirado pelas análises a museus com coleções de arqueologia realizadas pela arqueóloga espanhola Maria Ángeles Querol (2014).

Por termos de comparação, são preenchidos quase todos os campos de representação para homens e mulheres. Contudo, como o objetivo deste trabalho é o estudo das representações das mulheres, as subcategorias e estereótipos baseados nas categorias definidas por Aida Rechená, aplicam-se somente aos elementos femininos.

Partindo do conjunto de referências existentes, houve uma preparação da pesquisa anterior às visitas aos museus, implicando a colocação de uma série de perguntas prévias ao discurso expositivo (anexo I). As ferramentas de registo foram: diário de campo com a resposta às perguntas predefinidas e o registo descritivo e fotográfico das exposições museológicas. As grelhas de análise foram preenchidas *a posteriori*, a partir do diário de campo.

Baseando-me no artigo de Maria Ángeles Querol (2014), efetuo ainda uma tabela, comparativa para os museus analisados. Esta ferramenta permite uma análise e comparação estatística tendo em consideração o ano de inauguração das exposições. As tabelas fornecem uma leitura geral e imediata quanto ao número de imagens e a percentagem de mulheres representadas nessas cenas, bem como à forma predominante de representação das mulheres, como por exemplo: se estão de pé, sentadas ou de joelhos.

Uma vez mais usando a tese de doutoramento de Aida Rechená como modelo, nos estudos de caso, elaboro a descrição e interpretação para cada museu. Desta forma, é feita a apresentação do circuito museográfico, da área da Pré-História, e realizada a análise a partir dos recursos já explicitados.

É feita ainda uma análise qualitativa das expressões usadas nos discursos museológicos. Procuo identificar as expressões mais utilizadas, como por exemplo, observar se é usada a expressão “evolução do Homem” ou “evolução da humanidade”.

Deliberadamente, a parte introdutória do trabalho é mais extensa, pois considerei esse enquadramento importante não só para estruturar, mas também para fundamentar o pensamento e a crítica efetuada nos estudos de caso.

Quanto à organização da bibliografia, utilizei a norma de Harvard (Autor, data). Esta foi elaborada por ordem alfabética pelo sobrenome do autor.

A construção de um outro Presente: Arqueologias Feministas e de Género

As narrativas são feitas de silêncios

Raoul Peck

Embora as críticas feministas e de género surjam no seguimento da segunda vaga feminista, procuro fazer uma breve mostra das reivindicações feitas pelos primeiros movimentos feministas, a partir do século XVIII. A partir destas exigências também é possível criar um retrato das mulheres e dos homens do Ocidente quando nasceu a Arqueologia.

Ao longo do trabalho recorro à utilização da teoria das vagas feministas, contudo saliento aqui a sua problematização. A classificação dos feminismos em vagas, consagrada na literatura, tem vindo a ser alvo de críticas. Uma das problemáticas é a de que a narrativa dominante dos feminismos tende a omitir a diversidade feminista para além do Ocidente e a transmitir uma visão de progresso, ou rutura, homogeneizando movimentos (Ribeiro, 2017, p. 52). Este ponto é destacado no curso *Gender, Sexuality, Feminist and Social Justice Studies*, no qual a professora e organizadora Alex Ketchum, investigadora do *Institute for Gender, Sexuality and Feminist Studies* da Universidade McGill, alerta para os problemas inerentes à categorização dos feminismos em vagas, que considera estar «organized around political concerns of the women's movements during a certain period and are organized around the idea of generations: generations of thought and generations of activists» (Ketchum, 2021). Segundo a investigadora, esta organização, geralmente associada a uma geografia específica, condiciona a perceção de que «The intellectual history of feminist theory, philosophy, and activism points to the long histories of these ideas. This also points to the difficulty in locating starting points and end points of ideas and activism» (*idem*). Por isso, apesar de fazer uso desta categorização, há que salientar que o feminismo não é um movimento unívoco e monolítico, pelo que também optei por utilizar, sempre que possível, o termo no plural: feminismos.

Infelizmente, dado existir uma contínua tendência de deturpação do significado de feminismo, nesta introdução considero importante apresentar a sua definição:

«Movimento(s) que visa(m) a igualdade social, política, económica e cultural, entre mulheres e homens, pugnando pelos direitos das mulheres» (CIG). Tal como Lígia Amâncio e Isabel do Carmo, autoras de “*Vozes Insubmissas: A história das mulheres e dos homens que lutaram pela igualdade dos sexos quando era crime fazê-lo*” referem em relação à primeira vaga de feminismo ou “primeira vaga de rebeldes”, considero igualmente importante ressaltar o seguinte:

a sua luta foi pela igualdade de direitos, mas nunca foi pela igualdade dos sexos. Foi sim por aquilo, a que hoje se chama o direito à diferença, isto é, o direito às características femininas e masculinas se manterem diferentes, mas serem tidas em pé de igualdade (Carmo & Amâncio, 2004, p.16).

As virtudes que convêm ao seu sexo: o nascimento da arqueologia e os primeiros ecos feministas

Ora, estou em crer que esta poeta, que nunca escreveu uma palavra e que foi enterrada numa encruzilhada, continua a viver. Vive em vocês e em mim, e em muitas outras mulheres que não estão aqui esta noite, porque estão a lavar pratos e a deitar os filhos. Mas ela vive; pois os grandes poetas nunca morrem; são presenças contínuas; só precisam da oportunidade de caminhar entre nós num corpo vivo.

Virginia Woolf, *A Room of One's Own*

A Arqueologia e os primeiros movimentos feministas surgem praticamente no mesmo período. Contudo, os últimos não parecerão ter repercussão na Arqueologia por largos anos...pelo que teremos que ir até finais do século XX para as primeiras críticas abalarem a disciplina...e teremos mesmo que aguardar pelo século XXI, para que essas primeiras críticas reverberem na comunicação da Arqueologia para a sociedade.

A Arqueologia nasce numa Europa marcada pelas invasões napoleónicas, num clima de transformação social, política, ideológica e económica; num ambiente de reconfiguração dos Estados que procuram no Passado referências identitárias para as reivindicações territoriais e nacionais, que sustentem a regulação do Poder na nova situação política (Sánchez Romero, 2018, p. 41). O arqueólogo Carlos Fabião destaca os

princípios que conformaram a construção da disciplina segundo o ambiente vivido na época:

a Arqueologia nasceu, afirmou-se e cresceu no seio das camadas ilustradas das sociedades europeias da segunda metade do século XIX. A relevância social particular que a disciplina adquiriu naquela época baseia-se em dois grandes “pilares”: por um lado, [...] fornecer um quadro de explicação para a origem do Homem e do Mundo mais consentâneo com o novo “espírito do século”, por outro, por passar a figurar entre os caminhos privilegiados para a construção das “memórias nacionais” (Fabião, 1999, p. 106).

A designada primeira vaga feminista é geralmente enquadrada entre os finais do século XIX e início do século XX, sobretudo em países como os Estados Unidos e Reino Unido (Carvalho *et al.*, 2003, p. 36), e é marcada pelo sufrágismo, mas também «pela procura de uma identidade própria, do direito à educação, do direito de criar cultura, do direito de entrada em certas profissões, do direito de votar e de ser eleita» (Vicente, 2002, p. 391). Estes primeiros movimentos são geralmente associados às elites letradas. Contudo, nestes cenários de luta estiveram «mulheres do povo, trabalhadoras, proletárias ou mulheres de outras classes proletarizadas por vontade própria.» (Carmo & Amâncio, 2004, p. 16).

Outros autores apontam que os primeiros movimentos feministas despontam no século XVIII, antecedendo o próprio conceito de feminismo (Amâncio, 2003, p. 695). Nesta perspetiva, são contemporâneos da Revolução Francesa e acompanham a emergência da Modernidade e das suas contradições, de que somos herdeiras e herdeiros. Os textos que surgem nestes primeiros tempos são, geralmente, manifestações de protesto contra a exclusão das “mulheres da noção de cidadania” (Carmo & Amâncio, 2004, p.27). Lígia Amâncio e Isabel do Carmo destacam o paradoxo dos universalismos da Modernidade, apontado pela historiadora Joan Scott (1998, *apud* Carmo & Amâncio, 2004, p.29):

O universalismo dos direitos políticos individuais - esses direitos naturais do homem à igualdade e à liberdade, gloriosas heranças das Luzes e da Revolução - e o universalismo da diferença entre os sexos, considerada diferença natural entre os homens e mulheres que pode ser lida no corpo de todos os seres humanos, sejam quais forem as outras diferenças entre eles.

Esta distinção designa na natureza a justificação da dominação. Não tardou que tais contradições fossem denunciadas, mas com um preço (Carmo & Amâncio, 2004, p. 97):

Olímpia de Gouges, nascida com uma imaginação exaltada, tomou o seu delírio por inspiração da natureza. Quis ser homem de Estado e defendeu os projetos dos pérfidos que queriam dividir a França. Parece que a lei puniu esta conspiradora por ter esquecido as virtudes que convêm ao seu sexo.

É assim que a imprensa francesa descreve a condenação de Olympe de Gouges à guilhotina, em 1793. Dois anos antes, Olympe de Gouges havia publicado “Déclaration des droits de la femme et de la citoyenne (1791)”, que é considerado um dos textos fundadores do feminismo. Este texto foi uma denúncia ao facto da *Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão*, votada pela Assembleia Nacional Constituinte francesa em 1789, se referir somente ao homem (*idem*, p.37).

A reivindicação pelo direito à educação também antecede o século XIX. Outra obra de referência do século XVIII é “The Vindication of the Rights of Women” (1792), de Mary Wollstonecraft, a qual questionava os determinantes sociais do modelo de ser feminino. Foi realizada em resposta ao projeto do diplomata Talleyrand, defendido na Assembleia Nacional Francesa, que excluía as mulheres da educação nacional (Amâncio, 2003, p. 695).

Em Portugal, a primeira vaga feminista irrompe num contexto de crise monárquica (Vaquinhas, 2009, p. 251). Será no fim da Monarquia e princípio da República, que podemos constatar o início de movimentos de emancipação das mulheres a nível cultural, político e social, no qual se destacou uma primeira geração que pertencia às elites mais letradas e cultas (Samara, 2007, pp. 13-14). O atraso na industrialização, com a consequente fraqueza e atraso do movimento operário, bem como as elevadas taxas de analfabetismo e a “simplicidade dos ideais socialistas”, explicam a entrada tardia das lutas pela igualdade de direitos entre homens e mulheres em Portugal (Carmo & Amâncio, 2004, p. 20). Contudo, ainda que atrasada quando comparada com outros países, podemos recuar a preocupação com a instrução e incorporação das mulheres no espaço público, com a sua entrada na indústria e no sector terciário, ao período da Regeneração (1851-1868). A procura pela modernização do país e equiparação aos países vistos como mais cultos, permitiu uma reflexão sobre o papel,

direitos e responsabilidades das mulheres na sociedade portuguesa. Todavia, as suas funções tradicionais, enquanto esposa e mãe, e o seu papel na vida privada são sublinhados e vistos como fatores de progresso e veículos para a criação do Estado- Nação (Vaquinhas, 2020, p.2). Segundo a investigadora Irene Vaquinhas, a construção dos Estados-Nação também implicou a delimitação de fronteiras entre os espaços públicos e privados, os quais eram sexualmente conotados, o que conduziu à exclusão das mulheres dos primeiros (Vaquinhas, 2009, p. 248). Esta realidade irá verificar-se nas primeiras décadas de Arqueologia em Portugal e prolongar-se pela segunda metade do século XX. Ao analisar a representação e o papel das mulheres nos museus nacionais nesta época, e no Museu Nacional de Arqueologia em particular, as arqueólogas Ana Cristina Martins e Maria Ángeles Querol (Martins & Querol, 2018, p. 1337) apontem:

a generalidade das mulheres permanecia à margem da maioria dos atos públicos, incluindo dos que mereciam redobrada atenção por parte de quem se consagrava às esferas educativa e cultural, presumidamente mais consonantes àquela que era então entendida como a «natureza» feminina. Assim se compreenderá melhor que, na maioria das vezes, as mulheres continuassem afastadas dos trabalhos conduzidos no MNA.

Com uma preocupação com a internacionalização, foram diversos os meios usados pelos movimentos feministas para dar a conhecer as causas defendidas: congressos, petições, manifestações, imprensa (Cova, 2007, p. 38). O primeiro congresso feminista em Portugal - Congresso Feminista e de Educação (1924), organizado pelo Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas (1914-1947) - revela as reivindicações feministas portuguesas, que refletiam as causas internacionais: a obtenção do direito de voto, a luta por direitos sociais e jurídicos, bem como a ampliação dos direitos políticos e a coeducação (Goellner & Jaeger, 2007, p.840). A educação, que tinha começado por ser uma necessidade social para a consolidação dos Estados-Nação, tornou-se uma das principais exigências dos primeiros movimentos feministas.

Virgínia Quaresma, primeira mulher jornalista em Portugal e feminista que contribuiu para a afirmação das mulheres no espaço público, declarava:

a educação da mulher não poderia ser ministrada simplesmente com o intuito de a tornar uma educadora dos filhos, pois nem todas as mulheres tinham como destino o

casamento ou o serem mães. Por isso, os estudos eram primordiais para assegurar a própria subsistência, tornando-se o aspeto económico «o ponto capital em que deve assentar o problema feminista (1907) apud Esteves, 2022, pp.45-46).

No entanto, a jornalista tinha igualmente noção da existência de distintas correntes nas reivindicações feministas (Esteves, 2022, p.46). De facto, desconhecido do defendido por Virgínia Quaresma, a organização político-partidária feminina Liga Republicana das Mulheres Portuguesas – LRPM (1908-1919) considerava que «a educação da mulher prepara-a para ser uma boa mãe (com conhecimentos de puericultura) de cidadãos republicanos (Macedo & Amaral, 2005; Samara, 2010)» (fem.org.pt, s.d.). Esta posição não contrariava o papel tradicional da família, consentâneo da época, no entanto já começavam a ser combatidos os argumentos de que as mulheres não teriam as mesmas capacidades cognitivas que os homens. Ana de Castro Osório, uma das fundadoras da LRPM, publicou o livro “*Às mulheres portuguesas de 1905*”, considerado por alguns como o manifesto do movimento feminista português, no qual reclamava pela justiça da luta feminista, alertando para os avanços da ciência que então já negavam as diferenças entre os cérebros feminino e masculino (*idem*).

Na obra *When God Was a Woman* (1976), a investigadora Merlin Stone demonstra a influência dos escritos cristãos no pensamento da sociedade ocidental, os quais afirmam a superioridade do Homem, criado à semelhança de Deus (Patou-Mathis, 2021, pp. 42-52). Em Portugal, temos também de considerar que estes primeiros movimentos feministas convivem com uma forte influência da religião católica sobre a ideia de mulher que, com base no mito de Adão e Eva, inculca a submissão das mulheres aos homens no inconsciente coletivo. Aliás, com a subida de Salazar ao poder, esta visão acentua-se. A investigadora Irene Vaquinhas (2009, p. 249) refere:

Relativamente ao período da I República (1910-1926), o salazarismo introduz, no princípio da igualdade dos sexos enunciado na Constituição de 1933, uma disposição específica que, "em nome das diferenças resultantes da natureza e do bem da família", negava às mulheres a completa igualdade com os homens. O salazarismo permaneceu apegado à ideia tradicional de que as mulheres se situam do lado da natureza e os homens do lado da cultura, mantendo-se, por conseguinte, fiel às mensagens da igreja católica expressas nas encíclicas Rerum Novarum (1891) e Quadragesimo anno (1931).

Constitucionalmente, as mulheres eram seres biologicamente condicionados. A lei definia que o homem era o “chefe de família”, sendo o decisor da vida conjugal e à “esposa” competia o “governo doméstico”, “naturalmente” (Ventura, 2012, p.68). Segundo Sérgio Gomes, autor da tese de doutoramento “O Passado, a Identidade e as Teias do Governo. Estudos sobre os Entrelaçamentos das Práticas de Produção do Conhecimento Arqueológico e de Construção da Identidade Nacional Salazarista”, a família apresenta-se como:

formação orgânica e ética, reproduz assim a uma escala da intimidade a ordem pública da Nação [...]. A família é um quadro de uma reprodução social, na medida em que é uma célula em que promove modelos hegemónicos de género [...]. A figura da mulher torna-se crucial nesse movimento de reprodução, dado que aglutina à reprodução biológica, a reprodução (educação) espiritual, e a reprodução dos recursos da família, enquanto elemento de governo da ecologia do nicho familiar (2011, p.333-336).

Importa ainda salientar a consideração que Sérgio Gomes faz sobre a possível influência que algumas representações “do(s) feminino(s)” terão tido na associação que A. do Paço e E. Jalley fazem entre um vaso oblongo, recolhido nas escavações de Vila Nova de São Pedro (1937-1967), e o universo feminino, especialmente no que respeita à maternidade. Esta reflexão é importante não só para exemplificar como a ideologia da época influenciou as interpretações arqueológicas, mas também para pensar sobre “outras formas de ser mulher”, que também se integravam numa espécie de hierarquia. Tema, aliás, que desenvolverei no capítulo “Ser “mulher” ... “ser homem”? O Sexo e o Género. O autor relaciona essa interpretação com a imagem de Rosinha, uma jovem balanta da Guiné, que foi coroada “Rainha” da Exposição Colonial do Porto (1934), a qual representava “outra forma de ser mulher”, que iria ao encontro da construção da visão estadonovista, “sensual” e “exótico”, de um “feminino dos indígenas das colónias”. Frisa ainda um texto de Marta Mesquita da Câmara (1936), no qual a autora destaca a postura de Rosinha como um modelo de «exemplaridade na indiferença com que se deixa fotografar que serve de crítica a “muitas brancas”» (apud Gomes, 2011, p.523). Sobre isto, Sérgio Gomes aponta:

vai no sentido de enaltecer o papel da mulher no projecto colonial, propondo que se veja a Exposição como uma lição do trabalho de mulheres que, não se exibindo, contribuem silenciosamente para a Missão Civilizadora portuguesa. [...] [e expressa]

uma ideia de uma mulher com uma missão específica: a de coadjuvante nos projectos de uma figura masculina hegemónica, definindo, assim, o seu lugar na topografia das relações sociais (Gomes, 2011, pp. 519 - 524).

No final da I República, algumas das mulheres que lideraram os movimentos feministas no país mostraram-se desiludidas e o Estado Novo remeterá cada vez mais as mulheres para «a esfera tradicional, ligada à casa, ao mundo doméstico e à domesticidade.» (Samara, 2007, p.14). A Mocidade Portuguesa Feminina era um dos meios que, através da educação, pretendia inculcar e aprofundar nas mulheres a vocação para a maternidade, para o cuidado e para a esfera privada do lar. Através da propaganda, ao mesmo tempo que o Estado Novo incutia esta visão e “forma de ser mulher”, apresentava o feminismo como adversário da nação e denegria outras lógicas de vida familiar (Madeira, 2022: 11). A Ditadura irá aprofundar a crença no determinismo biológico.

Verifica-se assim que o impulso dos primeiros movimentos feministas em Portugal foi abortado pelo regime ditatorial, que se instalou a partir de 1926 com o governo de Salazar (Goellner & Jaeger, 2007, p. 840), tendo as herdeiras destes primeiros movimentos mobilizado a sua luta contra a ditadura (Amâncio, 2003, p. 691). As eleições de 1969, que decorreram durante a “Primavera Marcelista” – o designado plano de “renovação na continuidade” – são um exemplo dessa mobilização das mulheres contra a Ditadura. Na campanha política é criada a «Comissão Democrática Eleitoral das Mulheres do Distrito de Lisboa» e, apesar de a Comissão incitar as mulheres a tomarem consciência dos seus direitos e reivindicações próprias, o apoio feminino à oposição acaba por ser «marcado, sobretudo, pelos problemas gerais que afetam o país (emigração, guerra, liberdade, problemas económicos e sociais)» (Ventura, 2012, pp. 87-88). Para escrever o livro “As Primeiras Mulheres Repórteres. Portugal nos Anos 60 e 70”, a socióloga Isabel Ventura, procedeu a uma recolha oral durante a qual ficou explícito que os problemas das mulheres eram minorizados face à causa maior que era a democracia. Neste sentido, a autora salienta: «Várias entrevistadas mencionaram que se acreditava que a questão feminina se diluía na questão fascista. Assim, refugiavam-se na crença ou na esperança de que a primeira se resolveria quando a última se resolvesse.» (*idem*, p. 41). Como veremos adiante, estes

são alguns dos motivos que poderão explicar a entrada tardia das arqueologias feminista e de género em Portugal.

Não obstante as lutas travadas, um determinado imaginário social impunha-se e, como vimos, até mesmo dentro dos primeiros movimentos feministas. Esse imaginário colocava as mulheres no patamar da natureza e os homens no patamar da cultura e da tecnologia, essenciais ao progresso da humanidade. A arqueologia absorveu e contribuiu para a disseminação desse imaginário. Nos cenários que serão criados para retratar a Pré-História, o que define as mulheres será o corpo, seja ele representado associado ao materno como natural, quer seja de forma sexualizada. Marga Sánchez Romero, investigadora e autora do livro *Prehistorias de Mujeres*, defende que a leitura enviesada sobre as sociedades do Passado, que se refletia em representações de cenas da Pré-História, que se generalizaram em finais do século XIX e inícios do século XX, ou até na dispersão de mitos como o das Amazonas, contribuíram para fundamentar a negação dos direitos das mulheres (2002, p. 36).

Apesar das primeiras críticas feministas e do caminho que será trilhado pelas arqueologias feministas e de género, a herança da época em que surgiu a arqueologia irá prolongar-se no tempo. A título de exemplo: já no século XXI, no artigo “Para a História das Mulheres na Pré-História: em torno de alguns atributos do discurso”, a investigadora Mariana Diniz, referindo-se a uma imagem que surge num livro publicado em 2000 e direcionado ao público infantojuvenil¹, aponta, num tom marcadamente irónico, que «o leitor da obra não deixará de, enternecido, ou entristecido, constatar que a vida na distante Pré-História era afinal idêntica à da burguesia ocidental e urbana de quase todo o século XX...» (Diniz, 2006, p. 42).

¹ BEAUMONT, E. (2000) – Dicionário por Imagens dos Dinossauros e da Pré-História. Lisboa: Fleurus

Were They All Men? Levantam-se outras vozes

Saltemos umas décadas, até à denominada segunda onda feminista, caracterizada como um movimento de libertação das mulheres do Ocidente, situada entre meados dos anos 60 e a década de 80 do século XX (Nogueira, 1996, p.155). A exposição da estrutura androcêntrica da sociedade ocidental e a opressão à Mulher, com destaque para a esfera do trabalho e, sobretudo, no seio da «família nuclear como instituição imutável, natural e necessária», foram dos principais focos de crítica desta vaga (*idem*, p.156).

Ao mesmo tempo que se acentuam os movimentos feministas, os estereótipos das interpretações arqueológicas estendem-se também à cultura *mainstream*. A arqueóloga Margarita Sánchez Romero refere, como exemplo, a série “The Flintstones”. Aponta que a comédia estreia na década de 60 do século XX e, no que poderíamos chamar uma oposição ao movimento da saída das mulheres do lar que caracteriza os Feminismos de Segunda Vaga, transporta a imagem de uma família Ocidental e típica da classe média para a denominada “Idade da Pedra”, reproduzindo o ideal de família nuclear em que os homens trabalham e as mulheres ficam em casa, contribuindo para a ideia de que esse era o papel das mulheres desde a Pré-História. A investigação arqueológica sustentava tais ideais com a publicação de obras como *Man The Toolmaker (1957)* e *Man The Hunter (1968)*, com atividades e tecnologias desenvolvidas pelo Homem a explicar e a ocupar um papel determinante na evolução histórica (Sánchez Romero, 2018, pp. 43-44)

Fundamental para a tomada de consciência dos feminismos de segunda vaga, foi a perspetiva do “género” enquanto construção social. Nesta lógica, a subordinação das mulheres, não sendo biologicamente determinada, poderia ser alterada. Simone de Beauvoir, nome central do movimento feminista, denuncia a opressão masculina e o sistema em que o homem é a norma e a mulher é a alteridade. *On ne naît pas femme: on le devient*, frase da sua obra *Le Deuxième Sexe (1949)* plasma a dissociação do conceito de “género” do conceito de sexo biológico e torna-se um dos principais lemas do movimento.

Favorecida pela expansão do sistema universitário que ocorreu após a segunda guerra mundial e que trouxe para a ciência uma nova geração sensível aos movimentos de protesto da época, a agenda dos movimentos feministas repercute-se nas ciências sociais na década de 1970. Neste contexto, surgem críticas aos pressupostos em que assentava a produção nas ciências sociais, tais como o universalismo, «a imunidade da ciência ao sexismo e ao racismo, a sua autonomia e independência políticas (Santos, 1987 e 1991), assim como as ideias de imparcialidade e objectividade científicas (Ziman, 1998)» (Amâncio, 2003, p. 694). É neste ambiente de mudanças epistemológicas que se vive, durante a década de 70 do século XX, que vai surgir a Nova Museologia, de que falarei mais adiante (Rechena, 2011, p.103). É também nesse período que o conceito de género entra no discurso das ciências sociais. Na década de 1980, ainda que envolvido num conflito ideológico, o género surge no discurso político e institucional, começando a integrar-se nas políticas dos direitos humanos e da luta contra a discriminação com base no sexo, bem como a difundir-se na opinião pública, através da Comunicação Social (Amâncio, 2003, p.688).

Assim, no pensamento arqueológico ocidental, o que parecia ser entendido como natural durante a primeira metade do século XX, começa a ser alvo de críticas. As posições teoricamente neutras e objetivas da disciplina começam a ser criticadas, procurando demonstrar que a Arqueologia reproduziu visões nacionalistas, classistas, racistas, sexistas e androcêntricas nas interpretações do Passado (Wylie, 1997), tornando os comportamentos e atividades dos homens brancos de elite na norma representativa da cultura do Passado Pré-Histórico (Nelson, 2004). Acentuou-se a crítica e apontou-se que a História, e a Arqueologia, eram feitas por homens e para homens e quando as mulheres surgiam representadas era através da sua relação com os homens (Sánchez Romero, 2018; Patou-Mathis, 2021, p. 39).

Não se poderão deixar de citar dois marcos no surgimento da Arqueologia Feminista. O primeiro momento é em 1979, quando, numa conferência organizada pela *Norwegian Archaeological Association*, os investigadores Reidar Bertelsen, Arnvid Lillehammer e Jenny-Rita Naess colocam uma pergunta: "Were They All Men?" (Mary, 2017). O segundo momento corresponde à publicação do artigo *Archaeology and the Study of Gender* (1984), pelas arqueólogas Janet Spector e Margaret Conkey, na América do Norte. Estes marcos ocorrem numa época em que a teoria e política

feministas dos Estados Unidos debatiam o que entendiam como a opressão universal das mulheres pelo patriarcado (Voss, 2021, p. 287).

Embora Conkey e Spector viessem a ser acusadas de uma leitura simplista do passado, o seu artigo é pioneiro e muito importante para o impulso da crítica feminista em arqueologia. As autoras apontam as causas historiográficas, sublinhando a matriz e domínio androcêntricos da teoria e prática arqueológica. Partindo da prática feminista, as arqueólogas obrigaram a uma reflexão epistemológica e, para além de apontarem a falta de objetividade da Arqueologia, apresentaram o “género” como uma classificação social e não biológica e, como tal, variável no espaço e no tempo. Neste aspeto, Conkey e Spector, inspiraram-se em estudos feministas já existentes, particularmente na área da antropologia, que já alertavam para a necessidade de considerar a Mulher como sujeito histórico (Berrocal, 2009, p. 28). As autoras reivindicavam a aplicação de novos modelos no estudo do Passado, que questionassem a universalidade da divisão sexual do trabalho e que desafiassem a sobrevalorização das atividades tradicionalmente atribuídas aos homens em detrimento daquelas tradicionalmente associadas às mulheres (Voss, 2000, p. 288).

Em 1988, com o propósito de realizar um encontro, a arqueóloga Margaret Conkey, agora em conjunto com a também arqueóloga Joan Gero, perguntou a várias pré-historiadoras, e pré-historiadores, se estariam dispostas a considerar o género como tema nos seus campos de análise (Wylie [1991]1999, p.26). Neste seguimento, ambas organizaram a conferência *Women and Production in Prehistory*, nos E.U.A., que resultou, três anos depois da conferência, na publicação *Engendering Archaeology: Women and Prehistory*. Este volume assume-se como outro esforço importante na história da arqueologia feminista, o qual, segundo María Cruz Berrocal, arqueóloga e investigadora da Universidade de Cantábria, atacava três principais frentes: o machismo na arqueologia, a marginalização das mulheres no registo e discurso arqueológicos e a falta de reflexão sobre o género no Passado (Berrocal, 2009, p. 29). Não obstante estes primeiros impulsos, é após 1990 que se começam a aprofundar outras questões nas teorias feministas.

No final do século XX, surgem movimentos que expõem as dificuldades que as mulheres de diferentes classes, etnias e identidades de género enfrentam, que são geralmente integrados na terceira vaga feminista.

Entre os nomes marcantes deste período está o de Kimberlé Crenshaw, norte-americana, professora de Direito e defensora dos direitos civis. Em 1989, Crenshaw desenvolve a teoria da interseccionalidade, em resposta às múltiplas formas de opressão às mulheres. Esta teoria marca o feminismo interseccional, que centra as vozes daqueles que experimentam formas sobrepostas e simultâneas de opressão, a fim de compreender a profundidade das desigualdades e as relações entre elas num dado contexto (Crenshaw, 1989).

Atualmente, na crítica feminista e de género, a ideia de que o género se cruza com outras categorias identitárias, tais como idade, etnia ou *status* está bastante presente.

A crítica arqueológica feminista alertou que a divisão do trabalho em função do género não deve ser considerada como um dado adquirido, isto é, pode não ter existido em algumas culturas, nem ter estado limitado a um modelo estritamente binário.

O feminismo de terceira vaga é marcado pela teoria *queer*, a qual viria a ser utilizada para teorizar o projeto arqueológico feminista (Voss, 2000). Estes movimentos viriam a desafiar, e até mesmo a rejeitar, o modelo binário implicado nos conceitos de sexo e género. Outro dos nomes desta vaga feminista é o de Judith Butler, uma das principais referências da teoria *queer*. Em 1990, na sua obra “Problemas de Género”, desenvolve a teoria da Performatividade. Embora sujeita a crítica no movimento feminista, é uma das influências fundamentais para a reflexão sobre a identidade e relações de género nas ciências sociais. Na teoria da Performatividade, a autora defende que a categoria de “Mulher” é uma ficção criada (implica antecipação) e mantida pela repetição de comportamentos expectáveis (repetição e ritual). Daí a afirmação de que o género é performativo, sendo uma categoria histórica em constante processo de remodelação e sujeito a normativas culturais. Considera que a identidade de género é mais um produto do que uma causa. O género não é totalmente determinado, nem totalmente artificial ou arbitrário (Butler, 1990).

A investigadora canadiana Alison Wylie divide o sexismo e o androcentrismo em Arqueologia em grandes categorias nas críticas: conteúdo e equidade.

A equidade respeita à caracterização da realidade arqueológica: trabalho, ensino e Academia, estruturas institucionais.

Referindo-se ao conteúdo, distingue que este poderá relacionar-se com o apagamento ou com a forma como as mulheres e o gênero são representados. O primeiro corresponde a apagar as mulheres e o gênero da seleção do tópico de pesquisa mesmo quando esses conceitos são cruciais para a narrativa. Um dos exemplos citados é a investigação desenvolvida por Pat Watson e Mary Kennedy na América do Norte, em que as autoras apontam o que consideram uma lacuna na explicação dominante para a emergência da agricultura. Se por um lado, para o período anterior ao seu desenvolvimento, a tarefa da coleta é frequentemente associada às mulheres, por outro, quando ocorre a domesticação de cabacas e milho, deixa de lhe ser atribuído um papel nesta mudança (Wylie, 1997, pp. 81-82).

Sobre a questão do tópico de pesquisa levantado pelas críticas feministas emergentes na arqueologia, a arqueóloga Mariana Diniz refere que «Entre as múltiplas vozes consagradas na pós-modernidade, (h)ouve-se a das mulheres que, empenhadas na construção de um outro Presente, procuram, construindo novos inquéritos, os dados necessários para a construção de outros Passados.» (2006, p. 37). Achei necessário citar a frase de Mariana Diniz, pois considero que o termo “construção de um outro Presente” resume bastante bem o contributo das arqueologias feminista e de gênero.

O segundo item do conteúdo apontado por Wylie respeita às interpretações arqueológicas, que são frequentemente construídas com enquadramentos de gênero, ou seja, quando as funções atribuídas a objetos e sítios são muitas vezes acompanhadas por especificações de gênero, ou que os modelos de interpretação para fenómenos culturais diversos resultam muitas vezes na projeção de premissas de cariz etnocêntrico e androcêntrico na Pré-História. Essas premissas refletem-se na divisão do trabalho ou no *status* e nos papéis atribuídos às mulheres na Pré-História, sendo esta frequentemente remetida ao ambiente doméstico (Wylie, 1997, pp. 81-82).

Wylie atribui grande importância ao cruzamento das duas categorias na perspectiva de explicar o porquê da produção e persistência de silêncios e estereótipos em Arqueologia. É sobretudo sobre a questão do conteúdo que pretendo debruçar-me, mas tal como aponta Wylie, as duas categorias cruzam-se.

Nos últimos anos, verificou-se uma intensificação na produção e divulgação científicas e, aparentemente, uma crescente atenção por parte da comunidade arqueológica a estas perspectivas. São várias as abordagens que têm vindo a ser desenvolvidas, mas é sobre a crítica às narrativas dos museus com arqueologia que pretendo debruçar-me.

As arqueologias Feministas e de Género em Portugal

A observação das desigualdades desde a infância, a “crença cega” da adolescência, a revolta posterior ao enfrentar a “realidade” representam os passos necessários para a consciência crítica do Presente.

Irene Vaquinhas

“Um Olhar sobre Relações Sociais de Género. Perspectiva Feminista Crítica na Psicologia Social”, 1996

E em Portugal? No artigo *O género no discurso das ciências sociais*, Lígia Amâncio expõe, vários fatores que poderão explicar a entrada tardia das questões de género em Portugal, que só mereceram maior atenção a partir da década de 80 do século XX, bem como a resistência com que estas se deparam nas ciências sociais no país. Assim, a investigadora aponta fatores, tais como: a diluição do feminismo, herdeiro da primeira vaga feminista, na luta antifascista, bem como a exploração de uma feminilidade normativa por parte do regime de Salazar, assente num modelo passivo e familialista; a dificuldade de acesso das mulheres a espaços de ativismo e mobilização política como as Universidades, associado ao baixo nível de instrução da população até aos anos 60 do século passado, sublinhando que os movimentos de luta da população universitária se direcionaram para o combate à ditadura e guerra colonial; o tardio desenvolvimento das ciências sociais no país que «impediu a difusão de instrumentos

conceptuais e analíticos para o debate e a reflexão», agravado pelo desinvestimento no ensino superior até aos anos 90 (Amâncio, 2003, p.691).

A conjuntura social da década de 80 do século XX vai ainda contribuir para a disseminação da ideia de que o feminismo estaria ultrapassado. Para além disto, existia uma repulsa pela palavra “feminismo” em Portugal (Ventura, 2012, p.128). Numa das entrevistas concedidas à socióloga Isabel Ventura, Maria Teresa Horta, uma das “três Marias” – autoras da controversa obra “Novas Cartas Portuguesas” (1972), partilha que sofria diariamente por se assumir feminista, como «se a colagem da sua posição político-social determinasse as perguntas que faz ao entrevistado e, por consequência, pusesse em causa a qualidade do trabalho que produz.» (*idem*, p. 124). Os anos 80 representam um período em que se observa um crescimento de mulheres em Arqueologia, mas ainda é uma realidade que se está a consolidar (Bugalhão, 2021, p. 226). Acrescente-se que, nesta época, a Arqueologia se cingia praticamente à investigação associada à Academia, sendo que nos finais desta década é que a disciplina ganhou estatuto profissional (*idem*, p. 374). Ora, considerando que casos idênticos ao testemunhado, por Maria Teresa Horta, sobre o jornalismo, poderiam estender-se à Arqueologia, o facto de as mulheres ainda estarem a conquistar um espaço poderia inibir a abordagem a certos temas que dificultassem o reconhecimento pelos pares. No entanto, também há que reconhecer que o estudo sobre o pensamento das primeiras arqueólogas é ainda incipiente, pelo que não se poderá descartar a hipótese de se vir a reconhecer ideias feministas nos seus trabalhos.

Como vimos anteriormente, no mundo anglo-saxónico, as Arqueologias Feministas e de Género desenvolvem-se depois da década de 80 do século XX. Talvez pelos motivos acima referidos, essas vozes demoraram a fazer-se ouvir em Portugal. Em Arqueologia, a primeira abordagem foi o texto de Vítor e Susana Oliveira Jorge “Women in Portuguese Archaeology” (Jorge & Jorge, 1996).

Importa notar que estes temas não tinham passado completamente ao lado do panorama nacional, embora a primeira referência conhecida não tenha vindo do mundo da Arqueologia. Em 1985, Maria Isabel Barreno, mais uma das “três Marias” e como tal um nome de referência do feminismo em Portugal, publicava um estudo realizado no Instituto para o Desenvolvimento e com o apoio da UNESCO: “O Falso Neutro. Um

Estudo Sobre a Discriminação Sexual no Ensino”. No estudo, a autora analisa livros utilizados no ensino de algumas disciplinas, entre elas, a História. Neste sentido, a propósito de uma gravura sobre a Pré-História, Maria Isabel Barreno (1985, p. 57) repara no seguinte:

surgem três homens, em primeiro plano, fazendo fogo; em segundo plano está uma mulher, amamentando um bebé. A gravura resume um dos aspetos componentes do “falso neutro”: “o domínio do fogo liberta o homem do meio ambiente”; quem domina o fogo, nas imagens de masculino e feminino, é o ser masculino e, por extensão, as mulheres e as crianças - a “sua” família.

As mulheres são sempre vistas de uma maneira pontual: referidas esporadicamente, sem qualquer tentativa de esclarecer o antes e o depois, a causa e o efeito, da situação referida, ou de relacionar com o contexto geral da sociedade. Acrescente-se ainda que o papel específico da mulher na invenção ou evolução de certas actividades nunca é mencionado.

Maria Isabel Barreno denuncia ainda vários outros preconceitos que irei abordar aqui posteriormente, como por exemplo a associação dos homens à caça e das mulheres à recolção.

Parece impor-se um ritmo lento na introdução das questões feministas e de género na Arqueologia portuguesa. Dez anos depois da publicação de Vítor e Susana Oliveira Jorge, Mariana Diniz apontava que «não existem sinais de outras vozes na construção do conhecimento e os *gender studies* não integram ainda as práticas da comunidade arqueológica nacional.» (Diniz, 2006, p. 40). Ora, volvidos mais de dez anos sobre a referência da autora, colocam-se reservas em se falar no desenvolvimento destas abordagens à Arqueologia no contexto nacional. Embora se comece a ouvir falar cada vez mais no tema, esses pequenos sussurros não são ainda suficientes para ecoarem de forma estruturada nos espaços formais, como é o caso da Academia. Assim, continua a não existir qualquer enquadramento orgânico das Arqueologias Feministas e de Género ou mesmo consideração futura pelo ensino das mesmas em instituições oficiais.

Francisco Gomes, um dos arqueólogos que tem vindo a romper com quadros concetuais das leituras tradicionais na Arqueologia portuguesa, tem uma visão otimista quanto ao atraso da entrada destes estudos no panorama nacional, considerando:

[uma possível] mais-valia ao permitir que as contribuições futuras da investigação nacional capitalizem um manancial de informação, de experiências e de debates teórico-metodológicos inserindo-as plenamente no vibrante quadro da Arqueologia de Género contemporânea, com todas as suas nuances e fracturas (2011, p. 31).

Passada mais de uma década desde a sua afirmação esperançosa, essa “capitalização” continua por concretizar, ainda que se verifique uma tendência para o aumento de trabalhos que se enquadram nas Arqueologias Feministas e de Género.

O nascimento da Arqueologia em Portugal gira em torno de personalidades masculinas, o que é notório na obra “Uma História da Arqueologia Portuguesa”, destinada ao público geral. Da autoria do arqueólogo Carlos Fabião, a obra é constituída por cento e noventa e uma páginas e em apenas uma surge a menção às mulheres no trabalho arqueológico. Esta referência surge a propósito de uma fotografia de escavações arqueológicas na gruta da Galinha, em que o autor destaca a utilização de mulheres e crianças como mão-de-obra indiferenciada nestas primeiras intervenções de finais do século XIX e início do século XX (Fabião, 2011, p. 9).

A maioria das publicações que se enquadram nas Arqueologias Feministas e de Género, procura resgatar o papel das mulheres na Arqueologia Portuguesa (Dimas & Diniz; 2020, p. 58), procurando refletir sobre, e combater, a invisibilidade da produção científica arqueológica no feminino (e.g. Boaventura, 2017; Bugalhão, 2013, 2017; Martins, 2016, 2023). Nas palavras da arqueóloga Ana Cristina Martins: «as biografias preenchem lacunas, devolvendo ao conhecimento nomes injustamente olvidados pela voragem implacável do tempo e da memória. Através delas, extirpam-se mulheres cientistas de densos sombreados, permitindo reconhecê-las e apreciá-las.» (2014, p. 274). É preciso resgatar essa história, sendo igualmente necessário refletir sobre os cenários sociopolíticos, que conduziram a ausências e presenças. No entanto, esse resgate parece ser feito sobretudo por mulheres (Diniz, 2006, p. 40; Dimas & Diniz; 2020, p. 58). Pergunto-me por quem serão lidos esses textos. Parece-me que serão consumidos maioritariamente pela comunidade arqueológica, e dentro dela provavelmente a maioria serão ainda mulheres, embora acredite numa crescente tendência de reversão deste cenário.

Entre o “resgate da história” surgem abordagens que poderão ter impacto na opinião pública sobre a realidade arqueológica. Por exemplo, em 2023, o projeto das escavações de Vila Nova de São Pedro, homenageou as mulheres que ali trabalharam durante as escavações de Afonso do Paço e Eugénio Jalhay (1937-1967). Para além da homenagem, alertou-se para a desigualdade salarial, sendo que as mulheres recebiam metade do salário dos homens (VILA NOVA DE SÃO PEDRO – VNSP 3000, 2023).

Na segunda década do século XXI, começaram a surgir trabalhos que procuraram analisar e retratar a equidade no mundo arqueológico português.

Destaca-se o relatório DISCO “Discovering the Archaeologists of Europe”, publicado em 2014. O relatório demonstrou que, à data, as mulheres eram já uma maioria no panorama arqueológico, em Portugal (Costa *et al.*, 2014).

Desde 2018, o STARQ –Sindicato dos Trabalhadores de Arqueologia também tem vindo a abordar as questões de género no mundo laboral (Simões *et al.*, 2018), bem como a analisar a existência e consequências de comportamentos sexistas e de assédio/abuso sexual em Arqueologia (Carvalho *et al.*, 2023). O trabalho que o STARQ tem vindo a realizar, não só com as trabalhadoras e trabalhadores, mas também junto de estudantes de Arqueologia, também tem vindo a contribuir para uma maior reflexão e discussão sobre as questões de género na área.

Observam-se outras abordagens no panorama nacional, tais como as análises sobre os contextos de Castelo Velho de Freixo de Numão, realizadas por Susana Jorge e por Ana Vale, à luz de problemáticas levantadas pela Arqueologia de Género (Jorge, 2014; Vale, 2019).

Devo destacar a dissertação de mestrado defendida por Ana Filipa Amor dos Santos, em 2020, na Universidade de Coimbra (Santos, 2020). A autora realiza um estudo sobre as representações do corpo em objetos da Pré e Proto-História da Península Ibérica, a partir do modelo dos *bodyworld*², permitindo assim partir da premissa da existência de diferenciação social e biológica nos vários corpos humanos. Esta perspetiva permitiu à autora questionar a tradição arqueológica que associa o feminino

²Segundo a autora, o conceito *bodyworld* foi «desenvolvido por John Robb & Oliver Harris (2013) [e] abarca todos os elementos da vida corpórea, incluindo práticas inconscientes de conhecimento discursivo através da representação e do tratamento da morte.» (Santos, 2020, p. 5).

ao sagrado, mas também a visão binária (masculino-feminino) subjacente a estas leituras. Neste mesmo âmbito, também se poderão apontar as interpretações sobre as figuras antropomórficas, alternativas às tradicionais associações de tais representações ao culto da fertilidade aliado ao feminino (Valera *et al.*, 2014).

É de destacar igualmente o trabalho realizado por Joaquina Soares que, enquanto diretora do MAEDS desde 1974, tem vindo a dar espaço para serem apresentadas e discutidas questões feministas e de género em Arqueologia (MAEDS, s.d.).

Durante a Pandemia de COVID-19 verificou-se uma quebra de produtividade das investigadoras, devido ao tempo que as mulheres dedicam ao cuidado, o qual implica as atividades relacionadas com o bem-estar dos indivíduos (crianças, adultos ou idosos, saudáveis ou doentes). Contrariamente, durante este período, os investigadores homens tiveram uma oportunidade de aumentar a sua produtividade (Shurchkov, 2020). Em 2021, a verificação desta situação levou a que um grupo de investigadoras organizasse um encontro a partir de França – 1st Virtual Conference for Women Archaeologists and Paleontologists (Cura, 2023). Neste congresso participaram investigadoras portuguesas – as arqueólogas Ana Abrunhosa e Joana Valdez-Tullett, ambas a trabalhar no estrangeiro. Apresentaram o poster “The role (or lack of) Gender theory in Portuguese Archaeology”. No ano seguinte, em 2022, as duas arqueólogas, conjuntamente com a arqueóloga espanhola Ana Galán López, vieram a organizar um simpósio sobre Género e Arqueologia, no congresso Bridges, encontro dedicado ao debate sobre género nas ciências sociais e humanas.

Salienta-se que, mesmo antes da Pandemia, em dois dos principais periódicos da Arqueologia portuguesa, ainda eram os homens quem assinava a maioria dos artigos. A análise bibliométrica realizada pelas investigadoras Filipa Dimas e Mariana Diniz, sobre a presença de mulheres na Arqueologia portuguesa a partir de duas publicações periódicas – “Arqueólogo Português e Trabalhos de Antropologia e Etnologia” – mostra que, na última década, nomeadamente até 2017 e 2019, as assinaturas de homens e mulheres atingiram quase uma presença paritária (Dimas & Diniz; 2020). Contudo, a balança ainda pesava mais para o lado masculino.

No que respeita a congressos, conferências, colóquios, palestras e seminários sobre as mulheres em Arqueologia, estes têm vindo a revelar-se timidamente no país.

Nesta dimensão, não se poderá deixar de citar a realização do seminário «A Arqueologia Portuguesa sob o Signo da Mulher: da sombra à cátedra» (2014), estritamente dedicado ao papel das mulheres na Arqueologia portuguesa e a questões feministas e de género (GOMES, 2015, p. 29-30). Paulatinamente, a temática vai conquistando algum espaço, como o mostram alguns exemplos: *arSHEology* (2022³); o ciclo de conferências *Género e Religiões* (2022⁴); *Mulheres na Arqueologia: (estrati)grafias* (2023⁵, 2024⁶).

Nos congressos nacionais de arqueologia produzidos pela AAP - Associação de Arqueólogos Portugueses ainda é parca a presença de apresentações que abordam as questões de género em Arqueologia, sendo geralmente remetidas para as secções dedicadas à historiografia (e.g. Bugalhão, 2013, 2017; Dimas & Diniz, 2020; Costeira & Luís, 2020; Brito, 2023; Carvalho *et al.*, 2023; Costeira *et al.*, 2023).

Quanto à crítica feminista e de género aplicada às narrativas das exposições dos museus com coleções de arqueologia, são poucos os trabalhos disponíveis. As investigadoras Ana Vale e Ana Amor Santos também realizaram críticas neste âmbito (Santos, 2020; Martins & Querol, 2018; Vale, 2015). Ana Vale problematiza sobre a representação dos corpos, como cada corpo deve atuar segundo os papéis que lhes são atribuídos pelas narrativas androcêntricas vigentes, as quais são transportadas para o passado. Ana Vale (2015, p.10) denuncia:

é sobretudo na comunicação com o grande público, na transmissão da informação “arqueológica” (materializada em guias de sítios arqueológicos, panfletos de divulgação, ilustrações em museus...) que os preconceitos de género são mais gritantes, mais fáceis de identificar, apontar e analisar, e transmitidos como naturais e inevitáveis na explicação do passado.

A autora parte de uma série de contextos arqueológicos do território atualmente português, para questionar a fundamentação das visões androcêntricas sobre o passado, sobretudo para as visões sobre o III milénio AC.

³ Disponível em: <https://www.lettras.ulisboa.pt/pt/agenda/ciclo-de-conferencias-arsheology-3> [acedido a 07/05/2024].

⁴ Disponível em: <https://cham.fcsh.unl.pt/actividades-detalle.php?p=1533> [acedido a 07/05/2024].

⁵ Disponível em: <https://ihc.fcsh.unl.pt/events/mulheres-arqueologia-2023/> [acedido a 07/05/2024].

⁶ Disponível em: <https://ihc.fcsh.unl.pt/events/mulheres-arqueologia-2024/> [acedido a 07/05/2024].

No âmbito do encontro “De Gibraltar aos Pirenéus 2024”, Mariana Diniz fez uma apresentação denominada “Mulheres e Megálitos - o feminino nas práticas simbólicas do 4º e 3º milénios AC, no Ocidente Peninsular” (De Gibraltar aos Pirenéus 2024: Megalitismo, Vida e Morte na Fachada Atlântica Peninsular, 2024). Nesta apresentação menciona o artigo “Amelogenin peptide analyses reveal female leadership in Copper Age Iberia (c. 2900–2650 BC)” (Cintas-Pena *et al.*, 2023). Regra geral, os enterramentos no Calcolítico são coletivos. No entanto, em 2008, foi escavado o *tholos* PP4-Montelirio, no sítio arqueológico de Valencina de Concepción (Sevilha) e, no interior da estrutura funerária registou-se uma inumação primária de um indivíduo enterrado sozinho que, à data e com base na análise antropológica dos restos ósseos, foi identificado como um jovem, com idade entre os 17 e os 25 anos. A este corpo estava associado um rico e raro espólio, em quantidade e qualidade. Para além disso, segundo as autoras do artigo, a ausência de espólio funerário em enterramentos infantis da mesma época, em Valencina de la Concepción, sugere que o *status* não era adquirido à nascença. Neste sentido, quem estivesse ali enterrado tinha conquistado o seu estatuto social. Assim, estes fatores, juntamente com a evidência do cuidado na construção e manutenção do monumento funerário, conduziram a deduzir de que se tratava de um enterramento masculino - conhecido como “Ivory man”, nome alusivo ao herói da banda desenhada “Iron Man”, como repara Mariana Diniz na sua apresentação.

Em 2021, a análise aos péptidos revelou que o corpo era de uma mulher. Afinal, era uma “Ivory Lady”. As autoras do artigo sublinham:

‘The Ivory Lady’ was the person with the highest social status dating to the pre-Beaker Copper Age (c. 3200–2500 BC) for the whole of Iberia, based on the currently available evidence. This is significant not only because a woman distinctly appears as the most powerful person of this crucial period, when processes leading to a more hierarchical society were at play across Western Europe, but also because there is no comparable or analogous male counterpart in Iberia. The only other persons buried with comparable pomp and wealth at that time were also women: the 20 individuals, including 15 females, found in the Large Chamber of the Montelirio tholos. These findings are highly relevant to the study of gender asymmetries in European Late Prehistory (CINTAS-PENA et al., 2023, pp. 4-5).

O que também importa frisar neste caso é o que Mariana Diniz tão bem destaca na sua apresentação: a forma como “The Ivory Lady” é representada.

Mariana Diniz reflete sobre duas ilustrações que retratam “The Ivory Lady” - uma científica, que ilustra o artigo original e outra da autoria de um designer gráfico, publicada na sua página de *Twitter*. Sobre as ilustrações, Mariana Diniz lamenta que “mostram o quanto é difícil representar o poder no feminino”. A ilustração científica representa a “Ivory Lady” sentada, “de perna aberta” e “com os ombros encurvados”, como a “avozinha que conta a estória”. Não obstante ser uma personagem de destaque, apresenta-se “afável e próxima de todos” e “numa pose excessivamente familiar”. Acrescento que esta ilustração coloca a “Ivory Lady” no interior de uma casa, no espaço doméstico. Na segunda imagem, “na cultura popular”, “The Ivory Lady” quase que integra “uma personagem de banda desenhada só para adultos”, apresentada de forma sexualizada, como uma “dominatrix”. Mariana Diniz alerta ainda para o significado das palavras: ao descobrir que se tratava de restos ósseos humanos do sexo feminino, a mulher foi apelidada de “The Ivory Lady” e não de “The Ivory Woman”. Acaso quando se julgava ser um homem, tinha-se atribuído o nome de “The Ivory Lord”?

Importa referir que, apesar das Arqueologias Feminista e de Género não terem enquadramento orgânico nas instituições oficiais de ensino, este tema é uma vez mais levantado por Mariana Diniz, professora na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Assim, acredito que estas questões sejam colocadas nas suas aulas, bem como nas de outros nomes referidos ao longo deste texto, despertando as críticas feministas e de género nas gerações vindouras.

No campo das análises sobre museus com coleções de arqueologia, salientam-se as observações realizadas por Aida Rechená ao Museu de Portimão, ao Museu Francisco Tavares Proença Júnior, Museu Arqueológico do Fundão, Museu do Côa e ao Museu Nacional de Arqueologia (Rechená, 2011; 2014). No artigo *As mulheres em museus arqueológicos ou o silêncio de Eva*, a autora denuncia a aparente neutralidade subjacente ao que designa de «museografia de tipo *clean*, de valorização estética do objeto, mantendo uma linguagem tecnicista e neutra (logo masculina)» e acrescenta que não são só «as mulheres que estão invisíveis nas exposições de arqueologia, mas as Pessoas» (Rechená, 2014, p. 57). Outro dos pontos importantes que Aida Rechená

aborda é o de que os museus confirmam o quadro mental de referência do público, formado durante o processo de socialização e aprendizagem, possibilitando a validação de estereótipos e preconceitos de gênero pré-existentes (*idem*).

“Ser “mulher” ... “ser homem”? O Sexo e o Gênero.

«O sinhô veio dizer que as mulheres precisam de ajuda para entrar nas carruagens, e pra passarem por cima de valas, e pra terem os melhores lugares...e não serei eu mulher? Olhem pra mim! Olhem-me pra este braço!...cavei, semei, enchi celeiros, e nem um homem mandava em mim - e não serei eu mulher? (...)»

Sojourner Truth, 1852⁷

Enquanto tomarmos como certo a definição de mulher qualquer discussão à volta da sua importância na Pré-história será em vão.

Ana Vale, 2015

Tal como havia referido na introdução, considero importante falar sobre os conceitos de sexo e gênero, por estes estarem implícitos em todo o trabalho desenvolvido na dissertação. No entanto, não tenho por objetivo desenvolver aqui esse debate, que por si só constituiria um campo de investigação autónomo, mas pretendo transmitir alguns pontos das discussões e críticas.

Segundo a designação apresentada na página governamental da Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género (CIG), género «refere-se aos papéis, comportamentos, às atividades e aos atributos construídos que uma determinada sociedade considera serem adequados para mulheres e homens» (CIG, s.d.). Atualmente, o género é comumente visto como algo social e culturalmente construído. Contudo, o conceito de Género não é consensual, nem tão pouco pacífico (Amâncio, 2003), continuando a ser muitas vezes usado como sinónimo de sexo ou de mulheres (Rechena, 2011, p.65).

O sexo é tradicionalmente associado a fatores biológicos, sendo designado como «características biológicas e fisiológicas que definem mulheres e homens. “Macho” e “fêmea” são categorias sexuais» (CIG, s.d.), definidas pela genética e por

⁷(*apud* HOOKS, 2019 [1981], p. 254)

cromossomas (XX, XY).

Durante o século XX, surge o termo *intersex* na sociedade ocidental: uma categoria socialmente construída que retrata variações biológicas. A categoria reflete variações biológicas de modo a integrar pessoas que nascem com uma anatomia reprodutiva ou sexual, e/ou com uma variação genética, que parece não se enquadrar nos binómios típicos de masculino ou feminino (ISNA, s.d.).

O desenvolvimento de diversas categorizações também pode espoletar a reflexão sobre a influência cultural e histórica na construção do termo sexo na sociedade ocidental. A título de exemplo, refira-se que, durante séculos, se considerou Mulher como um Homem imperfeito, pois julgava-se que a primeira tinha os mesmos genitais que o Homem, mas no interior do corpo e, em finais do século XIX, decretou-se que a Mulher era um Homem em estado inferior de desenvolvimento (Patou-Mathis, 2021, p. 51).

Nesta linha de pensamento volto a referir a teoria da Performatividade desenvolvida por Butler (1990), na qual a autora questiona a ideia de que sexo está apenas ligado à biologia e de que género está estritamente ligado à cultura. Ao apresentar sexo e género como noções discursivas obriga a uma desnaturalização dos conceitos e como tal, a uma leitura histórica dos mesmos. A emergência da teoria *queer* na Academia representou o início de um movimento de destabilização dos conceitos de género e sexo na sociedade ocidental, evidenciando que o normativo é construído pela referência ao desvio e como tal, o desvio é fundacional e o normativo é instável (Voss, 2000, p. 8). Neste sentido, interessa ainda referir que para algumas pensadoras, o “corpo” é interpretado como uma imagem física construída, onde «a marca da diferença sexual é inscrita» (Rechena, 2011, p. 67).

Anne Fausto-Sterling, sexóloga e investigadora em biologia e estudos de género na Brown University, é uma referência internacional que tem dedicado o seu trabalho a analisar como os termos científicos de sexo e género foram moldados pela cultura que os produziu, criticando o determinismo biológico. A autora defende que sexo e género são conceitos socialmente construídos, mas defende que ambos «take place in the body, and so are simultaneously biological. Dynamic systems theories link the social - which impinges on the developing body - to the body itself. Cultural

experience has physiological effects.» (Fausto-Sterling, s.d.). A autora recorre à aplicação de *dynamic systems theory* para mostrar como diferenças culturais se tornam diferenças corporais, através do estudo sobre como o corpo adquire respostas nervosas, musculares e emocionais resultantes da interação com as experiências físicas, emocionais e culturais.

Quando, na sua tese de doutoramento, a socióloga Aida Rechená aborda o “género” de uma perspetiva problematizadora, acrescenta à sua discussão a visão da psicóloga Silvia Tubert, a qual «realça o facto da polaridade existente no binómio sexo/género mais não fazer do que reproduzir a oposição natureza/ cultura e o dualismo corpo/mente que têm marcado o pensamento ocidental desde a sua origem.» (Rechená, 2011, p. 68).

No campo da antropologia biológica, a investigadora Pamela L. Geller crítica o que considera a forma demasiado objetiva e dimórfica como os restos humanos são avaliados. Quando há esqueletos nos contextos arqueológicos, a antropologia biológica procura identificar o sexo dos indivíduos, atribuindo uma categoria (homem/ mulher) com base em critérios como a robustez, morfologia pélvica ou cromossomas sexuais. Quando não é possível atribuir uma das categorias binárias, o esqueleto é classificado como “indeterminado”, o que a autora critica, pois aponta que essa classificação se prende muito mais com a preservação dos restos humanos do que com a consideração da variação humana (Geller, 2021, p. 38). Como aponta Voss, arqueóloga americana dedicada ao estudo da sexualidade no Passado, pode tornar-se difícil questionar paradigmas da prática arqueológica utilizadas para modelar as visões sobre os mundos do Passado e adotar teorias *queer* que destabilizam e desconstroem conceções de género e sexualidade. A investigadora invoca igualmente o exemplo da antropologia biológica, apontando que a adoção da proposição do “sexo biológico” enquanto uma prática performativa e discursiva, de Butler, na atribuição de um determinado sexo a restos humanos, revela-se muitas vezes como um problema na arqueologia e na antropologia (Voss, 2021, p. 295).

Refletir sobre os conceitos de sexo e género torna-se importante para pensar o Passado. Tendo como base vários autores, a arqueóloga Ana Vale problematiza sobre o estudo do género nas comunidades pré-históricas, numa disciplina que «ainda pede

“Clareza, objetividade e redução (dos problemas) a leis ou termos matemáticos” (Thomas 2004: 247) e que tende a tudo classificar e arquivar para atingir uma ordem» (Vale, 2015, p. 19). A autora problematiza a partir de uma série de questionamentos: «É possível e desejável projetar na Pré-História o ser-se mulher dos últimos séculos da História Europeia? Como definir “mulher”? Pelo conjunto de características físicas? Por um conjunto de aptidões, atitudes e representações?» (*ibid*, p.18). Acrescenta: «será possível escrever na ausência de género? Que perigos implicaria a ausência das múltiplas vozes mais ou menos femininas, mais ou menos masculinas?» (*ibid*, p. 19)

No livro *Prehistorias de mujeres*, Marga Sánchez Romero relata várias situações de apagamento das mulheres da realidade arqueológica. Uma delas é o caso de um enterramento escavado em 1878, na necrópole viking de Birka, na Suécia. Do enterramento, foi exumado um esqueleto e espólio associado: restos de dois cavalos, uma espada, um machado, escudos e peças de estratégia militar. À época, considerou-se que quem ali estava enterrado era um guerreiro viking. Contudo, em 2017, as análises de ADN feitas ao esqueleto revelou tratar-se de uma mulher. Foram levantadas muitas hipóteses para contrariar o resultado da pesquisa científica, sendo que uma delas foi a de que não seria uma mulher, mas uma pessoa que pertenceria a um terceiro género. Marga Sánchez Romero não nega a possibilidade de existência de outras identidades sexuais e de outros géneros ao longo dos tempos e em várias sociedades, mas lamenta que em muitas das ocasiões o discurso seja utilizado para uma vez mais invisibilizar as mulheres ou para as relocalar na narrativa tradicional, que impossibilita a associação de mulheres a armas e poder (Sánchez Romero, 2022, pp. 130-136). No entanto, o apagamento que parte da utilização do conceito de terceiro género, não será apenas possível por projetarmos na Pré-História “o ser-se mulher dos últimos séculos da História Europeia”? Uma projeção que permite uma associação de materiais arqueológicos com certa conotação a determinados “corpos” e a determinados entendimentos das “formas de ser”.

Ao refletir sobre a rejeição do modelo binário, característica dos feminismos de terceira vaga, a arqueóloga Ana Ávila Melo, denota que «a suposta oposição entre masculino e feminino assenta num sistema de valores assumidos *a priori*, que devem ser questionados», mas perspectiva:

se rejeitamos o pensamento dicotômico simples gerador da oposição feminino/masculino nos moldes em que tradicionalmente é caracterizado social, literária e historicamente, entre o privado/ doméstico femininos e o público/ político masculinos, rejeitaremos, de facto, através dessa mesma pragmática, a invisibilidade das mulheres na análise, interpretação e construção de um novo discurso histórico (Maggie Humm 1989). O problema que se coloca, em termos metodológicos, na historiografia, arqueologia e em todas as ciências e disciplinas é como dar “visibilidade” a metade da humanidade omissa dos manuais e tratados de História? Esta intencional e desejada invisibilidade, neste caso, é sinónimo de inexistência (Melo, 2015, pp. 54-55).

Em 2006, referindo-se à produção científica realizada a partir dos anos 70 do século XX pelos adeptos da Nova Arqueologia, Mariana Diniz alertava que a preferência pela utilização da categoria de análise “grupo”, aludia a um “coletivo neutro” que excluía as problemáticas de género da agenda da Arqueologia e que “esta imparcialidade não discutida” contribuía para perpetuar estereótipos:

(...) ainda que não explicitamente mencionados nos textos da arqueologia processual, os géneros estiveram, no entanto sempre presentes na mente quer de autores(as), quer de leitores(as), e os papéis e os lugares das personagens do Passado porque não foram sujeitos a uma revisão crítica, realizada de acordo com as novas orientações teórico-metodológicas, permaneceram inalterados (Diniz, 2006, p. 43).

Ao falar sobre as identidades fraturadas no seio dos feminismos, Donna Haraway observa:

Não existe sequer o estado de “ser” mulher, categoria em si mesma complexa, construída em contestados discursos científicos sexuais e outras práticas sociais. A consciência de género, raça ou classe é uma conquista que nos é imposta pela terrível experiência histórica das realidades sociais contraditórias do patriarcado, do colonialismo e do capitalismo (Haraway, [1985] 2022, pp. 37-38).

Contudo, se a sociedade se organiza predominantemente de forma dicotómica, gerando desigualdades perpetuadas pelas visões dominantes do que é ser homem ou mulher, torna-se importante expor esta realidade, para possibilitar a desconstrução de preconceitos. A arqueóloga María Cruz Berrocal salienta que as feministas demonstraram que as perguntas que a ciência coloca não são inocentes e como tal:

(...) propusieron que las experiencias de las mujeres, comprometidas en la lucha política por la igualdad, deben reconfigurar la epistemología tradicional (Harding 1986, 1987: 185 y ss.; Hartsock 1987), porque la ciencia se hace por alguien, por algo y para algo (BERROCAL, 2009: 32).

Para além disso, se a dúvida é o “motor” da Arqueologia, as inúmeras interrogações e possibilidades da disciplina deverão estar presentes no discurso museológico, contribuindo para pensar criticamente as perspetivas binárias dominantes e contribuindo igualmente para o fomento da diversidade, integrado na definição de Museu da ICOM (ICOM, s.d.).

Abri o presente subcapítulo com um excerto do discurso proferido por Sojourner Truth na segunda convenção anual do movimento pelos direitos das mulheres em Akron, em Ohio, em 1852. Sojourner Truth, mulher escrava e lutadora de dupla- condição, integrou o conjunto de feministas negras norte-americanas que contribuíram para o movimento das mulheres na América, que como referimos influenciaram os movimentos feministas em várias partes do mundo. Dando ênfase ao ser “feminino”, lutaram pela igualdade racial e participaram no movimento pelos direitos das mulheres, que sentiram e verbalizaram essa dupla opressão racial e sexista (Hooks, 2018, pp. 18- 21). Já na época, o excerto do discurso de Sojourner Truth faz-nos refletir sobre qual o ideal de mulher que foi transportado para as representações do Passado nos primórdios da Arqueologia, mas também sobre o que é “ser mulher.”

A definição disponível na página da CIG considera que os papéis e expectativas de género «podem mudar ao longo dos tempos e variam dentro e entre culturas» (CIG, s.d.). As Arqueologias Feministas e de Género vêm alertar para a variação cultural e temporal do Género. Pensar o Género implica considerar a existência de categorias fora do sistema heteronormativo, tido como universal em variados pontos do mundo (Montón-Subías, 2021, p.37). Este é um dos aspetos em queo feminismo decolonial constituiu, e constitui, um contributo para pensar o Passado na medida em que critica a identidade “mulher” monolítica (e.g. Crenshaw, 1990; Lorde, 1984; Oyewùmí, 1997, 2015; Mignolo, 2008). Por exemplo: Oyèrónkẹ́ Oyěwùmí, socióloga e feminista nigeriana, sublinha a importância da perspetiva interseccional e critica o domínio dos discursos ocidentais coloniais sobre os estudos de género africanos, apontando precisamente esse entendimento da categoria “mulher” e a sua

subordinação como universais. A autora afirma que a própria crítica feminista euro-americana emergiu e é uma extensão do modelo de família nuclear. Dá o exemplo da expressão ocidental “mãe solteira”, que é um paradoxo para a cultura Iorubá, pois conjuga maternidade e casamento. Pelo contrário, aponta que na maioria das culturas africanas a maternidade é definida como uma relação de descendência. Denota que, na literatura tradicional e feminista, como a maternidade está ligada ao papel de esposa, a procriação e a lactação são apresentadas como parte da divisão sexual do trabalho. Defende que é no casamento que a cultura ocidental encontra a base da divisão social do trabalho. Nesta perspetiva, a associação da maternidade ao casamento representa uma das falhas do conceito de género como universal (Oyěwùmí, 2002).

Como referi anteriormente, ainda que envolvido num conflito ideológico, o género é introduzido no discurso político e institucional na década de 80 do século XX, começando a integrar-se nas políticas dos direitos humanos e da luta contra a discriminação com base no sexo. Contudo, o conceito de género vai ser utilizado de forma ambígua até aos finais dos anos 90, confundido os termos sexo e género. A controvérsia que se gerou durante a IV Conferência Mundial das Nações Unidas sobre as Mulheres (1995), conduziu à realização de uma declaração destinada a esclarecer o significado do termo na Plataforma da Ação, mas que acabou por não ser útil no plano conceptual. Todavia, esta conferência, realizada em Pequim, foi determinante para a internacionalização e politização, pois foi onde se definiu a adoção do conceito estratégico de *mainstreaming* por organismos internacionais de ajuda ao desenvolvimento, incluindo os da União Europeia (Rechena, 2011, p.71). Seguindo uma vez mais o glossário da CIG, *mainstreaming* de género:

consiste na reorganização, melhoria, desenvolvimento e avaliação dos processos de implementação de políticas, por forma a que a perspetiva da igualdade de género seja incorporada em todas as políticas e em todas as fases, pelos atores geralmente implicados na decisão política (CIG, s.d.).

A apropriação da categoria “género” por contextos institucionais foi alvo de críticas por se considerar que ao «vulgarizarem a sua utilização esvaziam o conceito da dimensão política e da capacidade de lançar um olhar crítico sobre as relações de poder.» (Rechena, 2011, p. 73). Ao analisar os principais documentos da União Europeia, de 1995 a 2010, e da ONU, de 1948 a 2010, a socióloga Aida Rechena

considera ainda que apesar de assumir o *mainstreaming*, os organismos europeus não incorporam a «(...) riqueza do debate teórico produzido pelas diversas ciências humanas e sociais sobre o género e fundamenta as questões da igualdade sobre a divisão nos dois sexos biológicos» (*ibid*, p. 88), ignorando «o potencial da categoria género como categoria analítica, bem como as suas inter-relações com outras categorias geradoras de desigualdades e de uma desigual distribuição do poder: a raça/etnia, a classe e a idade» (*ibid*:82). A autora partilha ainda a seguinte preocupação sobre a ONU:

Depreendemos dos documentos que quando se fala em igualdade de género estamos perante a adoção de medidas concernentes às mulheres que nos remetem para as propostas desenvolvidas pelas ciências sociais e humanas na década de setenta do século XX, altura em que a antropologia das mulheres ou a história das mulheres e as teorias feministas consideravam a categoria “mulher” como universal e homogénea e associavam o género apenas a esta categoria sociocultural (*ibid*:82).

Apesar das críticas, o *mainstreaming* revelar-se-á um contributo para a eficácia das políticas públicas de igualdade em museus, uma vez que possibilita e impulsiona a aplicação de orçamentos sensíveis ao género.

Dar visibilidade à parte da humanidade que foi omissa da história, obriga a pensar criticamente categorias que refletem e perpetuam o sistema dominante heteronormativo e binário, masculino e feminino, bem como a possibilitar a existência de pessoas diversificadas em termos de sexo e género. Contudo, a Arqueologia procura ler o Passado através da materialidade. Neste sentido, e uma vez mais citando os questionamentos elaborados por Ana Vale: «devemos, também, equacionar de que forma a ciência ocidental e em particular a Arqueologia permitiu a associação entre materiais, artefactos e a definição de géneros.» (Vale, 2015, p.18)

Do Women have to be naked to get into the [Met] Museum? Movimentos feministas e museus

Como referi anteriormente, a Nova Museologia surge durante a década de 70 do século XX, num período de mudança de paradigmas, mas também de desconexão dos museus com as comunidades. Esta crise dos museus provocou o questionamento sobre o lugar destas instituições na sociedade, bem como sobre a «sua relação com as pessoas e o meio ambiente» (Rechena, 2011, p. 103). Assim, este movimento ideológico, que se difundiu internacionalmente depois de 1984, «enfatizou a vocação social dos museus e seu caráter interdisciplinar, ao mesmo tempo que chamou a atenção para modos de expressão e de comunicação renovados.» (Desvallées & Mairesse, 2013, p. 63).

Em Portugal, a Nova Museologia viria a ser divulgada durante o I Atelier Internacional sobre Ecomuseus-Nova Museologia (1985), sendo apropriada pelo Movimento Internacional para uma Nova Museologia (MINOM) (*idem*, p. 104). Aida Rechena destaca a importância do MINOM, da *Muséologie Nouvelle et Expérimentation Sociale* (MNES) e do Comité Internacional para a Museologia (ICOFOM) para a constituição da Nova Museologia, mas considera ainda que a teorização da nova museologia e da sociomuseologia em Portugal está ligada ao pensamento de Mário Moutinho, atual Reitor da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias e membro fundador do MINOM- ICOM. Segundo a mesma autora, na perspetiva de Mário Moutinho:

a museologia é cada vez mais um meio de comunicação [pelo que a exposição deixa de ser apenas uma apresentação das coleções, para passar a realçar] [...] o papel da/o visitante na interpretação da exposição e reconhece-se a expografia como uma escrita autónoma que utiliza o património com o objetivo de produzir conhecimento e pensamento crítico (idem, p. 120).

Uma das primeiras vezes que vemos a crítica feminista chegar aos museus é pelas mãos do coletivo *Guerrilla Girls*, que nasce em 1985. Uma das marcas deste grupo de ativistas é a utilização de uma máscara de gorila, para manterem o seu anonimato. Um dos principais objetivos das suas ações é denunciar o preconceito de

género e étnico na arte, na política e na cultura *pop*. Em 1989, foi-lhes pedido que realizassem um cartaz para o *Public Art Fund*, em Nova Iorque. As ativistas deslocaram-se ao *Metropolitan Museum of Art*, onde contabilizaram o número de mulheres artistas representadas nas galerias e contrapuseram o resultado ao número de nus femininos nas obras expostas. No cartaz revelaram que as mulheres artistas representadas eram menos de 5%, mas que 85% dos nus nas obras de arte eram mulheres. Os dados eram acompanhados de uma imagem de um nu feminino reclinado e com a característica máscara de gorila, onde a seguinte pergunta saltava à vista: *Do Women have to be naked to get into the Met Museum?* O *Public Art Fund* rejeitou a proposta, pelo que as *Guerrilla Girls* publicaram o cartaz nos autocarros da cidade. Adaptado à realidade de outros museus, o cartaz é hoje um dos mais icónicos do Coletivo que luta pela representatividade e que é uma das principais vozes contra o preconceito no mundo da arte (GUERRILLA GIRLS, s.d.).

Nos museus de arqueologia, apesar de terem passado quase quarenta anos desde a publicação do artigo apontado como o marco para o surgimento da arqueologia feminista, é sobretudo na última década que se tem verificado maior repercussão das críticas feminista e de género nesses espaços. Porém, pequenas mudanças podem causar algum atrito.

Em 2012, foi inaugurada a exposição *Arte sin artistas. Una mirada al Paleolítico*, no Museu Arqueológico Regional de Madrid. O título espelhava um dos objetivos da exposição: refletir sobre a arte rupestre, apresentando o que se conhecia, ao mesmo tempo que se mostrava o que se ignorava sobre esse passado distante e os seus protagonistas. O cartaz de apresentação era uma ilustração de uma mulher, com duas crianças, a pintar a gruta de Altamira, no Paleolítico Superior. As críticas não tardaram. Vozes indignadas levantaram-se contra a opção expositiva, perguntando como se atreviam a colocar tal hipótese, publicamente, sem dados suficientes que provassem que os autores das pinturas poderiam ser mulheres (Escobar García & Baquedano Pérez, 2014, pp. 136 – 137).

O sociólogo francês Pierre Bourdieu afirma que «A força da ordem masculina se evidencia no fato de que ela dispensa justificação: a visão androcêntrica impõe-se como neutra e não tem necessidade de se enunciar em discursos que visem a legitimá-la»

(Bourdieu, 2002 [1998], p. 9). Marga Sánchez Romero refere que às mulheres são impostas provas científicas para se aceitar que estas “fizeram” e “estiveram”, lamentando que não seja exigido o mesmo rigor científico em relação aos homens (2022, p.89). Acrescenta que os avanços científicos (tais como as análises de isótopos ou os estudos genéticos que informam sobre o sexo, parentesco, mobilidade ou doenças) estão a tornar-se os melhores aliados da investigação feminista, ao permitir responder a perguntas que não seriam realizadas pelo discurso normativo (*ibid*, p.140) e androcêntrico.

Em 2014, Pilar Monforte e Asunción Llano escrevem sobre o desenho da nova exposição do Museu de Altamira, a qual teve precisamente como objetivo explicar a vida e a cultura no Paleolítico de forma rigorosa e acessível ao público, comunicando os conhecimentos mais atuais e procurando desconstruir estereótipos criados pela Arqueologia tradicional. Não é raro que, quando museus procuram combater o discurso androcêntrico (que permanece no imaginário coletivo) das suas exposições, sejam apontados, de forma pejorativa, como tendo uma agenda política. Talvez por isso, as autoras tenham sentido necessidade de referir:

éramos conscientes de la necesidad de presentar un relato del inicio de la Historia con todos sus protagonistas. El equipo del museo abordamos este objetivo desde el rigor científico y no tanto desde la corrección política (Fatás Monforte & Martínez Llano, 2014, p. 92).

Estas situações de espanto social causam ruído, mas felizmente também podem conduzir à discussão e esclarecimento e, sobretudo, à reflexão. Mais discretas são as permanentes invisibilidades, silêncios e estereótipos que persistem em tantos outros museus.

Maria Ángeles Querol denota que «si el pasado que reconstruimos ha de servir para comprendernos como seres humanos, resulta incoherente que la mitad de la humanidad - las mujeres – estén prácticamente ausentes» (2014, p.44). No artigo sobre a mensagem que os museus modernos transmitem sobre as mulheres no passado, a investigadora analisa seis museus com arqueologia, que abriram as portas ao público entre 2002 e 2014, em Espanha. Para além de contabilizar o número de mulheres e homens, a autora analisa a postura, atitude e protagonismo de quem é representado.

Assim, verifica que a percentagem relativa à representação da mulher nunca ultrapassa os 33%. Quanto à postura, contrariamente ao que acontece nas representações masculinas, as mulheres surgem frequentemente de joelhos, o que nas palavras da autora é «la postura de humillación total del ideario artístico» (*ibid*, p.48). Relativamente às tarefas desempenhadas, as mulheres aparecem maioritariamente associadas à cozinha e aos trabalhos do cuidado.

O livro *Gender Stereotypes in Archaeology. A Short Reflection in image and text* plasma muitos dos estereótipos que se refletem no discurso museológico. Trata-se de uma obra conjunta, com o contributo de diversos autores, maioritariamente autoras. Os estereótipos que associam as mulheres às atividades do cuidado são abordados. Uma das críticas é a de que, tradicionalmente, essas atividades (que implicam higiene, alimentação, conforto, saúde e afeto) têm vindo a ser associadas a mulheres, mesmo não havendo evidências inequívocas para tal associação. Para além disso, acrescenta que a sistemática associação dessas atividades às mulheres, geralmente com argumentos de motivação biológica, resulta na perceção de que o cuidado não implica tecnologia, conhecimento ou experiência, ou seja, numa desvalorização. O cuidado está relacionado com condições sociais e económicas que facilitam e asseguram a comunidade e isso implica o envolvimento de todos os membros. (Sánchez Romero, 2021, pp.16-17). Na página online do projeto “PastWomen”, salienta-se que “as atividades com o cuidado permitem a sobrevivência do grupo e são imprescindíveis para o desenvolvimento social e produtivo de todas as sociedades do Passado” (PASTWOMEN, s.d.), e, como pudemos observar na Pandemia, também para as sociedades atuais.

Uma vez mais, é através de atributos biológicos que parece haver uma valorização das mulheres, através da deificação dos seus corpos que, por uma leitura enviesada de signos (de que são exemplo as “Vénus” paleolíticas, placas de xisto ou ídolos-falange), são associados a fecundidade e fertilidade. Contudo, essa elevação ao mundo do sagrado não é sinónimo de atribuição de poder às mulheres, nem relevância social, política ou económica (Diniz, 2006; Vale, 2015).

Outro estereótipo que persiste é a representação “homem ativo – mulher passiva” (Arnold, 2021a, pp. 14-15). Este preconceito é apontado desde a emergência das Arqueologias Feministas (Conkey & Spector, 1984). Em 2011, a investigadora Aida

Rechena denunciava a presença desse estereótipo na maquete do *tholos* de Alcalar, da exposição de longa duração “Portimão – Território e Identidade”, patente no Museu de Portimão desde 2008. Na sua tese de doutoramento, a autora descreve:

a maquete [...] constitui a representação que o museu faz do monumento funerário real, fundamentada nos resultados das escavações arqueológicas, mas também nas tradicionais interpretações museológicas das sociedades pré e proto-históricas. [...] As miniaturas de mulheres presentes na maquete correspondem às representações mais frequentes que na contemporaneidade fazemos das sociedades pré e proto-históricas. Têm um papel quase invisível no grupo humano e estão associadas às funções domésticas de preparação dos alimentos, da cerâmica, do vestuário e do cuidado dos filhos. Neste caso, a representação das mulheres está relacionada com a atividade de preparação de fibras têxteis ou vegetais considerados uma ocupação feminina. Os homens surgem representados a realizar todas as ações de construção do Tholos, facto para o qual não há seguramente uma evidência arqueológica. As mulheres estão representadas afastadas das funções e ações associadas ao sagrado (monumentos e rituais funerários), um dos âmbitos mais importantes da vida da comunidade, no qual elas são remetidas para um papel secundário. São o único grupo de seres humanos representados na maquete que estão no chão, neste caso ajoelhadas ou sentadas. Os homens estão todos em pé (2011, pp. 244-245).

Verifica-se que os homens são os protagonistas que surgem ativos no espaço público, associados às inovações tecnológicas, que se revestem tradicionalmente de maior relevância. Por oposição, as mulheres são secundarizadas, remetidas para tarefas passivas, ligadas ao ambiente doméstico e desvalorizadas. Quão distantes estão estas representações da crítica social realizada por Simone de Beauvoir, em 1949, quando denunciou o sistema em que o homem era a norma e a mulher era a *alteridade*?

Bernardo Soares, um dos heterónimos de Fernando Pessoa, apontava que a «gramática é um instrumento, não uma lei» (Pessoa, 1982, p. 19). Esta é outra das questões. Maria Ángeles Querol refere-se à língua e à linguagem, como um dos problemas base do que chama de fenómeno de “guetização” do género (Querol, 2017, p.53). A autora nota que a invisibilidade do género feminino provocada pela utilização do masculino como universal tem sido abordada pelo movimento feminista ocidental. Contudo, considera que esta questão ainda não foi alvo da devida atenção e indica que muitas mulheres têm vindo a apontar essa invisibilidade como a principal causa da

reconstrução de um Passado sexista. Acrescenta ainda que se tem vindo a denotar que os hábitos e valores de cada sociedade têm um reflexo direto na linguagem. A autora salienta que cada vez mais se desenvolve um maior número de trabalhos sobre o tema, incluindo iniciativas políticas, mas que infelizmente não se têm refletido na construção dos discursos históricos (*idem*, p. 53-55).

Existem pesquisas importantes que cruzam os campos da linguística e do género (e.g. Lakoff, 1973; Matos, 2020). João de Matos, investigador no domínio da Psicolinguística Experimental, tirou duas conclusões a partir da pesquisa que realizou para a sua dissertação de mestrado intitulada “Poderá uma Língua Natural ser Sexista?”, galardoada em 2021 com o “Prémio Igualdade de Género e Diversidade NOVA FCSH 2020-2021”:

(1) a leitura preferencial dos MG [nomes Masculinos Genéricos] do PE [Português Europeu] é específica e não genérica; (2) é possível contrariar a invisibilidade concetual das mulheres fazendo referência morfológicamente explícita à sua presença na morfologia nominal, sobretudo se o termo feminino estiver localizado na periferia esquerda da coordenação sintática (p. ex.: “alunas e alunos”) (MATOS, 2020: ix).

Aida Rechená, ao falar sobre a genderização da sociomuseologia, a qual deverá assegurar o direito à nomeação, também critica a utilização de definições generalistas, em que o género masculino é padrão, enquanto o feminino é marcado ou distinto, e que representa um falso neutro. A propósito desta crítica, a autora reproduz um excerto sobre o duplo significado da palavra “homem” em contraponto com o significado único da palavra “mulher”, da já referida obra “O falso neutro: um estudo sobre a discriminação sexual no ensino” (1985), de Maria Isabel Barreno (Rechená, 2011, p. 162). Pelo sintetismo e importância da citação, opto por também transcrever uma parte:

a própria assimetria - uma palavra com dois significados, outra só com um - mostra que não se trata de um conceito igualitário [...]. Tudo concorda para que se torne claro que uma das primeiras categorias de poder, é o direito à nomeação, e esse direito não era reconhecido às mulheres: os homens representavam o conjunto da espécie humana, e se era necessário incluir, em situações determinadas, as mulheres, acrescentava-se expressamente “os homens e as mulheres” (BARRENO, 1985, p.84).

Estas críticas começam a refletir-se nos museus.

Em 2017, o coletivo “Les Glorieuses”, denunciando precisamente a utilização do masculino como genérico, escreveu uma carta ao diretor do Museu do Homem, ao ministro da transição ecológica e da solidariedade e ao ministro de educação, a reclamar a mudança do nome do museu para “Musée de l’Humain” ou “Musée de l’Humanité” (Perraudeau, 2017).

Já referi que uma das características da segunda onda feminista foi a da saída da mulher do lar e a crítica ao ideal de família nuclear e Ocidental, típica da classe média, em que os homens trabalhavam e as mulheres ficavam em casa. Voltando a recorrer à obra *Gender Stereotypes in Archaeology. A Short Reflection in image and text* (2021), outro preconceito que se refletiu, ou reflete ainda, em muitos museus e na divulgação pública em geral é o do “homem caçador e arqueólogo de campo vs. mulher recolectora e arqueóloga de laboratório” (Arnold, 2021b, pp. 10-11). A investigadora Bettina Arnold refere que esse estereótipo permanece no imaginário popular e tal influencia a forma como se veem as arqueólogas e os arqueólogos.

Água mole em pedra dura...

Dearest art collector,

It has come to our attention that your collection, like most,

Does not contain enough art by women

We Know That You Feel Terrible About This

And Will Rectify The Situation Immediately

All Our Love,

Guerrilla Girls⁸

O Coletivo francês *Paye ta Truelle* realizou uma recolha de testemunhos de trabalhadores e estudantes de arqueologia vítimas de assédio sexual e/ou

⁸ Texto *Dearest art collector*, do cartaz da autoria do colectivo *Guerrilla Girls*, 1986. Disponível em: <https://www.guerrillagirls.com/projects> [acedido a 20/06/2023].

discriminações. Este trabalho deu origem à exposição *Archéo-Sexisme*, realizada em parceria com a associação Archeo-Etique. A exposição foi inaugurada a 8 de março de 2019 e tem circulado por vários locais (França, Bélgica, Suíça, Canadá, Grécia, Reino Unido), para combater as discriminações em arqueologia (sexistas, racistas, de classe, de género) (PAYE TA TRUELLE, s.d.). A prática museológica serviu como um meio para denunciar questões de equidade em arqueologia, mas a iniciativa partiu de um coletivo, não de uma instituição.

Fora dos museus, tem crescido a divulgação das questões trazidas pelas arqueologias feminista e de género nas plataformas audiovisuais generalistas. Através de canais de *Youtube*, cinema ou *podcasts*, são debatidos e combatidos muitos dos estereótipos que permanecem nos espaços museológicos e na cultura popular. A título de exemplo, *Les erreurs sexistes de l'archéologie* ou *Les femmes préhistoriques chassaient-elles? Le débat des scientifiques* foram episódios realizados pela equipa do canal de Youtube *C'est une autre histoire*, que visa combater *clichés* e preconceitos vigentes na História (C'EST UNE AUTRE HISTOIRE, 2022) Em Portugal, em *Let's Rock*, um podcast sobre arqueologia Pré-Histórica, da investigadora Sara Cura, algumas pessoas convidadas trouxeram abordagens e sugestões de leitura ou cinema que integravam perspetivas das arqueologias feminista e de género (Cura, s.d.).

Têm ocorrido mudanças sociais e os museus têm vindo a redefinir-se e a mutar-se de acordo com o papel que consideram ter na e para a sociedade. Paulatinamente e não sem resistência (Bryant-Greenwell, 2019), os museus parecem agora reconhecer que terão funcionado como agentes de reprodução das estruturas de dominação (Bourdieu, 2002 [1998]), mas também reconhecem a sua potencialidade e tendem a repensar-se, equacionando não só o “quê”, mas também “quem”, por “quem”, “como” e “para quem” (Carvalho, 2016). Com a preocupação de resposta às alterações sociais, desde a sua criação que o ICOM tem vindo a fazer revisões ao entendimento de Museu. Ora:

a ideia de voltar a pensar a definição de museu do ICOM ressurgiu na Conferência- Geral em Milão (2016). Em sequência disso foi criado, em 2017, um Comité Permanente (Committee for Museum Definition, Prospects and Potentials) com o objetivo de analisar o impacto das tendências sociais nos museus e avaliar a relevância da atual definição (CARVALHO, 2019).

A nova definição de Museu, aprovada em 2022, plasma assim uma reflexão sobre as práticas museológicas:

Um museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos e ao serviço da sociedade, que pesquisa, coleciona, conserva, interpreta e expõe o património material e imaterial. Abertos ao público, acessíveis e inclusivos, os museus fomentam a diversidade e a sustentabilidade. Com a participação das comunidades, os museus funcionam e comunicam de forma ética e profissional, proporcionando experiências diversas para educação, fruição, reflexão e partilha de conhecimento (ICOM, s.d.).

Esta reflexão é igualmente notória na mais recente edição do dicionário de museologia (Mairesse, 2023), uma referência para o mundo dos museus desde a sua primeira publicação. Demonstrando uma preocupação com a utilização de uma linguagem inclusiva e acessível, a última edição, largamente difundida pelo ICOM (International Council of Museums), integra definições como “não-binário”, “queer”, “género”, “LGBTQ” ou “2SLGBTQIA+”.

As críticas feminista e de género começam a chegar a museus de arqueologia. O POWER (projeto financiado pela Agência Nacional Francesa que estabelece parcerias estratégicas para o trabalho de sensibilização para o género e de como este está ligado ao poder) utiliza a arte e outros meios não formais para sensibilizar como as pessoas ainda hoje sofrem discriminação e opressão devido à sua identidade de género, ao mesmo tempo que fornece ferramentas para pensar estas questões. Atualmente existem organizações de Espanha, Itália, França e Eslovénia a trabalhar em conjunto. O género é uma das dimensões da distribuição desigual do poder, com as mulheres a tenderem ter menos poder do que os homens, através de tempos e lugares diferentes. Destaca-se que este projeto tem sido aplicado no Museu Arqueológico Nacional de Madrid, nomeadamente na realização de um itinerário focado no “presentismo” e ucronia da exposição (POWER, s.d.).

Em Espanha, tem-se vindo a assistir na última década ao surgimento de projetos financiados por fundos estatais que visam o combate à violência de género e que neste sentido, procurando discutir a raiz do problema, são atribuídos ou integram museus arqueológicos. São exemplos o projecto de investigação “I + D La discriminación de la mujer: los orígenes del problema. La función social y educativa de los museos

arqueológicos en la lucha contra la violencia de género (2013-2015)” (Peraille, 2017, p. 132).

Outro projeto que merece destaque é o das exposições itinerantes desenvolvidas pelo CENIEH Scientific Culture and Innovation Unit (UCC + i): “Woman and Science” e “evolution in gender code”. Através de um discurso inclusivo, a última procura combater o etnocentrismo e o preconceito do discurso tradicional sobre a evolução humana (CENIEH, s.d.).

Na 3º VCWAP, conferência organizada pela Association for early-career Women Archaeologists and Paleontologists (AWAP) e no qual foi exibida a exposição desenvolvida pelo CENIEH, também foi realizada a primeira galeria virtual de paleoarte, onde foi possível mostrar o trabalho de 13 ilustradoras, despertas para as questões de equidade e paridade de género em ciência (AWAP, s.d.). A ilustração científica é fundamental para a comunicação em museus com arqueologia, pelo que tais iniciativas são igualmente importantes para abrir horizontes para a desconstrução de estereótipos nestes espaços.

Em Portugal, não obstante a bibliografia produzida nos campos da arqueologia feminista e de género (e.g. Jorge & Jorge, 1996; Diniz, 2006; Martins, 2013, 2016; Gomes, 2011, 2015; Vale, 2015), tenho conhecimento de poucos museus de arqueologia que deixam transparecer uma reflexão sobre estas temáticas nas suas narrativas.

Museus da Área Metropolitana de Lisboa: uma análise

As narrativas são feitas de silêncios

Raoul Peck

Museu Municipal de Alcochete

O Museu Municipal de Alcochete foi fundado em 1988 e integra a RPM desde 2001. É constituído por dois núcleos de exposição: Núcleo Sede e Núcleo de Arte Sacra. É o primeiro que será alvo de análise, uma vez que é no Núcleo Sede que se encontra a exposição arqueológica, com achados de cronologia pré-histórica. Na página online do museu é referido que «o Núcleo Sede aborda diferentes temáticas, apresentando no seu percurso os momentos mais importantes da história de um

concelho com uma estreita relação com o rio Tejo.» (Câmara Municipal de Alcochete, s.d.).

No regulamento do Museu é apresentada a sua missão:

estar ao serviço da sociedade e do seu desenvolvimento zelando pela conservação e salvaguarda dos patrimónios e pela perpetuação da memória de toda a vivência económica, social e cultural do Concelho. Contribui para o desenvolvimento local, ao disponibilizar recursos informativos resultantes do tratamento da informação histórica e patrimonial. Protege e valoriza as realidades culturais e patrimoniais da comunidade em que se insere, defendendo a identidade local (Museu Municipal de Alcochete, 2013).

Descrição e interpretação

A exposição organiza-se de acordo com critérios histórico-cronológicos. Assim, é na *sala 2 – Vestígios do Passado* que se encontra a exposição arqueológica relativa à época pré-histórica, na qual é exibido algum do espólio exumado de dois sítios arqueológicos, do Paleolítico Médio e do Neolítico. O espólio encontra-se exibido em apenas uma vitrine.

A comunicação é simples. Na parede, imediatamente sobre a vitrina, observa-se o mapa da carta arqueológica do concelho, no qual são assinalados os sítios arqueológicos e respetivas cronologias.

Não existem representações de pessoas. São utilizados dois desenhos para auxiliar a interpretação de tecnologia lítica. Na primeira imagem é representada a forma de utilização de uma raspadeira. Observa-se o desenho de uma mão humana (sem leitura de atribuição de género) a segurar a raspadeira (artefacto real), por forma a raspar um aparente cabo de madeira (desenho). Na segunda imagem visualiza-se uma peça arqueológica, um crescente, colocado sobre o desenho de uma foice, para demonstrar como esses elementos compósitos seriam encabados.

Não existe um painel explicativo, mas a visita é auxiliada por uma folha de sala que contextualiza o espólio arqueológico exposto. Da folha de sala constam dois textos, um para cada um dos sítios expostos.

O texto que descreve os vestígios do Paleolítico Médio, apenas faz referência aos “caçadores neandertais”, explicando o seu *modus vivendi*, forma de ocupação e exploração da paisagem, bem como a sua inovação tecnológica - o método *Levallois*.

O segundo texto da folha de sala destina-se a explicar os achados do “Neolítico Antigo-Médio”, utiliza duas vezes a expressão “as comunidades” para referir a presença humana. No entanto, chamo a atenção para o seguinte parágrafo: “Uma nova relação entre o homem e o meio natural, a prática de técnicas avançadas como a pedra, o uso de novas ferramentas polidas, e materiais, marcaram o começo das comunidades neolíticas, que aqui permaneceram.” O parágrafo em que se descrevem as inovações tecnológicas é aberto com a palavra “homem”, com minúscula.

Apesar de a museografia ser aparentemente neutra, a análise das expressões usadas no texto, mostra que quem pode preencher o imaginário de quem visita o espaço será, muito provavelmente, uma personagem masculina.

Museu Municipal da Amadora: Núcleo Museológico do Casal da Falagueira e Núcleo Museológico da Necrópole de Carenque

O Museu Municipal de Arqueologia da Amadora abriu as suas portas ao público em 1999. Porém, é desde 2008 que o museu está instalado no Casal da Falagueira (Encarnação, 2019, p. 18). O Museu da Amadora, assim designado desde 2023, é polinucleado, pelo que abrange o Núcleo Museológico do Casal da Falagueira, Núcleo Museológico da Necrópole de Carenque, também o Núcleo Museológico do Moinho do Penedo, as Reservas Culturais e a Casa Roque Gameiro.

O presente trabalho terá como estudos de caso os dois núcleos que retratam cronologias pré-históricas: Núcleo Museológico do Casal da Falagueira e o Núcleo Museológico da Necrópole de Carenque.

A missão e vocação do Museu não são apresentadas num documento programático. Contudo, no site são explanados os objetivos de cada um dos núcleos. Os objetivos do Núcleo Museológico da Necrópole de Carenque, são:

testemunhar a ocupação pré-histórica da Amadora; valorizar e dar a conhecer o património arqueológico nacional; constituir ponto de partida para o conhecimento da

presença de populações da Pré-História Recente, através dos espaços de vida e de morte (CÂMARA MUNICIPAL DA AMADORA, s.d.).

O Monumento Nacional é visitável desde 1999, mas desde então, os painéis explicativos já foram alvo de remodelações (Encarnação, 2019, p.66). A última data de 2010.

No caso do Núcleo Museológico do Casal da Falagueira, os objetivos são os seguintes:

testemunhar o passado rural da Amadora através da preservação do seu edificado; criar um espaço agregador e de transmissão ao público dos diferentes momentos de ocupação do território, pela apresentação regular de módulos expositivos de longa duração e de exposições temporárias (CÂMARA MUNICIPAL DA AMADORA, s.d.).

A coleção de arqueologia de cronologia pré-histórica do Núcleo Museológico do Casal da Falagueira integra a exposição permanente “Antes da Amadora”, inaugurada em 2018. Na página *web* do núcleo museológico pode ler-se que um dos objetivos da exposição é: “abordar a ocupação humana deste território através da presença dos primeiros vestígios materiais recolhidos, atribuíveis ao período Paleolítico” (*idem*). No painel de apresentação, que abre a exposição, lê-se: “os objetos expostos mostram a evolução da exploração dos recursos naturais da região e a rede de povoamento que aqui existiu desde a época pré-histórica até à época medieval”.

Núcleo Museológico do Casal da Falagueira

Descrição e interpretação

A exibição da coleção da Pré-História ocupa parte de uma sala, na qual se apresenta uma divisão em vários módulos: Pré-História Antiga (Paleolítico); Pré-História Recente (Neolítico Inicial; Neolítico Final e Calcolítico) e Proto-História (Idade do Bronze e Idade do Ferro). Regra geral, os módulos apresentam vitrinas com material arqueológico exposto e painéis onde se lê ou ouve um pequeno texto sobre determinada época e também onde se podem ver e sentir esculturas que ilustram o conhecimento.

No painel dedicado ao Paleolítico, o texto refere os cerca de trinta sítios identificados cuja ocupação remonta a esta época, descrevendo como seria a paisagem e o modo de vida.

No que respeita à ilustração (cena 1): em primeiro plano vê-se um homem a caçar ou esquartejar um animal, em segundo plano pode observar-se outro homem a pescar e no fundo da imagem encontra-se uma mulher a colher bagas, com o filho às costas. Todas as personagens estão de pé, numa postura ativa. Das quatro pessoas representadas, a maioria são homens, de idade adulta. Quanto à sua relação intergruppal, os homens apresentam-se sozinhos na paisagem, enquanto a mulher está com a criança às costas. No que respeita à posição, o elemento de destaque é o homem que caça. Embora tenha colocado o homem que está a pescar em posição secundária, há que reparar que essa personagem está em posição secundária em relação ao homem que está em primeiro plano, mas está em destaque em relação à mulher-recolectora, que se encontra em último plano. Todas as personagens adultas assumem uma posição ativa, com uma postura erguida. Os homens estão a caçar, ou a esquartejar caça, e a pescar. A mulher está a recolher bagas silvestres. Esta imagem remete para os ideais sustentados durante os anos 70 e 80 do século XX, por influência das obras *Man The Toolmaker* (1957) e *Man The Hunter* (1968), referidas anteriormente.

À imagem da mulher correspondem os seguintes estereótipos femininos: afetuosa, maternal e meiga. As categorias sociais em que esta se insere são: mulher- mãe, mulher-cuidadora e mulher-trabalhadora.

Aquando da descrição dos modos de vida no Paleolítico, o texto refere o seguinte: “estas condições levaram ao acampamento temporário dos grupos de caçadores-recolectores nómadas que se movimentavam por esta região. Temporariamente estes homens escolhiam um sítio onde construía abrigos ao ar livre, usando madeira, pedras e a pele dos animais. Aqui faziam fogueiras e fabricavam ferramentas em pedra talhada para poderem caçar e recolher os frutos e bagas silvestres que por aqui existiam”. São usadas as expressões “grupos de caçadores-recolectores” e “estes homens” para designar os grupos humanos deste período. Como aponta o investigador João de Matos: «a utilização do masculino para referir grupos que não são compostos apenas por homens é problemática, na medida em que contribui para a

invisibilidade conceptual de todas as pessoas que não sejam homens» (Friaças, 2022). O texto, cruzado com os ideais que a cena 1 transmite, atribui um papel ativo e de decisão ao homem, não à humanidade num todo, na exploração da paisagem e no desenvolvimento de tecnologias que permitiram a evolução.

No painel que retrata o Neolítico Inicial, da Pré-História Recente, são expostos fragmentos de cerâmica decorada provenientes do “único sítio onde foram identificados vestígios da presença das primeiras comunidades Neolíticas deste território”.

Na vitrina do painel dedicado aos períodos do Neolítico Final e Calcolítico, são expostos vários objetos arqueológicos, acompanhados de uma ilustração (cena 2), onde podem ver-se três personagens: no mesmo plano, encontra-se um homem de pé a pastorear ovelhas e uma mulher sentada a trabalhar no tear; ao fundo conseguimos ver um homem, de arco e flecha apontados para o horizonte, provavelmente a caçar. Identificam-se três pessoas adultas: dois homens e uma mulher. Todas as figuras estão isoladas no espaço público, cada uma dedicada à sua atividade. Um dos homens está em posição secundária, localizando-se no plano de fundo da cena. Um dos homens partilha a sua posição de destaque com uma mulher. Porém, a postura retira algum destaque à personagem feminina. A mulher está sentada, enquanto os dois homens estão de pé. Quanto às atividades desempenhadas: um homem está a pastorear um rebanho de ovelhas; outro homem está a caçar, a apontar o seu arco e flecha para um alvo invisível fora da cena; a mulher está a tear, com um sorriso no rosto.

A subcategoria social feminina é a mulher-trabalhadora, à qual se associam os estereótipos “ágil” e “meiga”.

Nos textos sobre a Pré-História Recente não se verifica a utilização de genéricos masculinos. As frases são formadas com recurso às expressões “populações” ou “comunidades”.

Na Pré-História Recente, existe ainda um painel sobre o “mundo funerário” onde se exibem artefactos provenientes das necrópoles identificadas na Amadora.

Núcleo Museológico da Necrópole de Carenque

Descrição e interpretação

O núcleo museológico possui painéis explicativos na zona de recepção, constituída por um edifício pré-fabricado, e junto a cada uma das grutas que constituem a necrópole. Os painéis falam sobre a descoberta e escavação do sítio arqueológico e sobre o período em que a necrópole foi usada, entre o final do IV milénio e o início do III milénio a.n.e.

O primeiro painel encontra-se junto ao portão de entrada do núcleo museológico e informa que o sítio arqueológico foi descoberto em 1932, por Manuel Heleno. Indica ainda que se trata de um “espaço funerário usado pelas comunidades do Neolítico Final/Calcolítico Inicial e Calcolítico Final que viviam neste território”. Neste texto também são enumerados alguns objetos que “faziam parte do ritual e das oferendas que acompanhavam os mortos nos enterramentos no interior das grutas”.

No interior do edifício, os primeiros painéis falam sobre a descoberta do sítio, recorrendo a excertos dos cadernos de campo de Manuel Heleno, e mostra fotografias do aspeto atual das grutas artificiais e do arqueólogo na necrópole.

O painel seguinte informa sobre os povoados contemporâneos dos dois momentos de ocupação da necrópole, e descreve sumariamente o modo de vida das “sociedades de agricultores-pastores” que aí habitaram e que poderão ter sido enterradas nas grutas artificiais de Carenque. O texto é acompanhado por fotografias das escavações ali efetuadas e por uma representação das atividades económicas das populações que habitaram o território envolvente à necrópole. Esta representação corresponde à única cena presente no espaço expositivo e é alvo de análise neste trabalho (cena 1). A recriação visa representar as principais atividades económicas dos sítios do Neolítico Final/Calcolítico Inicial, do território próximo à necrópole de Carenque. Na cena são identificadas nove pessoas: três mulheres, três homens, uma criança (possivelmente do sexo masculino) e duas pessoas cujo género não se identifica. Os homens e as pessoas que se encontram em posições secundárias, estão a desempenhar tarefas associadas à agricultura e pastorícia. A criança está em primeiro plano e, embora possa estar também a brincar, parece já estar a aprender as tarefas

ligadas à pastorícia. Enquanto segura um cordeiro, a criança olha para o grupo de mulheres, que se situa no canto direito da imagem. As mulheres têm todas um papel ativo, encontram-se no espaço público e numa posição de destaque face às restantes personagens da cena. Cada uma delas desenvolve uma atividade diversa: cestaria, moagem e tecelagem. Assim, enquadram-se na subcategoria de mulher-trabalhadora. Contudo, ainda que não estejam a olhar para a criança no momento da cena, todas estão viradas para ela, passando a mensagem de que estão a “olhar por ela”. Esta referência remete estas mulheres para a esfera do cuidado e do doméstico, integrando-as também na categoria de mulher-cuidadora. Ainda que todas as mulheres representadas estejam a desempenhar um trabalho, a sua postura transmite uma maior preocupação pela conversa, do que pela tarefa desempenhada. Assim, um dos estereótipos femininos identificados foi o de “conversadora” e, por associação, o estereótipo “ociosa”. Todas as mulheres da cena são jovens, belas e elegantes.

No exterior, junto a cada uma das grutas artificiais, é colocado um painel explicativo. Os recursos utilizados são texto, desenho e fotografia.

Município do Barreiro: Espaço Memória

No Barreiro, o local que expõe património arqueológico do município é o Espaço Memória, aberto ao público desde 2014. A Câmara Municipal do Barreiro apresenta o Espaço Memória da seguinte forma:

na sua componente de divulgação do património histórico-cultural, que tem por base uma série de espólios, arqueológicos ou outros que nos foram legados ou depositados, representando vários sectores de atividade e a investigação desenvolvida sobre os mesmos, oferece ao munícipe a possibilidade de, através de uma exposição interativa sobre as diversas temáticas, ter a perceção do passado da Cidade do Barreiro, no que respeita aos vários sectores produtivos e dos que com o seu trabalho, atividade social e política contribuíram para a realidade atual(Câmara Municipal do Barreiro, 2024).

Descrição e interpretação

A exposição procura retratar a “Humanização do Território” através da mostra de algum espólio arqueológico que é organizado numa linha cronológica, a qual parte do Neolítico e estende-se até ao período em que o território é industrializado. A parte dedicada à Pré-História ocupa apenas dois painéis, em que são expostos materiais

provenientes do denominado Povoado da Ponta da Passadeira, enquadrado nos períodos do Neolítico Final/Calcolítico.

As imagens utilizadas são fotografias das intervenções arqueológicas e desenho de artefactos cerâmicos. É dada alguma relevância à tecnologia cerâmica através de três desenhos que ilustram as fases de molde cerâmico (técnica de rolos), de cozedura e de decoração. Nestes desenhos são representadas mãos para ilustrar a técnica de rolos. O enaltecimento do espólio cerâmico relaciona-se não só com o período exposto, mas também com a relação que é feita com a toponímia do local, alegando que a «comunidade desenvolveu uma importante especialização funcional no domínio da olaria, beneficiando da existência de “Barreiros”, comuns na região, nos quais se pode encontrar uma justificação do atual topónimo».

Entre os artefactos que estão em exibição, encontra-se uma mó, apresentada como “testemunho de evolução cultural da sociedade neolítica”, bem como quatro ídolos cuneiformes, conotados com a esfera mágico-religiosa “associado a um culto do touro, cuja difusão, durante o Neolítico Final e Calcolítico Inicial, terá abrangido o sul e o centro do atual território português”.

Não existem cenas sobre a Pré-História. A linguagem, tanto textual como ilustrativa, é tecnicista e neutra. O material é exposto, mas não se procura elucidar sobre os materiais, ou seja, não é explicado o “que” seriam, “como” se utilizariam ou “para” que serviriam.

Procura-se explicar a “humanização do território” e, ainda que sejam mostradas fotografias das equipas das intervenções arqueológicas e representadas mãos para ilustrar antigas técnicas cerâmicas, não se sente uma humanização sobre o Passado.

Museu da Vila. Bairro dos Museus. Cascais

A arqueologia do território de Cascais encontra-se exposta no Museu da Vila, inaugurado em 2019 e que integra o conjunto de equipamentos culturais do município, designado de Bairro dos Museus. Quanto ao seu propósito:

[O Museu] tem como vocação primordial conservar, estudar, interpretar e divulgar as coleções que documentam a história coletiva da vila e do concelho de Cascais, desde o

*Paleolítico até à atualidade, assegurando a sua fruição cultural e preservando-as para as gerações futuras.*⁹

Descrição e interpretação

Na sala dedicada à Pré-História, não são utilizadas ilustrações científicas para comunicar com o público. Assim, não há cenas para interpretar. São exibidos objetos de períodos diversos, desde o Paleolítico Inferior à Idade do Ferro. Para além da exposição do objeto, a comunicação é realizada através de textos escritos. A cronologia dos primeiros vestígios arqueológicos do território é explicada da seguinte forma: “A presença do Homem no território que hoje constitui o concelho de Cascais remonta ao Paleolítico Inferior”.

As legendas dos materiais arqueológicos indicam apenas os seus nomes e raramente se encontra explicação associada. Em alguns casos é acrescentada alguma informação para além do nome do objeto. Na legenda da placa de xisto gravada do Neolítico Final/Calcolítico, da Gruta 2 da Necrópole da Alapraia, é acrescentado que se trata de uma “placa de xisto gravada, com representação de dois olhos”. Sobre a taça cerâmica decorada do período Calcolítico, da Gruta 1 de S. Pedro do Estoril, informa-se que “é um exemplar raro da criatividade dos oleiros do 3º milénio a.C., com a decoração típica campaniforme”. Também para a figura zoomórfica de osso do período Calcolítico, da Gruta do Poço Velho, é adicionada a informação de que se trata de um “adorno pessoal, em que as patas perfuradas permitiam a passagem de um fio”. Sobre as espirais de ouro é dito que são o “testemunho da arte e mestria dos primeiros artesãos- ourives do Calcolítico de Centro e Sul de Portugal”. Sobre o vaso campaniforme do Calcolítico, da Gruta 2 de Alapraia, acrescenta-se que “a forma de campânula, típica destes vasos, inspirou a denominação do período do 3º milénio a.C. designado de campaniforme.”

⁹No momento da pesquisa o regulamento do Museu estava a ser alvo de revisão, pelo que a presente informação foi gentilmente fornecida por Cláudia Marques, Chefe de Divisão de Museus e Promoção Cultural.

Não existem cenas na sala da Pré-História, verificando-se o recurso a uma linguagem tecnicista.

Os textos apresentam uma linguagem tendencialmente neutra em termos de género, com algumas exceções de que é exemplo o texto que informa sobre a cronologia dos primeiros vestígios arqueológicos do território, em que é usada a expressão “Homem” para representar toda a população. Apesar de no texto referido se usar a expressão “ocupação do Homem”, nos restantes painéis da sala são utilizadas as expressões “ocupação humana” e “comunidades”. Tradicionalmente, a língua portuguesa utiliza o masculino genérico para referir todas as pessoas. No entanto, proponho um pequeno exercício: quando lemos frases como “é um exemplar raro da criatividade dos oleiros do 3º milénio a.C.” ou “testemunho da arte e mestria dos primeiros artesãos-ourives do Calcolítico de Centro e Sul de Portugal”, quem é que imaginamos?

Museu Municipal de Loures

O Museu Municipal de Loures foi criado em 1998 e desde então apresenta exposições arqueológicas e etnográficas. Tem como objetivo «dar a conhecer a realidade e a vivência das populações rurais do município, assim como a história do concelho de Loures.» (Câmara Municipal de Loures, s.d.). A exposição, renovada em 2019, procura destacar a multiculturalidade e a interculturalidade do concelho, usando o mote “Loures no caminho para a multiculturalidade. Desde quando?”. No painel que serve de apresentação da exposição lê-se: “procuramos demonstrar como, desde o início da presença humana no território que hoje conhecemos por Loures, a convivência de gentes de várias origens e de diferentes matrizes culturais sempre aconteceu”.

Descrição e interpretação

O espaço disponibilizado para a Pré-História é muito pequeno. A explicação textual dos vários períodos da Pré-História situa-se numa cronologia, localizada numa das paredes da sala, onde se abrangem vários períodos desde a Pré-História ao período Muçulmano. No texto sobre o Paleolítico, pode ler-se: “Período mais importante no processo evolutivo humano, com um modo de vida essencialmente nómada e caçador-recolector”. Sobre o Neolítico explica-se o seguinte: “evidências da prática da

agricultura, da domesticação de animais, da cerâmica e da pedra polida. O homem deixa de estar totalmente dependente da caça e recoleção, começa a fixar-se no território (...). Em relação ao Calcolítico é explicado: “Mudança de paradigma no fabrico dos utensílios com a descoberta do primeiro metal – o cobre. Os povoados localizam-se preferencialmente nas proximidades dos rios, em cotas elevadas”.

Os materiais arqueológicos da Pré-História são exibidos num expositor, com uma única prateleira. Do período Paleolítico, são exibidos dois bifaces em quartzito, sobre os quais se acrescenta que “os muitos objetos talhados e desperdícios de talhe, constituem prova da sua utilização e fabrico local por parte de populações nómadas, caçadoras-recolectoras, nas suas atividades de sobrevivência”. Para ilustrar os períodos Neolítico e Calcolítico foram selecionados dois machados em pedra polida e, para um deles, foi feita uma reconstituição de encabamento. Na legenda destes materiais pode ainda ler-se que “eram utilizados encabados, por comunidades sedentárias que davam os primeiros passos na agricultura e na desflorestação para, por exemplo, desbastar madeira e cavar a terra”. Na prateleira, pode ainda observar-se mais uma peça de época Neolítica/Calcolítica: uma tigela em cerâmica manual. Na respetiva legenda é explicada qual a utilização e a importância da tecnologia cerâmica:

os recipientes em cerâmica eram produzidos por comunidades sedentárias para cozinhar, consumir e guardar produtos resultantes da agricultura e da pastorícia. As populações iniciavam a prática da transformação do leite e dos cereais, por exemplo. Este exemplar foi encontrado no interior de um monumento funerário, onde foi colocado como oferenda.

As imagens escolhidas para ilustrar a Pré-História são visualizadas num vídeo, que corre em *loop* numa televisão. São representadas: uma anta, uma foice, um machado, um recipiente cerâmico e uma ovelha. A imagem humana está ausente nesta parte da exposição.

No museu de Loures volta a verificar-se a opção por uma linguagem tecnicista e neutra. No que respeita a questões de género, denota-se uma preocupação por uma linguagem neutra. Os textos conduzem à reprodução de imagens na nossa mente, mas na sua maioria, não se visualizam homens ou mulheres, mas pessoas.

Museu de Lisboa. Palácio Pimenta.

A exposição que “dá a conhecer a evolução da cidade, desde a ocupação do território durante a pré-história até finais do século XX”, encontra-se no Palácio Pimenta. Abriu as suas portas como Museu da Cidade em 1979 e a partir de 2015 passou a ser o núcleo-sede do Museu polinucleado de Lisboa. O piso térreo da exposição de longa duração foi inaugurado em 2021.

O Museu de Lisboa tem como missão “dar a conhecer a identidade cultural, social, económica, política, antropológica e territorial de Lisboa, refletindo a sua evolução histórica e da população que a caracteriza. Despertar a curiosidade sobre o lugar físico e a ocupação de Lisboa ao longo dos tempos, a sua relação com o rio enquanto elo entre margens e porta para o mundo. Ao interpretar a cidade através dos testemunhos materiais, permite dar a conhecer a sua herança multicultural – passada e presente – como contributo para os seus possíveis futuros” (Museu de Lisboa, s.d.).

Descrição e interpretação

A ala dedicada à Pré-História localiza-se no piso térreo da exposição de longa duração, na primeira sala do percurso museológico.

No centro da sala está um painel com um texto e um vídeo sobre Lisboa ao longo dos vários períodos da Pré-História, desde o Paleolítico à Idade do Bronze, destacando as vantagens do território que atraíram a ocupação humana. No vídeo vão sendo transmitidas várias imagens, incluindo a repetição de algumas das cenas que se podem visualizar também nas vitrinas. Contudo, uma das cenas surge apenas no vídeo. Esta cena aparece durante a descrição do período Neolítico e nela é representado um homem a cortar madeira, com um machado em pedra polida (cena 5), ao mesmo tempo em que surge a frase: “os artefactos passaram a ser de pedra polida”. Esta afirmação, juntamente com o texto deste painel, em que se refere que os machados em pedra polidasão um “testemunho de um período em que a intervenção do homem na paisagem se acentuou consideravelmente”, induz à associação de uma inovação tecnológica aos homens.

Sobre o primeiro período do qual se conhecem vestígios no território lisboeta, o texto do painel central descreve:

O início do povoamento deu-se no Paleolítico (c. 100 000-c. 10 000 a.C.) no processo de hominização e num tempo de grandes alterações do clima e da paisagem. Os principais pontos de ocupação (entre 200 000 e 30 000 a.C.) são de cariz temporário, em encostas e vales, como os detetados ao longo da ribeira de Alcântara.

Na ala esquerda da sala, encontram-se vitrinas com artefactos arqueológicos das jazidas paleolíticas, encimadas pela reprodução da mais antiga gravura conhecida no Complexo de Arte Rupestre do Vale do Tejo. O que vislumbramos, destacado a larga escala é “um cavalo feito há mais de 20 mil anos pelos caçadores-recolectores do Paleolítico Superior”. O texto, que acompanha a legenda da reprodução da gravura, informa sobre os utensílios fabricados e utilizados pelas “comunidades nómadas de caçadores-recolectores” do Paleolítico Superior, bem como sobre o clima e a paisagem da época.

Nas vitrinas, sob a base em que são expostos os materiais arqueológicos, é possível abrir gavetas onde por vezes se encontra informação complementar. Sob a primeira vitrina, em que se podem apreciar artefactos do Paleolítico Inferior (um uniface, um biface e um triedro), encontra-se uma ilustração e um texto sobre o triedro. Estes artefactos são testemunhos dos “primeiros focos de ocupação humana” conhecidos no concelho de Lisboa. O texto explica que o objeto, à semelhança do biface, tinha múltiplas funcionalidades e que o exemplar exposto teria sido “utilizado para esquartejamento de caça”. A ilustração mostra como se desenrolava a atividade de esquartejamento (cena 1). Esta cena corresponde à recriação de uma atividade de esquartejamento durante o Paleolítico Inferior, na qual podem observar-se dois homens, um de joelhos e outro de cócoras. Estes homens têm na mão os objetos, biface e triedro neste caso específico, que não só representam a evolução técnica no quadro da evolução humana, como também são os testemunhos mais antigos de ocupação humana na área de Lisboa, revestindo-se assim de uma importância arqueológica singular. Esta cena é reproduzida duas vezes: na vitrina e no vídeo que está a ser transmitido no centro da sala.

Noutra vitrina são exibidos exemplares de indústria lítica *musteriense*, relacionada com o Paleolítico Médio e conotada com “o homem de Neanderthal (*homo sapiens neanderthalensis*)”. Através de uma ilustração, na gaveta é dado destaque a um núcleo *levallois*, “designação técnica inerente a alguns métodos de talhe” da qual “resultava não só um significativo avanço tecnológico na produção de artefactos líticos, como também uma economia da matéria-prima”. A ilustração demonstra o talhe o de um núcleo através da representação de duas mãos, uma a manusear o percutor e a outra a segurar o núcleo *levallois*. Não é possível identificar o sexo/género das mãos representadas.

O painel que se segue é dedicado ao período Neolítico, à exceção do relevo que é dado à ponta de “*la Gravete*”. Esta peça foi recolhida fora de contexto e é destacada por refletir “enquanto ferramenta, uma realidade socioeconómica das comunidades de caçadores-recolectores do Paleolítico Superior numa etapa (...) em que o clima se tornou menos frio e voltou a ser seco”. Do período Neolítico é realçado um fragmento de bordo de um recipiente cerâmico profusamente decorado, a partir do qual é explicado o decréscimo de cerâmicas decoradas ao longo deste período, o qual se relaciona com o surgimento de “novas dietas alimentares” e com o “aumento dos recursos disponíveis”. A ilustração do fragmento cerâmico corresponde a um desenho técnico para mostrar como seria a peça cerâmica completa.

Interrompo por breves momentos a descrição da sala da Pré-História, que apresento segundo os critérios cronológicos do espaço museológico, para refletir sobre quem é que até agora ocupou o espaço mental de quem visita a exposição. Quem se imaginou até então? Lendo algumas das frases que tenho vindo a transcrever, acaso se imaginou uma mulher nas “comunidades de caçadores-recolectores”?

O expositor que se segue destaca os objetos de adorno e as representações antropomórficas da Arte Rupestre do Tejo. Para os objetos de adorno é realizada uma proposta de ilustração de como estes seriam aplicados e utilizados, neste caso num colar. A ilustração representa o colar sem recurso à figura humana. Sobre estes objetos, é explicado que “permitem-nos antever um quotidiano que se vai tornando psicologicamente mais complexo, e onde a dimensão estética e simbólica se interligam tanto nas vivências diárias quanto nos rituais fúnebres”.

Na mesma vitrina, são ainda expostos artefactos em pedra talhada e em pedra polida, sendo que um dos textos retrata a coexistência dos dois tipos de instrumentos, salientando que “a emergência da agricultura e da pastorícia, a par da caça e da recolção, foram acentuando lentamente a capacidade de intervenção do homem e o seu crescente domínio sobre o meio ambiente”. Alerto aqui para a alusão à intervenção do “homem”, meramente.

Neste painel vê-se ainda duas ilustrações: uma mostra como seria utilizada e orientada uma lâmina, através da visualização de uma mão, à qual não se associa um sexo/género, que segura o objeto real; a outra é de um machado em pedra polida, a qual serve para demonstrar a forma como seriam finalizados e utilizados aqueles objetos, retratando a forma como se encaba o objeto, sem recurso a figura humana. O texto complementa a explicação do machado, salientando que a matéria-prima utilizada indicia as trocas regionais que se realizariam, pois, o anfíbolito usado será proveniente do interior alentejano. O texto refere que estes artefactos, característicos do Neolítico, “estão essencialmente associados ao corte de árvores, testemunho de um período em que a intervenção do homem na paisagem se acentuou consideravelmente.” Junto a este painel não existe uma cena, mas no vídeo que ocupa o centro da sala encontraremos um homem a abater árvores (cena 5), acentuando a associação masculina ao controle da natureza.

A visita continua junto à parede do fundo da sala, onde se podem visualizar expositores com objetos, atribuídos a uma cronologia balizada entre o Neolítico Antigo e a Idade do Bronze (final). Sobre as vitrinas com artefactos do Neolítico e Calcolítico, observa-se a reprodução de uma composição com representações antropomórficas, zoomórficas e geométricas da Arte Rupestre do Tejo. Para além de destacar que as gravuras corresponderiam a uma sacralização da paisagem, o texto esclarece que a fase mais antiga destas gravuras teria sido ainda realizada por “caçadores-recolectores”, e as mais recentes já teriam sido feitas por “comunidades de agro-pastoralistas e de metalurgistas”.

Nas vitrinas adiante, são expostas pontas de seta, raspadores, furadores e elementos de foice, na sua maioria em sílex. Os objetos são enquadrados em ilustrações que mostram a sua forma de utilização. Nas ilustrações realizadas para os furadores e

raspadores são retratadas mãos humanas e, à semelhança das representações anteriores, não lhes é atribuída uma leitura de sexo ou género. Nos textos são descritas as suas formas de fabrico, utilização, importância quotidiana ou evolução tecnológica que representam os objetos exibidos. Nas vitrinas seguintes são expostas peças de cerâmica, todas elas com decoração. A leitura destes objetos é facilitada por ilustrações que permitem imaginar como seria a peça completa. As ilustrações correspondem a desenhos técnicos, sem figuração humana.

O Megalitismo assume algum destaque na sala, pois no centro e a uma altura mais elevada das vitrinas que ocupam, longitudinalmente a parede do fundo da sala, encontra-se uma maqueta de uma anta. No interior do dólmen, estão representadas duas personagens: uma pessoa morta, aparentemente uma mulher, em posição fetal e um homem de cócoras, vivo. Ao lado das figuras, estão dois recipientes cerâmicos, possivelmente oferendas votivas (cena 2). Na descrição pode ler-se que se trata de uma sepultura coletiva que “fazia parte de um complexo de larga duração, de natureza simbólica e mágico-religiosa, o megalitismo [...], que estava relacionado com as comunidades de agricultores e pastores do Neolítico”. A cena corresponde a uma recriação de um ritual funerário durante o período Neolítico e toma lugar no interior de um monumento megalítico. Nesta cena estão duas personagens. O homem cumpre o ritual fúnebre a uma pessoa, que parece ser uma mulher. Contudo, como a figura abre espaço para dúvidas quanto à sua identificação sexual, na análise interpretei como “não identificado(a)”. Sobre o fenómeno megalítico, é acrescentado que “faziam também parte do megalitismo os menires, grandes pedras afeiçoadas isoladas e erguidas verticalmente no solo (geralmente de configuração fálica), que podem surgir também associados formando alinhamentos e cromeleques. Julga-se que podiam estar ligados a ritos de fertilidade e fecundidade da terra ou relacionados com cultos astrais”.

Na vitrina seguinte é exibida uma réplica de uma foice com denticulados originais, ao lado da qual é exposta uma série de mais denticulados provenientes de um sítio arqueológico da Idade do Bronze. Para ilustrar, é representada uma mulher, de foice na mão, a ceifar cereais (cena 3). A cena corresponde a uma ilustração que visa explicar a utilização de uma foice e surge associada a um sítio arqueológico da Idade do Bronze (final). Contudo, como o texto que enquadra o objeto arqueológico remete igualmente para as conquistas da população neolítica, considerámos a ilustração no

presente trabalho. Na cena observa-se uma mulher, de foice na mão, a cortar cereais. Esta mulher está sozinha. É adulta, mas jovem. A sua expressão facial e corporal transmite gentileza e alguma delicadeza. É representada a subcategoria de mulher-trabalhadora, mas os estereótipos associados são os de mulher jovem, ágil, delicada e gentil. Sobre as foices, pode ler-se que “o advento da agricultura, uma das principais conquistas da população neolítica, impulsionou a criação de instrumentos compósitos que tornassem essa tarefa mais rentável.” A mulher surge aqui associada a uma inovação tecnológica valorizada.

No último expositor está exposto um pote em cerâmica, da Idade do Bronze, sobre o qual não é dada mais informação do que a legenda com a datação e local de proveniência. Sob essa vitrina, na gaveta, está uma ilustração e texto alusivos à Idade do Bronze e destinados ao público infantojuvenil (cena 4). Na ilustração, que recria o ambiente dentro de um recinto murado, podem observar-se três personagens. Em primeiro plano, encontra-se um homem em tronco nu e com um objeto de adorno - um colar. É o “António”. O António está sentado junto ao fogo, a talhar instrumentos em pedra. Ainda que próxima, mas em segundo plano, está uma mulher. Possivelmente será a Júlia. Também está sentada, mas dedica-se a outra atividade: a tecelagem. Encontra-se com um fuso na mão, a fiar e a torcer fibras em fio. Em último plano vê-se a terceira personagem, anónima. É uma mulher que, pela postura, poderá corresponder a uma mulher jovem ou a uma criança. Está sorridente e a correr.

O texto associado a esta ilustração diz o seguinte:

Somos o António e a Júlia. Moramos no alto de uma colina. Eu sou ferreiro, trabalho o cobre, o estanho e descobri, recentemente, como fazer bronze com o qual fabrico armaduras, elmos e adornos para as pessoas do meu povoado.

Sim, parece ter sido o António, um homem, que descobriu a liga que permite realizar objetos em bronze. Prosseguindo no texto:

A Júlia e as outras mulheres cultivam plantas para alimento e aproveitam as fibras para fazer cestos, cordas e redes para a pesca. Criamos animais: comemos a carne e usamos as peles e as lãs para nos protegermos.

A ilustração e texto são destinados ao público infantojuvenil e pretendem transmitir aos mais novos como seria a vida na Idade do Bronze. Estão representadas três personagens, um homem e duas mulheres, entre os quais estão o António e a Júlia. Destaco que ao longo de toda a exposição, nas diferentes salas que retratam Lisboa nas distintas cronologias, encontram-se o António e a Júlia a caracterizar as distintas épocas da realidade do território lisboeta. Saliento ainda que o António é o narrador das diferentes histórias que se contam. É o António que se dirige diretamente a quem visita o espaço, descrevendo não só a sua vida, mas também a de Júlia e a do resto da população. Assim, Júlia surge nas imagens, mas é uma personagem passiva. Júlia está sentada, mas ativa. Na ilustração, António aparece em primeiro plano e apresenta-se como o descobridor da liga de bronze, ou seja, como o símbolo da principal inovação tecnológica deste período. A valorização da metalurgia em detrimento de outras atividades é por si só um estereótipo. Em trabalhos mais recentes, sobre o Calcolítico e a Idade do Bronze, começa a procurar-se a valorização de outras atividades que podem ter tido igual importância económica e social, como por exemplo a tecelagem (*e.g.* Costeira, 2017, p. 283; Costeira *et al.*, 2023; EUROWEB, s.d.; Soares *et al.*, 2018; Priola, 2023). Contudo, regra geral, as narrativas produzidas pelos trabalhos mais recentes não chegaram ainda aos museus e, por sua vez, ao público geral. O público, que pode ainda não conhecer os trabalhos mais atuais de arqueologia, poderá interpretar ainda a metalurgia como uma atividade mais importante, até porque tal inovação dá nome a um diferente período.

No texto, António diz que “Júlia e as outras mulheres cultivam plantas para alimento e aproveitam as fibras para fazer cestos, cordas e redes para a pesca.” Assim, o texto informa que as mulheres trabalhavam na agricultura, na tecelagem e na cestaria, apontando claramente que neste período havia divisão de tarefas por género. Na ilustração, António dedica-se à tecnologia lítica e, no texto, diz-se ferreiro. Assim, é passada a imagem de que eram os homens quem se trabalhava a tecnologia lítica e quem dominava a metalurgia.

Júlia enquadra-se na subcategoria de mulher-trabalhadora, a quem são atribuídos os estereótipos de jovem, carinhosa, simpática, meiga e atraente. É uma mulher nova, que aparece de sorriso nos lábios, com o olhar doce e meigo sobre António, e com uma saia “atraentemente” curta.

A terceira personagem da cena 4 surge no fundo do quadro. Está muito sorridente e parece estar a correr e a brincar pelo espaço. Parece já ser uma jovem - adulta, mas a sua postura é de criança. Não lhe foi atribuído um nome. É uma mulher anónima. Não consegui enquadrar esta personagem numa subcategoria, mas é possível associar-lhe os estereótipos de mulher jovem, ágil, emotiva, infantil e ociosa.

Na exposição de Pré-História identificam-se cinco cenas no total. No conjunto de cenas reconhece-se um total de nove pessoas, das quais seis são homens e apenas duas são mulheres.

Exposição Monográfica do Povoado Pré-histórico de Leceia e Exposição de Arqueologia do Concelho de Oeiras. Município de Oeiras.

As exposições analisadas no concelho de Oeiras foram: Exposição Monográfica do Povoado Pré-Histórico de Leceia, inaugurada em 1997 no MNA e posteriormente na Fábrica da Pólvora, em 1998, e Exposição de Arqueologia do Concelho de Oeiras, inaugurada em 2011. Ambas se localizam na Fábrica da Pólvora de Barcarena. As exposições não possuem orgânica de museu. Porém, como são visitáveis e cumprem as funções museológicas de divulgação e educação, foram integradas na presente análise.

Na Exposição Monográfica do Povoado Pré-histórico de Leceia é exposto algum do espólio que foi recolhido durante as escavações do povoado de Leceia, realizadas entre 1983 e 2002. O sítio arqueológico integra-se nos períodos cronológicos do Neolítico Final e Calcolítico Final e reveste-se de grande relevância arqueológica. Assim aponta João Luís Cardoso:

Leceia configura, como nenhum outro povoado fortificado da Estremadura, a possibilidade de se articularem de forma coerente informações de diversa origem e natureza – estratigráfica, tipológica, cronológica e construtiva – por forma a fornecer um quadro coerente da evolução da ocupação humana verificada naquela plataforma rochosa, ao longo de cerca de mil anos, entre o último quartel do 4.º milénio a.C. e o último quartel do milénio seguinte (Cardoso, 2022, p. 416).

A exposição procura contar a “história de mais de 1000 anos” do “povoado”, ou seja, permitir ao público “acompanhar o quotidiano deste povoado” “através da grande

maquete exposta, dos objetos e dos respetivos textos explicativos” (Câmara Municipal de Oeiras, s.d.).

Exposição Monográfica do Povoado Pré-histórico de Leceia

Descrição e interpretação

Quem visita a exposição depara-se imediatamente com a grande maquete do povoado de Leceia, onde é possível observar as estruturas identificadas e colocadas a descoberto pelas intervenções arqueológicas. Nesta não são recriadas cenas do quotidiano, pelo que não tem personagens representadas.

Ao longo da exposição existem 23 painéis expositivos, sendo que apenas dois correspondem a uma ilustração interpretativa de cenas do quotidiano. Um primeiro é sobre a produção de alimentos e o segundo é sobre a metalurgia. Os outros 21 painéis servem sobretudo para ilustrar e explicar os materiais arqueológicos que estão expostos.

Quem visita o site da exposição encontra o vídeo “Leceia 2.500 a.C.”, “um filme de animação que recria o quotidiano no povoado pré-histórico de Leceia da época do Calcolítico”. Considerou-se esse vídeo como parte da exposição, pelo que se contabilizaram as cenas dessa peça. O filme contém 17 cenas, nas quais se reconhecem 57 personagens.

O primeiro painel da exposição explica as atividades da caça, da pesca e da recolha de moluscos. O segundo aborda os temas da exploração de matérias-primas e da captação e conservação de água. Segue-se o painel sobre a produção de alimentos.

No painel que explica a produção de alimentos estão representadas 11 personagens: 2 mulheres, 2 homens e 7 de sexo/género não identificado. Todas as pessoas são adultas.

A este painel corresponde a cena 1. Observam-se três mulheres, em primeiro plano: estão de frente, a cortar e preparar trigo. A primeira mulher está reclinada e a segunda está de pé. Estão ativas, a trabalhar na agricultura. Estão a cortar e a preparar o trigo. Em ambas, denota-se uma sexualização dos seus corpos. O seu peito é destacado,

não apenas pela dimensão, mas também pela seminudez em que são retratadas. Uma das mulheres, ainda que agachada, está numa posição ativa, mas a sua posição é utilizada para dar proeminência ao seu decote, a outra mulher, com um dos seios quase de fora daroupa, transmite cansaço pela tarefa que está a desempenhar ao limpar o suor da testa. As duas mulheres enquadram-se na subcategoria de mulher-trabalhadora. Na mulher que está agachada foi possível ler os seguintes estereótipos: atraente, bela, jovem, sedutora e voluptuosa. A mulher que está de pé partilha os mesmos estereótipos, mas é possível acrescentar que parece ainda ser frágil e ociosa.

A personagem que está atrás das duas mulheres está agachada. Não foi possível decifrar o seu sexo/género. A personagem que está em quarto plano é um homem. Está de pé, de frente para quem observa a ilustração, a cortar árvores. Encontram-se mais duas pessoas no plano intermédio: estão de pé com uma junta de bois a lavrar o campo, uma delas é do sexo masculino. O homem está a puxar a junta e outro personagem está a empurrar o arado. Mais afastadas, visualizam-se outras duas personagens: estão a caminhar, de costas e a carregar o trigo para o interior das muralhas. Outra figura, situada no mesmo plano que as duas últimas, está em pé e a pastorear o gado. As duas últimas personagens estão num plano já muito distante: estão de pé, sobre as muralhas do povoado, a vigiar o território envolvente.

O quarto painel é sobre as pastagens e os animais domésticos. Os dois painéis que se seguem são sobre o comércio e as trocas, retratando as trocas que se realizariam nos âmbitos regional, inter-regional e suprarregional. O sétimo e oitavo painel mostram quais eram os artefactos produzidos para o desempenho das tarefas do quotidiano, tais como os artefactos de pedra lascada, pedra polida, os materiais de osso e os materiais cerâmicos.

A seguir vemos os painéis sobre “duas atividades especializadas”: a metalurgia e a tecelagem (cena 2). No painel sobre a metalurgia, observa-se uma ilustração com um ensaio de reconstituição da metalurgia do cobre, onde estão representados dois homens, um adulto e um jovem-adulto. Estão ambos de pé, de frente para quem os observa, a trabalhar o cobre. A explicação textual da tecelagem é acompanhada pelo desenho de uma reconstituição de um tear em descanso, sem uma figura humana associada. Na cena 2 estão apenas representados dois homens e ambos trabalham na metalurgia, um dos temas do painel, a par com a tecelagem. Tal como referi na descrição, a tecelagem é

explicada através de texto e imagem. No entanto, no desenho em que se reconstituiu um tear, opta-se por não representar uma figura humana. Esta opção é curiosa, sobretudo se a cruzarmos com a afirmação de Cardoso no catálogo da exposição, onde o arqueólogo diz:

A prática de atividades especializadas no Calcolítico está documentada, em Leceia, pela tecelagem, através de um elemento de tear, atribuível a um peso, destinado a manter esticadas as fibras que constituíam a trama. Integrava tear vertical, montado em madeira. Prova da suspensão da peça por apenas dois orifícios de cada vez, é o desgaste que, de um lado, ambos exibem (Fig. 34). Sem dúvida que esta atividade, de carácter doméstico, requeria formação específica, assumindo-se como exemplo de divisão social do trabalho entre géneros (Cardoso, 2011, p. 64).

Mesmo no preâmbulo, o autor justifica a exposição de alguns «materiais de Leceia, recolhidos nas escavações já aludidas, considerados necessários para ilustrar certos avanços tecnológicos ali bem documentados, como a metalurgia do cobre e a tecelagem.» (*ibid*, p. 13). Tanto em exposição como no seu catálogo, assume-se que havia divisão de tarefas por género, sendo que a metalurgia seria desempenhada por homens e a tecelagem seria realizada por mulheres. Quanto à tecelagem, e uma vez mais consciente do perigo de generalizações mas reconhecendo o quão importantes são os novos dados para a reflexão, começam a surgir evidências arqueológicas de que em determinadas sociedades seriam as mulheres a desempenhar esta tarefa (Sánchez Romero, 2022; Algrain & Mary, 2024). No território português, nomeadamente em contextos arqueológicos Calcolíticos e da Idade do Bronze do Alentejo, as análises antropológicas têm vindo a demonstrar um padrão de desgaste dentário, sobretudo em esqueletos femininos. Este desgaste estaria relacionado com o trabalho das fibras vegetais, uma das etapas do processo produtivo que envolve a elaboração de têxteis (Coelho, 2015; Costeira, 2017, p. 283; Fidalgo, *et al.*, 2016, p. 20). Sobre isto, é importante lembrar que as evidências começam a surgir porque a pergunta foi colocada. Contudo, para a metalurgia, não há quaisquer provas de que fossem apenas os homens a realizar tal atividade.

O painel que se segue é sobre “zoolatria e o culto da fertilidade”. É ilustrado com a fotografia de uma das figuras animais em terracota, recolhida nas intervenções arqueológicas. O texto expressa o seguinte:

Trata-se da representação de porcas, as quais, pelas formas rotundas e extrema facilidade de reprodução, facilmente se identificam com a noção de fecundidade e abundância. A representação genital feminina, como morfologia característica da época do cio, explícita em um dos exemplares, mais reforça a sua relação direta com cultos agrários propiciatórios de boas colheitas e à fertilidade da Terra.

O painel a seguir apresenta-se sob o tema “o despertar do calcário e a divindade calcolítica” e relaciona-se com o expositor em que são expostos objetos tradicionalmente associados à esfera mágico-religiosa, amuletos e adornos, entre os quais as referidas esculturas de suídeos, ídolos-cilindro, “ídolos de gola”, “vasos com decoração simbólica” e recipientes votivos em calcário. No painel é dado destaque à fotografia de uma das peças que se encontra exposta na vitrina – um “ídolo-cilindro coma representação do triângulo púbico feminino”. No texto do painel pode ler-se:

A ocorrência de diversos ídolos-cilindro de calcário sugerem a existência de pequenos altares domésticos. Estas peças ocorrem tanto no Calcolítico inicial como no pleno; porém, a existência de algumas, do Calcolítico pleno, fortemente fraturadas ou reaproveitadas como pilão, sugere perda da sua carga simbólica. Um exemplar ostenta, estilizado, o triângulo genital, explicitando a natureza feminina da Divindade.

Para pensar sobre esta mensagem que é transmitida ao público geral, considero importante transcrever um excerto da reflexão da investigadora Ana Vale sobre o tema. O comentário é o seguinte:

Sugerir que as representações do corpo do sexo feminino estão conectadas com a Deusa Mãe denuncia a repetição de uma narrativa que liga coisas e pessoas a funções determinadas, cosendo a explicação com pontos tão apertados que não deixa espaços para que outras relações, outros materiais, outras interpretações possam entrar na discussão. Se por um lado, o trabalho notável de Marija Gimbutas (1982) tornou visível a mulher e lhe concedeu um espaço fulcral no entendimento das sociedades pré-históricas com a interpretação de figuras antropomórficas como Deusa Mãe, por outro lado criou a nomenclatura onde a Arqueologia tradicional vai tecer as suas considerações estereotipadas da mulher: enquanto deusa e enquanto mãe, ligando o sagrado e o profano (Bailey 2015: 1) (2015, p.12).

Quanto às cenas do filme “Leceia 2.500 a.C.”, a primeira representa uma família constituída por um homem, uma mulher e uma criança. A família avança na direção de quem está a ver o vídeo, com a paisagem de Leceia como fundo. As personagens estão

todas no mesmo plano. A mulher leva a criança pela mão e, na outra mão, carrega uma cesta com comida. O homem, um pouco mais afastado, leva uma lança ao ombro enquanto caminha e olha para a sua família. É possível ver o modelo de família nuclear Ocidental refletido na Pré-História, representado pelos pais e pela criança. A ideia transmitida é a de que compete à mãe o cuidado da prole, na esfera doméstica, enquanto o homem, que está a olhar para a mulher e para a criança e carrega consigo uma ferramenta de caça, é quem “olha” pela família e quem se preocupa pelo seu sustento. O casal é jovem. A mulher é bela e elegante, com os seios e ancas bem demarcados. A mulher integra-se assim nas subcategorias de mulher-cuidadora, mulher-mãe e mulher-esposa. Na sua imagem podem ler-se os seguintes estereótipos: jovem, bela, voluptuosa, elegante, maternal, meiga, cuidadora.

Na cena 2, que representa a pesca e a captura de moluscos, identificam-se três homens e uma mulher. Um dos homens está sentado e a pescar com linha, em primeiro plano. No plano seguinte está a única mulher desta cena. Está com um joelho apoiado no chão, a capturar moluscos, a desempenhar a sua tarefa num ambiente mais resguardado do que aquele em que os homens se movem. A imagem coloca-a na subcategoria de mulher-trabalhadora e associada aos estereótipos de bela, jovem, frágil voluptuosa. Nesta cena, tal como em outras do filme, a mulher surge como voluptuosa no seu todo e não apenas nos seus atributos sexuais. Embora jovem, a imposição de um determinado conceito de beleza é menor. No plano de fundo, pode ver-se um barco com dois homens no seu interior. Estes homens estão a pescar com rede. A mulher é representada entre três homens, todos eles dedicados à pesca.

A cena 3 corresponde à representação dos animais que eram caçados pelos habitantes do povoado de Leceia. Assim, na cena figura um homem, que serve de escala para comparar o porte dos animais caçados. O homem está de pé, de frente para quem observa a imagem e numa postura decidida. Um dos punhos está cerrado e na outra mão segura uma lança com ponta de sílex.

No filme é retratada uma cena de caça (cena 4). Nesta cena estão duas pessoas: um homem e outra pessoa, que poderá ser uma mulher. Contudo, não interpretei o sexo/género desta personagem. O homem, de joelho apoiado no chão, aponta o arco e flecha na direção de três cervídeos, enquanto a outra pessoa, também com um dos

joelhos apoiados no chão, segura uma lança numa das mãos ao mesmo tempo que olha e toca no cão que está a seu lado.

Na cena 5 é possível perceber como se procedia ao tratamento das peles dos animais caçados. Nesta cena estão três pessoas: um homem, uma mulher e uma pessoa na qual não foi possível perceber o sexo/género. O homem ocupa o primeiro plano da cena. Está de pé, a cortar e a separar a pele do animal, com um utensílio lítico (ponta foliácea). Em segundo plano pode observar-se a mulher de joelhos, a limpar os restos de carne e gordura da pele, com um raspador. No fundo da cena está uma pessoa, também de joelhos, a lavar as peles na ribeira. A cena procura reproduzir o tratamento das peles dos animais caçados. Neste momento observa-se a mulher a utilizar um raspador para limpar os restos de carne e gordura da pele, enquanto o homem corta e separa a pele do animal, com uma ponta foliácea. Estudos recentes, realizados sobre material funerário de populações do Nordeste da Península Ibérica, do Neolítico, permitiram colocar a hipótese de uma possível divisão de tarefas por género, uma vez que artefactos adequados ao corte da carne surgem mais associados aos homens, enquanto materiais mais pequenos, de que são exemplos as raspadeiras, que podem aplicar-se no tratamento das peles, tendem a aparecer associados a mulheres (Algrain & Mary, 2024, p. 172). Apesar desta nota, saliento os perigos de reproduzir generalizações dos resultados obtidos a territórios e períodos cronológicos.

Na ilustração, o homem surge de pé e em primeiro plano, enquanto a mulher está de joelhos, curvada em segundo plano. À subcategoria de mulher-trabalhadora, acrescentem os estereótipos de jovem, trabalhadora e dedicada.

A cena 6 corresponde à representação do uso da enxó. Na cena mostra-se a utilização deste instrumento em pedra polida na construção de uma embarcação, realizada por um homem. Atrás da embarcação pode visualizar-se outro homem: um pastor que passa pelo construtor, numa postura muito reta e com o cajado apoiado no ombro.

Na cena 7 observa-se uma vez mais um homem, desta vez a abater árvores com um machado em pedra polida. Ao mesmo tempo, o narrador enfatiza a importância desta tarefa, afirmando que o corte de árvores era necessário para criar terreno livre para a agricultura. O homem ocupa o lugar de destaque, a abater uma árvore, enquanto o narrador enaltece essa tarefa. As outras personagens encontram-se no plano de fundo da

cena 7: duas mulheres a trabalhar na agricultura. Uma das mulheres está a lavrar o campo com o auxílio da tração animal e do arado e a outra mulher está a semear o terreno. Uma vez mais as mulheres surgem como jovens e elegantes. A subcategoria é a de mulher-trabalhadora.

A cena 8 também retrata o trabalho agrícola. Nesta cena são representados dois homens a colher cereais.

No povoado foram encontradas estruturas que foram interpretadas como eiras. Assim, a cena 9 serve para mostrar como eram utilizados estes espaços. Aparecem 6 pessoas: dois homens, duas mulheres e duas crianças. As duas mulheres encontram-se fora da eira e estão a utilizar um crivo para separar os cereais, uma delas ocupa o primeiro plano da cena. Ambas estão de pé. Um dos homens está na eira a malhar os cereais, enquanto o outro está a aproveitar a palha dos cereais para fazer a cobertura da habitação. As duas crianças estão a separar os grãos de cereal da palha, numa segunda eira. Os homens desempenham tarefas que supostamente exigem maior força, como a malhagem e a construção, enquanto as mulheres peneiram os cereais (trabalho que, embora desconsiderado, requer igualmente força). Importa realçar a disposição das mulheres no espaço, uma vez que ambas ladeiam a eira em que estão as crianças, sendo uma vez ligadas à esfera do cuidado. São representadas como mulher-trabalhadora e mulher-cuidadora, ao mesmo tempo que se associam aos estereótipos de jovem, ágil, elegante e dedicada.

Na cena 10 é representada uma pessoa a moer cereal, para obter farinha. Não é perceptível se é um homem ou uma mulher. A pessoa está a utilizar a mó manual, pelo que está de joelhos. No interior de uma cabana foram encontrados vários elementos de mós manuais. A moagem de cereais é uma atividade mecânica muito exigente e extenuante. Utilizando a técnica da Pré-História que implica friccionar os grãos, que estão sobre o dormente, com o movente. Seria necessário dedicar três horas à moagem de grãos para conseguir obter cerca de 3 kg de farinha, a quantidade necessária para alimentar um grupo de seis pessoas (PASTWOMEN, s.d.). A moagem de cereais adquire uma grande relevância para as sociedades produtoras de alimentos. As mulheres não aparecem claramente associadas a uma atividade para a qual determinados dados indicam que seria feminina (Algrain & Mary, 2024; Sánchez Romero, 2022).

No fundo da cena estão três pessoas que parecem estar a carregar sacas de farinha para o interior de uma carroça. Uma das personagens é um homem que aparentemente está a organizar o trabalho das outras duas pessoas, as quais carregam as sacas para a carroça.

Na cena 11 é realçada a importância da produção cerâmica. Nesta cena são representadas três mulheres, uma criança e duas adultas. A criança está a fazer os rolos que uma das mulheres irá utilizar na modelação cerâmica. A outra está a decorar a cerâmica. Em plano secundário, figuram mais duas personagens: um homem que está junto a uma fogueira a cozer a cerâmica produzida pelas mulheres e, ao fundo, vê-se uma mulher, mas não é possível perceber que tarefa está a desempenhar.

Nesta recriação da produção cerâmica são as mulheres que assumem as tarefas de molde e decoração. Ainda que em plano secundário, o único homem da cena surge associado à tarefa que exige a habilidade do domínio do fogo. Ele aparece de pé e encarregue da cozedura dos materiais produzidos, neste caso, pelas mulheres.

Influenciados por observações etnográficas, ainda que sem dados arqueológicos que permitissem o estabelecimento de paralelos, muitos pré-historiadores assumiram que a produção da cerâmica manual seria uma tarefa maioritariamente feminina (Algrain & Mary, 2024). No entanto, uma visão sexista de que sendo uma tarefa mais delicada, que requiere habilidade, pode ter levado a considerar-se uma atividade mais própria das mulheres (Rovira Hortalà, 2017, p.191). Esta cena reflete essa ideia, pelo que são as mulheres que aparecem em destaque. Isabelle Algrain e Laura Mary acrescentam que a associação da cerâmica às mulheres ocorre maioritariamente quando a sua produção se remete à escala doméstica. Pelo contrário, quando a cerâmica se assume como uma atividade comercial, já aparecem os homens como produtores e especialistas (2024, p.172). Não obstante, os artefactos cerâmicos são símbolos de inovação, memória e identidade (PASTWOMEN, s.d.).

Embora a presença de uma criança-adolescente possa pretender transmitir a importância da aprendizagem e da transmissão de saberes tecnológicos e identitários, acaba por remeter uma vez mais as mulheres para a esfera do cuidado. Assim, as mulheres aqui representadas integram-se na subcategoria de mulheres-trabalhadoras, mas também de mulheres-cuidadoras. A forma como as mulheres estão sentadas expõe as suas nádegas, sujeitando-as a uma certa sexualização. Os estereótipos que

transparecem são os seguintes: jovem, bela, delicada, elegante, sedutora, cuidadora e voluptuosa.

A cena 12 serve para mostrar quais os animais que já eram domesticados neste período. Ladeado pelos animais, aparece o homem. O homem está de pé, a caminhar com os animais, com o cajado ao ombro. O tema da domesticação dos animais conduz às cenas seguintes, que retratam a exploração dos produtos secundários, nomeadamente o queijo e a lã. Na cena 13 são representadas duas mulheres envolvidas na produção de queijo, junto a uma habitação. Em primeiro plano, pode ver-se uma mulher sentada e focada no seu trabalho, a enformar o que virá a transformar-se em queijo nos cinchos. No fundo da cena está uma mulher a ordenhar uma ovelha. São mulheres-trabalhadoras. Uma vez mais são representadas mulheres às quais é possível colar os estereótipos de jovem e bela. Uma das figuras transmite ainda leveza e delicadeza de movimentos.

A cena 14 representa a tecelagem. O cenário é o interior de uma casa, onde estão duas mulheres sentadas ao redor de uma fogueira, a confeccionar tecidos e roupas. A recolha arqueológica de pesos de tear, agulhas e furadores em osso comprovam a produção têxtil em Leceia. Como referi anteriormente, João Luís Cardoso designa a tecelagem como uma das atividades reveladoras «da divisão social do trabalho entre géneros» (Cardoso, 2011, p. 64). A tecelagem, que poderia ser uma atividade maioritariamente feminina (Sánchez Romero, 2022; Algrain & Mary, 2024), surge assim representada por duas mulheres. As personagens ocupam o espaço doméstico, onde estão a confeccionar vestuário com tecidos que terão sido produzidos no tear que está no fundo do compartimento. Integram a subcategoria de mulher-trabalhadora, mas, tal como na cena anterior, os estereótipos de mulher jovem e bela estão presentes. A estes dois estereótipos acrescem os seguintes: delicada, atraente, ágil e simpática.

A seguir, e a contrastar com a série de imagens anteriormente transmitidas, em ambiente maioritariamente doméstico e, de alguma forma, ligadas ao cuidado, vêm cenas que reproduzem visões estereotipadas de determinadas atividades: produção de ferramentas em sílex e osso (cena 15) e a metalurgia do cobre (cena 16). A presença exclusiva de homens na reprodução destas atividades reforça a sua visão como tarefas tradicionalmente masculinas.

A última cena do filme (cena 17) retrata uma cerimónia fúnebre. No ritual veem-se 10 pessoas a sair do povoado, em direção à necrópole para realizar o enterramento.

Identificam-se quatro mulheres e quatro homens. Não é possível perceber se a pessoa morta é um homem ou uma mulher. A representação de géneros é paritária e não há destaque para nenhuma das personagens. A cerimónia coloca todas as personagens na esfera do ritual e do sagrado. A subcategoria que usei para enquadrar as mulheres nesse ambiente foi a de mulher-devota, embora considere que possa ser um termo redutor para definir o envolvimento numa recriação que procura representar a complexidade dos discursos sociais que o registo arqueológico funerário desta cronologia permite inferir. É representada uma criança que parece chorar enquanto caminha de mão dada com uma mulher, o que a coloca na esfera do cuidado. Na outra mão, esta mulher transporta uma oferenda votiva. Assim, integrei essa personagem nas subcategorias de mulher-mãe, mulher-cuidadora e mulher-devota. Nessa personagem lêem-se ainda os seguintes estereótipos: afetuosa, maternal, jovem e cuidadora. Uma adolescente, jovem e elegante também leva uma oferenda votiva, um recipiente cerâmico. Dois homens carregam a pessoa morta, enquanto os outros dois homens acompanham a marcha fúnebre. Um destes segura uma lança. Não se percebe qual a finalidade da lança, se terá apenas um significado simbólico, sendo para oferenda votiva, ou se será para ser utilizada, pelo homem que a transporta, como uma ferramenta de defesa. Contudo, volta a notar-se a associação dos líticos ao mundo masculino e a ligação da cerâmica ao universo feminino. Outro dos homens segura um ídolo calcário. Uma das expressões materiais desses códigos sociais são os “ídolos” cilíndricos. Esse objeto ideotécnico, à qual é frequentemente atribuída relevância nos espaços museológicos, é transportado por um homem, um ancião. Em todo o filme, é a primeira vez que se vê uma pessoa mais velha.

As outras duas mulheres encontram-se um pouco mais afastadas do grupo, a fazer pinturas faciais. A opção por dispor essas mulheres num canto mais íntimo, como se estivessem apenas a maquilhar-se, um ato tradicionalmente associado ao universo feminino, retira a importância social e ritual que as tatuagens faciais teriam. As tatuagens faciais são frequentemente representadas nos variados objetos ideotécnicos funerários que são atualmente interpretados como representações de corpos humanos (Bueno Ramírez & Soler Díaz, 2021, p. 41). A prática das tatuagens faciais, apesar de figurar no vídeo, não é explicada ou sequer mencionada. Assim, o público geral que veja o filme não reconhece a importância que tal prática poderia ter para as sociedades dos períodos entre o IV e III milénio a.C. no sul da Península Ibérica. A imagem corre o risco de ser vista como uma “coisa de mulheres”. Assim, essas mulheres podem ser

apenas vistas como vaidosas. A estas personagens acrescem os seguintes estereótipos: jovem, cuidadora, sensível, delicada e elegante.

No filme contabilizaram-se 57 personagens. Das 57 personagens, 26 são homens, 19 são mulheres e em 12 não se identificou sexo/género. Continua a observar-se a mesma representação de divisão de tarefas com base no género. Os homens surgem associados à metalurgia e à tecnologia lítica, enquanto as mulheres aparecem nas tarefas mais ligadas às esferas do cuidado, tais como a produção cerâmica ou a tecelagem.

Exposição de Arqueologia do Concelho de Oeiras

Descrição e interpretação

Na entrada da exposição de Arqueologia do Concelho de Oeiras encontra-se o catálogo da exposição, disponível para consulta. O catálogo substitui a ausência de textos explicativos ao longo da exibição. Deste modo, o catálogo não só integra a exposição como também está disponível no separador dedicado à exposição na página *online* do município de Oeiras, pelo que também será alvo de análise. A exposição não possui um texto de apresentação, para explicitar o seu propósito. Contudo, a leitura do catálogo permite perceber que a exposição visa dar a conhecer os trabalhos arqueológicos realizados no concelho, na sua grande maioria pelo Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras, sob a direção de João Luís Cardoso. Na edição, pode ainda ler-se:

[a exposição] fornece de forma simples e sugestiva uma visão sintética do que foi a evolução da ocupação do território oeirense desde os primórdios, há talvez cerca de 1,5 milhões de anos, até à criação do concelho, em 1759, através dos principais materiais e evidências arqueológicas nele recolhidos. (Cardoso, 2011, p.13).

Na exposição há um painel com a explicação diacrónica dos achados arqueológicos do território, o qual se estende por grande parte do alçado da parede Nordeste da sala. As vitrinas com os materiais arqueológicos são dispostas de acordo com o desenvolver da cronologia. As legendas das vitrinas são muito diretas, correspondendo apenas à nomeação do material arqueológico exposto.

Na cronologia é utilizado pouco texto, o qual corresponde essencialmente às legendas das imagens. Essas imagens são, sobretudo, de fotografias de espólio,

paisagens de sítios arqueológicos e intervenções arqueológicas. Não tem painéis com interpretações figurativas do quotidiano das épocas retratadas.

Nos textos de ambas as exposições analisadas, não se observa a utilização de expressões como “o homem”, verificando-se o recurso a expressões neutras, em termos de género, tais como “comunidades” ou “presença humana”. Também não se nota a utilização do neutro, que na língua portuguesa é frequentemente masculino, ou seja, não se leem expressões como “os ourives” ou “os agricultores”. Ao invés desses recursos linguísticos, os autores dos textos optaram por descrever as intervenções arqueológicas, as atividades, os artefactos, os cultos e as estruturas e arquiteturas.

Núcleo Museológico do Castelo. Museu Municipal de Palmela

O Núcleo Museológico do Castelo abriu as suas portas ao público em 1996, nas galerias da Praça de Armas do Castelo. A exposição que se visita atualmente é resultado de uma requalificação museográfica, realizada em 2009, no âmbito do Plano de Recuperação e Dinamização do Centro Histórico de Palmela (Fernandes; Rosendo & Santos, 2012-2013, p. 176-177). A exibição tem como missão «Salvaguardar, investigar, interpretar e expor o património cultural do território, por meio de um diálogo permanente e inclusivo com a comunidade local, e numa articulação com os temas globais relevantes» (Museu Municipal de Palmela, 2022, p. 8).

O espaço do Núcleo Museológico do Castelo divide-se em várias salas, cada uma dedicada a um tema e cronologia. As salas 1 e 2 dedicam-se à comunicação da arqueologia no concelho, enquanto as salas 3 a 5 «privilegiam os vestígios e espólio encontrados no próprio castelo e na vila de Palmela, significativos da sobrevivência de influências islâmicas ao nível técnico e cultural até ao séc. XV.» (*idem*). Assim, é a sala 1 que é alvo de análise, onde se pode observar a carta arqueológica e a exposição dedicada à Palmela Pré e Proto-Histórica.

Descrição e interpretação

Na sala 1 observa-se um painel com o mapa dos sítios da Carta Arqueológica do Concelho, que têm vindo a ser identificados desde o século XIX até à data da elaboração da exposição. O mapa é acompanhado por um texto que fala genericamente

sobre a história da Arqueologia de Palmela, ao qual se associam fotografias de alguns sítios que “ilustram a ocupação humana deste território, desde a Pré-História aos períodos Moderno e Contemporâneo”.

A seguir à leitura da Carta Arqueológica do Concelho, visualizam-se painéis com informação sobre as Grutas Artificiais da Quinta do Anjo, utilizadas como “local de enterramento e de rituais funerários” durante os períodos Neolítico Final e Calcolítico; sobre o povoado de Chibanes, com evidências de ocupação dos períodos Calcolítico e Bronze Antigo; sobre o Camarral, “um acampamento do Mesolítico Antigo” e sobre o Casal da Cerca, um “povoado do Neolítico Antigo”; bem como ainda um painel dedicado aos achados arqueológicos do centro histórico da vila, enquadrados nos períodos do Paleolítico Médio e Neolítico Antigo.

A exposição é tecnicista, apresentando uma síntese dos sítios arqueológicos de onde provém o espólio exposto. Sobre os sítios arqueológicos, são indicadas as cronologias em que se verificaram presença humana e é explicada a paisagem e arquitetura, bem como apontado o espólio que foi recolhido nas intervenções arqueológicas, mas pouco se avança sobre as pessoas que teriam ocupado esses espaços. A comunicação sobre os sítios arqueológicos é feita através de espólio, exposto em vitrina, e com painéis. A explanação é realizada com recurso a texto e imagens, fotografias ou ilustrações. As fotografias correspondem a vistas gerais, ou enquadramentos, dos sítios arqueológicos e de artefactos arqueológicos. As ilustrações retratam estruturas, cortes estratigráficos ou materiais.

Os textos explicam sumariamente a ocupação dos sítios arqueológicos e retratam a história das intervenções arqueológicas ali efetuadas. Embora por vezes se verifique a utilização de expressões como “comunidade de pastores e agricultores, quando os textos referem as pessoas que terão passado pelos sítios arqueológicos exibidos, observa-se a preocupação em utilizar expressões neutras em termos de género, tais como “grupos humanos”, “ocupação humana”.

Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal - MAEDS

O MAEDS abriu as portas ao público em 1976. O MAEDS encontra-se sob a tutela institucional da Associação de Municípios da Região de Setúbal (AMRS), desde

2014 (MAEDS, s.d.). A data da última remodelação da sala de Arqueologia Regional, onde se situa a coleção de Pré-História, foi em setembro de 2009. Não existe um documento programático com a missão e a vocação do MAEDS, que também não é referida no *site* do Museu. A presente informação foi gentilmente cedida pelo serviço educativo do espaço, que referiu o seguinte:

pelas suas características regionais, o MAEDS tem vindo a inscrever-se na categoria dos museus dinâmicos norteados pelo sentido de instituição ao serviço da sociedade (...). Sendo um museu arqueológico e etnográfico, de conceito físico, com coleções, sobretudo de arqueologia, etnografia e arte contemporânea, mantém além do vasto e crescente espectro de campos de interesse, uma multiplicidade de tarefas e capacidades no sentido de contribuir não só para a fruição de lazer dos seus espaços e dos seus espólios mas também para a produção e transmissão de conhecimentos, tendo papel preponderante na tarefa de educação do homem, no sentido da promoção e fortalecimento da própria dignidade da pessoa humana [...]. O MAEDS desenvolve atividade no domínio da investigação para dar a conhecer o passado da região, por forma a contribuir para a construção de um melhor futuro regional.

Descrição e interpretação

A comunicação é realizada através de linguagem gráfica, por textos e imagens que compõem os painéis que acompanham os expositores em que são exibidos os artefactos arqueológicos. Identifica-se um total de 113 imagens, 27 das quais correspondem a cenas. Sublinha-se que a maioria das cenas expostas corresponde a adaptações de publicações. As 87 imagens identificadas correspondem sobretudo a mapas, desenhos técnicos e fotografias de sítios e materiais arqueológicos, bem como a ilustrações que visam a explicação da utilização de um determinado artefacto. Nestas últimas, é frequente haver a representação de mãos humanas. Contudo, pela impossibilidade de interpretação iconográfica pretendida no presente trabalho, não foram consideradas como cenas.

Nas 27 cenas reconhecem-se 84 pessoas, das quais apenas 6 são mulheres. Identificam-se 49 homens e às restantes 29 pessoas não foi possível atribuir um sexo/género.

A exposição está cronologicamente organizada, tendo início na informação sobre a evolução humana. Neste espaço, num parágrafo do texto intitulado “Artefactos. Alimentação e Desenvolvimento Psíquico”, pode ler-se: “A evolução dos artefactos depende das necessidades de recolha e tratamento de alimentos no quadro de uma dieta omnívora e do desenvolvimento das capacidades intelectuais dos seres humanos; este desenvolvimento é igualmente estimulado pela produção de instrumentos”. Sob o texto, observa-se um homínido do sexo masculino (*Homo Erectus*), a produzir um biface (cena 1).

Seguem-se os painéis que explicam o que é o Paleolítico, expondo materiais provenientes de alguns dos sítios arqueológicos deste período, que são identificados num mapa da região de Setúbal.

No painel denominado “Paleolítico Inferior e Critério Artefactual”, o texto refere o seguinte sobre os homínidos da espécie *heidelbergensis*, que se supõe que terão habitado na área que é hoje o distrito de Setúbal: “Viviam da caça e da recolha, em pequenos grupos nómadas, frequentando assiduamente o litoral, fabricando os seus instrumentos nas praias onde a matéria-prima abundava, já senhores do controlo do fogo.” O painel é ilustrado com uma reconstituição de um acampamento de ar livre do Paleolítico Inferior, adaptado de Lumley, 1982 (cena 2). Na cena, reconhecem-se sete personagens, entre estas, cinco são homens e nas duas restantes não se consegue identificar o sexo/género. Pode observar-se as personagens a construir de um abrigo e a fabricar utensílios líticos.

No painel dedicado ao Paleolítico Médio, encontra-se um quadro com a fauna existente neste período, consoante os dados arqueológicos das intervenções na Gruta da Figueira Brava, segundo M. Telles Antunes, 1990-1991. No topo da ilustração está o “Homem”, representado mesmo por uma personagem numa posição que transmite movimento e com um aparente instrumento de caça na mão (cena 3). Optei por designar a personagem como “não identificado(a)”. Contudo, devo frisar que parece ser um homem e, a associação à legenda “Homem”, poderá induzir a pessoa que observa a interpretar a imagem como masculina. No texto sobre a Gruta da Figueira Brava, que ladeia o quadro da fauna, é indicado o seguinte:

o baixo nível marinho de então deixava a descoberto uma vasta planície litoral, atualmente submersa, onde eram caçadas várias espécies, como o auroque, o rinoceronte, o cavalo e o veado, eventualmente o mamute, tanto pelo Homem, como pelos predadores com os quais alternava a ocupação do abrigo.

A seguir são mostrados materiais arqueológicos e informação sobre o Sítio da Conceição (Alcochete), um “acampamento de ar livre do Paleolítico Médio”, intervencionado em 1998. Neste painel identificam-se as cenas 4 e 5. A legenda diz o seguinte: “reconstituição de cenas de caça ao mamute e ao cavalo, realizado necessariamente em grupo, e no primeiro caso, com provável atração da presa a zonas húmidas, onde a mesma pudesse ficar aprisionada”. Na caça ao mamute (cena 4) identificam-se dois caçadores, ambos homens. Na caça ao cavalo (cena 5), observam-se três pessoas, em que duas são do sexo/género masculino. O terceiro elemento encontra-se no plano de fundo, vendo-se apenas uma silhueta difusa.

No painel sobre o Paleolítico Superior encontra-se uma reconstituição do modo de vida no “Sítio da Praia dos Nascedios Norte (Costa Sudoeste). Final do Magdalenense.” (cena 6). Nesta cena identificam-se quatro pessoas, mas só é possível identificar o sexo de uma delas, que é um homem. Este último está em primeiro plano, a talhar ferramentas líticas. Em segundo plano observa-se uma pessoa, aparentemente um homem, acompanhada de uma criança. Ambos estão a esquartejar a caça. No fundo da cena, vê-se uma pessoa, de costas, a dirigir-se para o interior do abrigo. Sob este painel, encontram-se expostos os materiais arqueológicos provenientes do Sítio da Praia dos Nascedios Norte. É entre estes artefactos que se situa a cena 7, na qual se pretende explicar o subsistema tecnológico de uso intensivo de núcleos de líticas. Nesta cena está representado um homem, em pé e curvado, a fabricar utensílios.

Segue-se o painel intitulado “Epipaleolítico: As grandes transformações ambientais”, no qual se observa um homem, de arco e flecha na mão, a aproximar-se de um veado de forma cautelosa (cena 8). Ilustra a caça ao veado, que, segundo os dados arqueológicos do acampamento da Barca do Xerez de Baixo (médio vale do Guadiana), continuou a “ter um papel económico relevante” neste período.

Em todas as cenas relativas ao período Paleolítico (cenas 1 a 7), incluindo o Epipaleolítico (cena 8), são representados homens a desempenhar as atividades

consideradas essenciais para a evolução e desenvolvimento da humanidade, das quais se destacam a caça e o fabrico de utensílios líticos. Para além do destaque imagético que é dado aos elementos do sexo masculino é reforçado por textos como o que lemos associada à cena 2, em que é utilizada a expressão “senhores do fogo”. Quem imaginamos quando lemos esta frase sobre o domínio do fogo, que é considerada uma das maiores conquistas da humanidade?

No painel “Mesolítico: adaptações ribeirinhas”, que retrata um período em que os grupos humanos “adotam estratégias de largo espectro e de mobilidade logística”, encontram-se as cenas 9 e 10. No texto pode ler-se o seguinte: “Homens e mulheres possuíam idêntico estatuto social. As formações sociais regem-se por normas igualitárias.”

A cena 9 é um esquema adaptado de uma publicação de Christopher Smith (1992), cuja legenda informa: “estratégia de mobilidade logística. Apenas uma parte do grupo se desloca pelo respetivo território (acampamentos temporários, economicamente especializados, B, C e D), ficando os restantes elementos no acampamento de base (A).” Na cena identificam-se 13 personagens. A imagem é muito pequena, pelo que só se identifica claramente o sexo/género de quem está em primeiro plano, que são três homens. No acampamento D, temporário e economicamente especializado, está um homem, sozinho, a fabricar utensílios líticos. No acampamento de base (A), dois homens ocupam a posição de destaque e preparam a embarcação para ir para o mar pescar. Os restantes habitantes do acampamento ocupam-se em atividades diversas, desde construção de embarcações a preparação de fogueiras. É representada uma criança a correr pelo acampamento.

A cena 10 mostra uma “lareira especializada no talhe lítico do sítio mesolítico de Vale Marim I (Sines), que conservava o bloco que terá servido de assento ao artífice”. Neste sentido, é representado um homem, sentado no bloco identificado nas intervenções arqueológicas, a produzir instrumentos líticos.

No painel associado às cenas 9 e 10, que se intitula “Mesolítico: adaptações ribeirinhas”, o texto indica que “Homens e mulheres possuíam idêntico estatuto social”. Contudo, as únicas personagens em que é possível identificar o sexo/género, são homens e são apresentados numa atitude exploratória e a representar uma atividade

reveladora das estratégias de subsistência de largo espectro que caracterizaram estas populações no período Mesolítico.

No painel seguinte, intitulado “Revolução neolítica: as primeiras sociedades agro-pastoris”, estão as cenas 11 a 17, onde estão representadas apenas duas mulheres (cenas 15 e 17). Na análise das cenas 13 e 14, que mostram a agricultura de sacho e a preparação de uma lareira culinária, preenchi os campos relativos ao sexo/género da pessoa com “não identificado”. No entanto, numa visualização imediata, são duas mulheres que vejo representadas. No texto é referido que em “um período de larga dispersão da economia de produção de alimentos, o chamado Neolítico Antigo evolucionado, durante V milénio BC, durante o qual a mulher terá detido um estatuto social de elevado prestígio, associado ao reconhecimento do seu papel como esteio da unidade produtiva familiar e como reguladora da prática agrícola”. Apesar das mulheres aparecerem a trabalhar em atividades de relevo para a economia e ser referido o papel de prestígio que poderão ter assumido com a adoção da prática agrícola, as mulheres aparecem realçadas na sua ligação ao modo de produção doméstico.

A cena 11, situa-se no expositor entre materiais arqueológicos, nomeadamente entre machados e enxós em pedra polida. Trata-se de uma demonstração da utilização de um machado ou enxó, em que vemos um homem, em pé e curvado, a manusear essa ferramenta.

A cena 12 está no painel, ao lado do texto. Representa um homem a pastorear o gado ovino. Está em pé, deslocando-se sozinho pela paisagem, provavelmente mais distante das áreas habitacionais. A imagem simboliza a domesticação de determinados animais, o domínio da natureza.

A cena 13 corresponde a uma adaptação de uma publicação de Schlichterie e Walster (1986), em que surge uma pessoa, em pé e curvada, na prática agrícola com sacho.

As cenas 14 e 15 são adaptações de uma publicação de André Houot (1195). A primeira figura é a preparação de uma lareira culinária. Nesta está uma pessoa de joelhos e de costas para quem observa a imagem. Parece tratar-se de uma mulher, mas sem certeza. Na cena 15 é representada uma mulher (jovem-adulta), de joelhos, a moer

cereais, de forma serena. É mulher-trabalhadora, que transmite os seguintes estereótipos femininos: jovem, bela, meiga, delicada e elegante.

A última cena deste painel mostra dois homens numa embarcação, a pescar (cena 16). Um está de pé, a lançar a rede de pesca, enquanto o outro está sentado.

Ainda entre a exposição dos materiais arqueológicos, junto a uma cerâmica decorada do Neolítico Antigo evolucionado, está a representação de uma mulher a fazer um cesto (cena 17). Sobre a cerâmica, a legenda relata que esta “comporta, a par da sua funcionalidade como contentor, a função de suporte de informação artística e identitária, desempenhando papel de relevo na esfera da comunicação”. A representação transmite os estereótipos de mulher ágil, bela, delicada e elegante. Esta mulher-trabalhadora está delicadamente sentada junto a uma seara, a fazer um cesto.

Ainda que apareçam a trabalhar em atividades de relevo para a economia, as mulheres aparecem realçadas na sua ligação ao modo de produção doméstico.

Depois de passada a área sobre a “afirmação do modo de produção doméstico, Megalitismo e formações sociais agro-pastoris do Neolítico Médio – demeados/3º quartel do V milénio ao 3º quartel do IV milénio BC”, é entre os materiais correspondentes ao painel dedicado à “revolução dos produtos secundários da criação de gado (RPS), crescimento demográfico, apogeu do Megalitismo” que encontramos as cenas 18 e 19. A primeira foi colocada junto a instrumentos em pedra polida (machados e enxós), pois representa um homem a abater uma árvore. A cena 19 encontra-se igualmente entre instrumentos em pedra polida, mas desta vez entre goivas e formões, pelo que pode observar-se um homem a escavar um tronco para construir uma embarcação.

Um dos últimos painéis da área que aborda a Pré-História explica o “Megalitismo não funerário”, isto é, os menires que são erigidos na região ainda durante o Neolítico Antigo (6º milénio BC). Surgem integrados em estruturas arquitetónicas, ou seja, em alinhamentos, recintos e cromeleques, a partir do Neolítico Médio e expandem-se no final do Neolítico. No texto lê-se o seguinte:

Tanto no recinto do Xarez (Reguengos de Monsaraz), como no cromeleque dos Almendres (Évora), identificaram-se duas grandes fases, do final do Neolítico/alvores

do Calcolítico, os menires adquirem, regra geral, morfologia marcadamente fálica. Essa evidência arqueológica permite uma abordagem social na perspectiva de género. Mais do que uma divisão sexual do trabalho, estes marcadores territoriais assinalam o sucesso e o poder da construção social correspondente ao género masculino, ou seja, à família patriarcal, cuja longevidade milenar podemos ainda hoje comprovar nas sociedades ocidentais. O género feminino parece iniciar uma longa viagem subterrânea. Desde o ventre da terra, onde tece a vida e vigia pela sua conservação, abriga e encaminha para si os estragos da morte. Está representada pela deusa-mãe, simbolicamente corporizada na placa de xisto gravada.

O texto é apresentado de forma afirmativa. Contudo, se por um lado, as Arqueologias Feminista e de Género têm vindo a deixar claro que a Pré-História tem vindo a servir como argumento de validação de desigualdades de género, por outro, a origem do sistema patriarcal não é consensual, tal como alertam as autoras do artigo “Looking for sexual differences during the middle Neolithic in the northeast of the Iberian Peninsula”:

One of the main issues brought to the forefront by feminist archaeology have resulted in the increasing emphasis on the documentation and manifestation of the sexual inequalities and patriarchal relationships of the past. According to a popular theory, such inequalities in relationships first came into existence during the Neolithic as a consequence of the development of the agriculture (Hansen et al., 2012), although the debate regarding this is still far from being settled. (MASCLANS et al., 2019).

O painel que se segue parte dos dados arqueológicos obtidos no habitat da Ponta da Passadeira, para falar sobre a “divisão socio-territorial do trabalho na Pré-História do Sudoeste Ibérico”, isto é, sobre os grupos humanos que, “desde a margem sul do estuário do Tejo até ao estuário do Guadalquivir”, “desenvolveram uma economia agro-marítima, onde a agricultura e a criação de gado desempenharam papel secundário face à relevância da pesca, recollecção de marisco e extração de sal.” O texto refere ainda: “Os meios de produção seriam provavelmente coletivos e as relações de produção assentaram em estrutura de parentesco, de carácter igualitário.” Neste painel vê-se uma “reconstituição de cena de evaporação de água marinha para obtenção de sal, por via ígnea”. É uma ilustração adaptada de uma publicação de Escacena (1996). Na reconstituição observam-se duas mulheres a trabalhar na obtenção do sal (cena 20). As

trabalhadoras desempenham uma atividade de relevo. Uma das mulheres está de cócoras e a outra está de pé e curvada, posturas necessárias para o desempenho da atividade. Contudo, pela posição das suas cabeças, estas mulheres parecem estar cabisbaixas e transmitem uma mensagem de submissão.

Seguindo a lógica cronológica, seguem-se os painéis sobre o período “Calcolítico e desigualdade social”; sobre a “rede de povoamento calcolítico da península de Setúbal. Pedrão, Rotura, Chibanes, Outeiro Redondo” e sobre o “povoamento calcolítico do sudoeste da Península Ibérica. O povoado fortificado do Monte da Tumba”. No último situam-se as cenas 21 a 25.

A primeira imagem corresponde a uma “reconstituição de cena de exploração do aro florestal (carvalho português) do povoado do Monte da Tumba” (cena 21). Na cena observa-se um homem com um machado nas mãos, numa postura ativa. Neste painel surge ainda uma cena adaptada de uma publicação de J. Coras (1988), cuja legenda indica corresponder a uma “reconstituição de cena agrícola, com arado, o qual permitiu cultivo de solos férteis e espessos.” Nesta cena aparece uma pessoa, de costas, a arar os campos agrícolas. Ao lado estão as cenas 23, 24 e 25 que são adaptações de Percy Knauth (1974) e, a legenda indica que respeitam a reconstituições “das principais fases da atividade metalúrgica do cobre. A cena 23 representa a extração do minério e nela contam-se 15 personagens, 8 das quais são homens. As outras 7 personagens estão muito distantes, pelo que não é possível perceber o seu sexo/género. Entre os 8 homens que estão em primeiro plano, encontra-se uma criança. Na cena 24 são representados 2 homens, um adulto e um jovem-adulto, no processo de fundição de cobre. Ao fundo vê-se a silhueta de alguém que se dedica à pastorícia. Na cena 25 também é demonstrada a fundição do cobre. Nesta última contam-se oito pessoas, todos homens. O que se encontra em posição de destaque é idoso.

No painel sobre o Monte da Tumba é dado destaque à tecelagem. O texto é acompanhado por fotografias de um tear e pelo desenho de uma placa de xisto. Ali pode ler-se:

A tecelagem deixou no registo arqueológico abundantes pesos de tear, muito estandardizados, a partir dos alvares do Calcolítico. A representação idoliforme, na forma de uma placa antropomórfica, extensamente “coberta por vestes” com

diversificados padrões têxteis, acompanhava os mortos desde a transição para o Calcolítico. Raramente, encontraram-se algumas dessas placas gravadas em contexto doméstico, nomeadamente na primeira fase dos povoados calcolíticos do Pedrão e Porto das Carretas. Neste último povoado, o ídolo placa foi recuperado em um espaço funcionalmente atribuído à tecelagem. A importância deste achado decorre da associação entre uma provável divindade feminina, uma deusa-mãe tecedeira do destino dos humanos, e a tecelagem, atividade indutora do labor especializado e de divisão social do trabalho, comparável neste aspecto à metalurgia do cobre.

Sobre a interpretação que é apresentada, considero importante citar a investigadora Ana Vale, que aponta que em alguns estudos recentes «a interpretação das figuras antropomórficas distancia-se das cansadas associações de corpos femininos a cultos da fertilidade (e.g. Valera e Evangelista 2014) evidenciando outras possibilidades interpretativas [sobretudo enquanto “expressões simbólicas ideológicas” (ibid.: 298)]» (Vale, 2015, p.13). Contudo, nesta exposição é notória a preocupação em abordar questões de género e dar visibilidade a mulheres e homens.

As últimas cenas (26 e 27) situam-se na transição do Calcolítico para a Idade do Bronze, num período anterior ao surgimento de indicadores de desigualdades de género no registo arqueológico. A imagem 26 é uma adaptação de Luis Pascual Repiso (2008) e corresponde a uma “reconstituição de cena de banquete ritual de líderes do Horizonte Campaniforme”. Identificam-se sete personagens, cinco das quais são homens. Uma das personagens está sentada de costas, com um lenço a cobrir a cabeça, pelo que não é possível perceber o seu sexo/género. À exceção de um idoso, todos os homens são adultos. A mulher é igualmente adulta, e jovem. A mulher está entre os líderes masculinos, sentada e de frente para quem observa a imagem. O único homem que está de pé, estende uma taça para a mulher, que mexe numa taça com um líquido no seu interior. É a mulher que está a servir a bebida que está a ser consumida pelas pessoas presentes. A mulher está entre os que detêm o poder, mas é representada com um manto a cobrir-lhe a cabeça, o que transmite alguma ideia de submissão, e, uma vez mais, associada a tarefas de cuidado. A representação insere a personagem na subcategoria de mulher-líder e mulher-sagrada, com a leitura de estereótipos como jovem, gentil, meiga, delicada, submissa e cuidadora.

No interior do expositor, junto a peças metálicas em cobre arsenical, pode observar-se a cena 27. Retrata o “trabalho de fundidor”, representado por um homem.

Nas cenas 18, 19, 21, 23, 24, 25 e 27 encontram-se homens representados em atividades tradicionalmente masculinas, tais como o abate de árvores, a construção e a metalurgia, as quais implicam força e exploração territorial, para além da segurança dos limites domésticos. A metalurgia simboliza ainda uma importante inovação tecnológica.

MASMO - Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas. Museu Municipal de Sintra.

O Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas (MASMO) abriga uma coleção arqueológica desde 1955, ano em que a Câmara Municipal cedeu o espaço para esse fim. O atual museu está aberto ao público desde 1999. Uma das áreas do museu corresponde à «secção Arqueológica, que reúne muitos milhares de peças exumadas nas numerosas estações arqueológicas do Termo de Sintra, desde o Paleolítico Médio ao século XVIII, destacando-se, pelo seu especial significado, os núcleos neolíticos, calcolíticos e da época romana.» (Câmara Municipal de Sintra, s.d.). No Regulamento de Organização, Gestão e Funcionamento da Rede de Museus Municipais de Sintra pode ler-se que o MASMO é:

uma instituição vocacionada para o inventário, conservação, salvaguarda, estudo e divulgação do Património Arqueológico da Região de Sintra, incluindo os testemunhos mantidos in situ, tendo ainda por missão a investigação e divulgação nas áreas da Arqueologia, Antropologia, História Antiga, Etnografia e História da Arte (Aviso n.º 5803/2018, de 30 de abril de 2018, p. 69).

Entre os seus objetivos, encontram-se os seguintes: «e) Proporcionar aos visitantes uma aprendizagem/apreensão de conhecimentos, inclusive de forma lúdica, mas sempre com base científica; f) Sensibilizar os visitantes, despertando-os para a necessidade de preservar o património histórico, as raízes culturais e a memória comum» (*idem*).

O objeto de estudo do presente trabalho é a exposição “Agricultores e Pastores da Pré-História. Testemunhos da Região de Sintra”, que inaugurou a 8 de março de

2018. Atualmente, já não se encontra aberta ao público. O registo realizado *in situ* já decorreu durante a reestruturação do espaço.

Descrição e interpretação

A exposição é constituída por várias vitrinas, onde se dispõem materiais arqueológicos provenientes dos principais sítios arqueológicos Pré-História Recente, do território de Sintra. A informação sobre os artefactos expostos é realizada através de legendas e complementada por painéis expositivos. Nos painéis é utilizado texto, fotografias dos sítios arqueológicos e desenhos técnicos de materiais e estruturas para comunicar com quem visita a exposição. Em toda a exposição identificam-se duas cenas.

Quem entra na exposição encontra um painel que informa, de forma genérica, sobre os sítios da Pré-História Recente que se conhecem no território de Sintra. Logo de seguida encontra-se a uma reconstituição do que seria a vida nessa época (cena 1), com a seguinte legenda:

Há 7500 anos surgem na região de Sintra as primeiras comunidades de agricultores e pastores.

Nesse momento testemunhamos uma alteração decisiva na relação do Homem com a natureza, uma vez que a agricultura e a pastorícia se somam à caça e à recolção praticadas desde tempos ancestrais.

Na cena podem observar-se quatro homens a desempenhar atividades agrícolas e uma quinta personagem, ligada à pastorícia. Dessas figuras, quatro são homens e na quinta não é possível identificar o sexo/género. Os quatro homens estão a desempenhar tarefas ligadas à agricultura: colheita e malhagem de cereais. A quinta personagem representa a pastorícia. Tal como o texto que acompanha a cena descreve, a agricultura e a pastorícia representam “uma alteração decisiva na relação do Homem com a natureza”. Embora na ilustração não se consiga perceber se quem está a representar a pastorícia é um homem ou uma mulher, o texto induz a interpretar a personagem como um homem. Afinal, ali podemos observar os “agricultores” e “pastores”, símbolos das atividades que constituíram as grandes mudanças económicas que significam a transição para o período Neolítico. Aqui é possível ver os homens (o “Homem”) a representar o

domínio e conhecimento, ações “decisivas” que conduziram à mudança de vida das comunidades que habitavam o território de Sintra, durante o 6º milénio AC. Neste painel, as mulheres são apagadas da esfera da tecnologia, da cultura e do conhecimento.

A segunda cena foi realizada para ilustrar o painel sobre o Lapiás das Lameiras (cena 2). Este sítio arqueológico revelou ocupações humanas do Paleolítico Médio, do Neolítico Antigo e Final e do Calcolítico Final. A cena ilustra a ocupação do Neolítico Antigo, na qual se identificam sete personagens: dois homens, três mulheres e duas crianças.

Os dois homens da cena ocupam posições de destaque, situando-se em primeiro plano. Um dos homens está sentado, a fabricar utensílios líticos, essenciais à prática de grande parte das atividades económicas desenvolvidas à época (agricultura, caça, pesca, desmatagem, entre outras). O outro homem está a depositar cereais numa “fossa aberta em argila”. Foi nestas estruturas negativas que, durante as escavações arqueológicas, se recolheram carvões, restos faunísticos e sementes carbonizadas que permitiram confirmar a presença de animais domésticos e o cultivo de cereais em meados do 6º Milénio AC. O grau de preservação destas estruturas possibilitou a obtenção de informação muito importante para o estudo do sítio arqueológico. Assim, a importância do homem aqui representado parece relacionar-se não só com a tarefa que está a desempenhar (a sedentarização das populações permitiu a criação de condições de armazenamento de víveres que também foram cruciais para a transformação dos seus modos de vida), como com o local a que se encontra associado.

As mulheres encontram-se no plano secundário e mais próximas das crianças. Estão a praticar outras atividades, nomeadamente: moagem, culinária e produção cerâmica. As duas crianças estão a brincar com um cão.

Uma das mulheres está a moer cereais. Está no espaço público, de joelhos e de costas para quem observa a ilustração. Enquadra-se na subcategoria de mulher-trabalhadora e associada aos estereótipos de jovem, séria e cuidadora (o seu corpo está virado para as crianças que brincam).

A outra mulher está a cozinhar. Embora também se encontre no espaço público, a personagem encontra-se vinculada à esfera do cuidado, não só pela tarefa que

desempenha, mas pela sua proximidade às crianças da cena. Assim, insere-se na subcategoria de mulher-cuidadora e identificam-se nela os seguintes estereótipos: jovem, bela, maternal, cuidadora, ágil e delicada.

A terceira mulher situa-se no último plano. Está sentada e de frente para quem olha a ilustração. Associada à produção cerâmica, no momento da cena está a decorar uma peça cerâmica, uma tarefa que requer uma certa habilidade e delicadeza. Esta mulher-trabalhadora é representada como uma jovem, bela e delicada.

Nas duas cenas conta-se um total de 12 personagens, das quais: seis são homens, 3 são mulheres e nas outras três pessoas não se identifica um sexo/género associado.

Núcleo Museológico do Mártir Santo e Núcleo Museológico de Alverca do Ribatejo. Museu Municipal de Vila Franca de Xira

O Museu de Vila Franca de Xira é uma estrutura polinucleada, em que dois museus possuem coleção arqueológica do período da Pré-História, sendo objeto de estudo na presente dissertação: Núcleo Museológico de Alverca do Ribatejo e Núcleo Museológico do Mártir Santo.

Na página online do Museu de Vila Franca de Xira pode ler-se:

é um espaço de memórias e tem por objetivos testemunhar as comunidades do território concelhio de ontem e de hoje nas suas diferentes realidades - sociais, económicas, geográficas, demográficas, etnográficas e culturais [e que] o seu âmbito extravasa cada vez mais as paredes dos edifícios, servindo os interesses das populações, propiciando uma relação estreita com estas e apostando na criação de uma rede de espaços museológicos em diferentes locais do município que transmitam a memória identitária local (Museu Municipal de Vila Franca de Xira, s.d.).

O Núcleo Museológico de Alverca do Ribatejo situa-se na antiga Casa de Câmara de Alverca. Foi inaugurado em 1990 e remodelado em 2007. A sua coleção integra-se em três áreas temáticas: arqueologia, etnologia e fotografia. A área dedicada à Pré-História insere-se no tema da Arqueologia.

O Núcleo Museológico do Mártir Santo abriu as portas ao público em 2001, na Igreja do Mártir Santo São Sebastião. Ali pode-se visitar a exposição “Do Tejo à

Montanha, da Montanha às Lezírias. A descoberta de uma paisagem milenar”, que foi inaugurada em 2016, e que “pretende apresentar uma visão transversal e diacrónica da ocupação humana no nosso território, desde a pré-história até ao grande terramoto de 1755” (Museu Municipal de Vila Franca de Xira, s.d.).

Núcleo Museológico de Alverca do Ribatejo

Descrição e interpretação

A área dedicada à Pré-História possui duas vitrinas onde é exposto algum material arqueológico proveniente da intervenção que foi realizada na própria Casa de Câmara, onde se localiza o espaço museológico. A intervenção arqueológica permitiu “recuar a presença humana no núcleo histórico até ao último quartel do segundo milénio a.C. e o primeiro do milénio seguinte, enquadrando-se no período designado por Idade do Bronze Final”. O texto descreve a implantação e datação do sítio arqueológico, acrescentando que, segundo a “sua localização e topografia” poderia tratar-se de um “povoado fortificado”. No painel, o público pode ainda visualizar três fotografias da intervenção arqueológica efetuada em 2004 e, numa das imagens, pode ver um arqueólogo e uma arqueóloga.

O espaço sobre a Pré-História não exhibe cenas com recriações sobre os modos de vida neste período. A maioria dos materiais exibidos é proveniente da intervenção efetuada na área em se localiza o núcleo museológico. Os materiais da Pré-História Recente não têm enquadramento. A exposição é tecnicista.

Núcleo Museológico do Mártir Santo

Descrição e interpretação

Ainda antes de entrar no Núcleo Museológico do Mártir Santo, quem visita a exposição depara-se com uma ilustração histórica que reconstitui um *Homo Sapiens Sapiens* do Paleolítico Superior com a paisagem das margens do Tejo atrás de si. É o cartaz da exposição. O homem está de pé, dando-nos a ideia de que avança sobre a paisagem, numa postura ativa, de quem vai caçar. Entramos na igreja que acolhe a exibição e, na porta de entrada, a imagem que nos recebe é a mesma ilustração, o mesmo homem. A exposição está organizada de forma cronológica, pelo que, depois de passarmos pelo espaço sobre “A Evolução da Humanidade” (cena 1), o tema é “As

Origens do Povoamento Paleolítico”. Vemos novamente o mesmo homem, é a ilustração escolhida para ser a cara da exposição (cena 2).

Na cena 1 os hominídeos representados são todos do sexo masculino e expressam a evolução da Humanidade não só através do seu caminhar, em que vão assumindo uma postura cada vez mais ereta, mas também pelas ferramentas que têm nas mãos, as quais traduzem os avanços tecnológicos. Uma vez mais, o domínio da natureza representado pelo ser masculino.

A cena 2 corresponde à imagem de destaque da exposição. A única personagem da cena é um homem, que, de lança na mão, se desloca numa paisagem do Paleolítico Superior. O texto deste módulo, intitulado “As Origens do Povoamento Paleolítico”, fala sobre os vestígios paleolíticos conhecidos no território atual de Vila Franca de Xira e sobre a forma como viveriam essas “primeiras comunidades de caçadores- recolectores”. No texto pode ler-se o seguinte:

Através do fabrico de objetos e do domínio do fogo, o homem destaca-se das outras espécies e aprende a lutar com a fome e o frio, fabricando instrumentos em pedra e osso que vai aperfeiçoando, o que permite uma mais fácil recolção dos alimentos, o uso do vestuário e a construção de “habitações”, que já conseguem iluminar e aquecer.

O texto do painel reforça a associação da tecnologia lítica, da conquista e inovação aos “homens”, aos “primeiros povoadores” e “caçadores-recolectores” que fabricavam objetos e dominavam o fogo, remetendo assim para o universo tradicionalmente masculino do domínio da natureza e da inovação técnica. A ilustrar este módulo visualizam-se ainda duas fotografias de prospeção arqueológica no terreno.

Segue-se o módulo sobre “As Primeiras Comunidades Produtoras de Alimentos”, ilustrado por duas imagens: um desenho arqueológico de fragmentos cerâmicos e uma fotografia. O texto deste painel descreve o clima e paisagem do período Neolítico, em que viveram estas comunidades, bem como o que distingue o Neolítico de outros momentos da Pré-História. O texto aponta ainda qual foi a ocupação mais expressiva do Neolítico identificada no território até à data, o sítio da Moita da Ladra, na Vialonga. As expressões utilizadas são “comunidades “e “caçadores”, sendo a última alusiva a grupos do Paleolítico.

O painel que se segue retrata “O Culto dos Antepassados”. A comunicação é efetuada através de texto e imagens, entre as quais se encontram duas fotografias de intervenções arqueológicas, uma prancha de desenho de materiais arqueológicos e uma ilustração de uma proposta de reconstituição. O texto destaca os monumentos funerários megalíticos, construídos durante o “designado Neolítico Médio”, denominando os sítios megalíticos conhecidos no território. Refere ainda a Gruta da Pedra Furada, utilizada como necrópole entre o 4º e o 3º milénio a.C. É a partir dos achados deste último sítio que é realizada a proposta de reconstituição de um ritual funerário Calcolítico, que ilustra o módulo “O Culto dos Antepassados” (cena 3). Na ilustração podem ver-se quatro elementos: três homens, inclusive o defunto, e uma mulher, de joelhos. A mulher enquadra-se na subcategoria de mulher-devota e pode associar-se aos estereótipos de mulher bela, jovem, sensível e delicada.

No artigo “Perscrutando espólios antigos: a Gruta de Pedra Furada 1 (Vila Franca de Xira)” é referido o seguinte:

Quanto à diagnose sexual, a presença de indivíduos de ambos os sexos é confirmada por vários indicadores. Concretamente, a amostra de talus direitos (osso do pé) sugere uma proporção semelhante de indivíduos de ambos os sexos: quatro masculinos e três femininos. Os dados demográficos obtidos são assim compatíveis com uma população natural, ou seja, não foi detetada qualquer aparente seleção de inumados. (Silva et al., 2014, p.171).

Apesar desta informação, optou-se por representar uma maioria masculina na cena 3.

O tema seguinte é sobre “A Consolidação do Sistema Agro-Pastoril”, que remete para a sedentarização definitiva que decorre durante todo o IV milénio a.C. e para o surgimento da metalurgia do cobre que marca o período Calcolítico. O texto destaca ainda o “povoado fortificado” da Moita da Ladra, na Vialonga. No texto são utilizadas as expressões “populações” e “comunidades neolíticas”. No painel observam-se ainda uma fotografia das estruturas da Moita da Ladra e desenhos de líticos recolhidos nesse mesmo sítio arqueológico, bem como uma fotografia da Gruta da Pedra Furada e um desenho de um vaso campaniforme, datado do final do Calcolítico e proveniente de uma sepultura de cista do Alto do Pinheiro, no Sobralinho.

Nas 3 cenas identificadas na exposição, contabilizaram-se 8 personagens, das quais sete são masculinas. Se contarmos com o primeiro hominídeo, antes do bipedismo, o número cresce para 8 figuras do sexo masculino em 9 figuras representadas.

Os Museus de Arqueologia: para quem?

Análise de conjunto dos museus da A.M.L.

«Vocês, jovens mulheres, diria eu, e por favor prestem atenção, pois a peroração está a começar, vocês são, na minha opinião, desgraçadamente ignorantes. Nunca fizeram nenhuma descoberta com qualquer espécie de importância. Nunca abalaram um império nem conduziram um exército à batalha. As peças de Shakespeare não são vossas, e vocês nunca levaram as bênçãos da civilização a uma raça bárbara. Qual é a vossa desculpa? Está muito bem que digam (...) temos tido outro trabalho em mãos. Sem o que fizemos, aqueles mares nunca teriam sido navegados e aquelas terras férteis seriam um deserto. Carregámos crianças no ventre e demos à luz e lavámos e ensinámos, talvez até à idade dos seis e sete anos, os mil seiscientos e vinte e três milhões de seres humanos que, segundo as estatísticas, existem no presente, e isso, concedendo que algumas tiveram ajuda, leva tempo»

(Woolf, 2021 [1929], p.168).

Se elas pararem, o mundo para

Lema da primeira greve feminista mundial, 2018

No presente trabalho analisei 14 espaços museológicos, dos quais apenas 7 têm cenas com representação de humanos, nomeadamente: os núcleos museológicos do Casal da Falagueira e da Necrópole de Carenque do Museu Municipal da Amadora; o Palácio Pimenta do Museu de Lisboa; as exposições do concelho de Oeiras - Exposição Monográfica do Povoado Pré-Histórico de Leceia e Exposição de Arqueologia do Concelho de Oeiras; o MAEDS; o MASMO e o Núcleo Museológico do Mártir Santo, do Museu de Vila Franca de Xira. No total foram analisadas 59 cenas. À exceção das exposições do concelho de Oeiras, todas as exposições estudadas foram reestruturadas após o ano de 2010.

Saliento que a maioria das cenas analisadas é da Exposição Monográfica do Povoado Pré-Histórico de Leceia, do concelho de Oeiras, com um total de 19 cenas, e do MAEDS, do distrito de Setúbal, com um total de 27 cenas. Por este motivo, a contabilização total dos resultados tem uma forte representatividade destes dois espaços museológicos.

Nas 59 cenas observadas contabilizaram-se 199 figuras humanas (ou hominídeos), das quais 105 são do sexo masculino e apenas 39 são mulheres. Em 55 figuras não se identifica qual é o sexo representado, ou pode, propositadamente, não haver uma atribuição de género (tabela 1, anexo III).

Quanto às idades representadas, em 198¹⁰ pessoas e hominídeos, 180 são adultas e 15 são crianças. Identificaram-se ainda 3 idosos, todos do sexo masculino. Salvo raras exceções, como é o caso do Núcleo do Casal da Falagueira ou da cena 17 do MAEDS, todas as mulheres representadas são jovens. A esta opção, acrescem outros frequentes estereótipos de beleza. Aquando da sua descoberta em 1953, a “Dama de Vix” foi retratada como uma jovem bonita e loira, à semelhança de Brigitte Bardot, ícone de beleza dos anos 1950. Contudo, no momento da sua morte, a “Dama de Vix” teria entre 30 e 55 anos (Algrain & Mary, 2024, p.195). Tal como neste exemplo flagrante, os ideais de beleza atuais continuam a ser projetados no Passado. Incurrendo no risco de cair na anacronia da comparação, lembro-me da “camponesa” descrita por Maria Lamas:

Sempre sozinha na labuta, fêmea submissa ao instinto da procriação, a garantir a multiplicação de braços para o amanhã do casal, animal de carga, sem uma réstea de Sol a penetrar-lhe no espírito, a mulher endurece, desumaniza-se, perde, até, o doce instinto da protecção maternal, como perde toda a frescura e graça mal passa os vinte anos. Antes dos trinta está desdentada; o cabelo torna-se-lhe baço; a pele murcha; o olhar perde toda a expressão de alegria interior, toda a suavidade.

Uma primavera, um inverno, e está passada, para a mulher castreja, a idade da beleza (1948, p. 18).

¹⁰ Não se contabilizou o hominínio representado no painel da evolução humana do Núcleo Museológico do Mártir Santo, do Museu de Vila Franca de Xira.

Das 15 crianças identificadas, sete aparecem associadas às mulheres. Em três cenas essa ligação é direta (cena 1 do Núcleo Museológico da Falagueira e cenas 1 e 17 da Exposição Monográfica do Povoado Pré-Histórico de Leceia) e nas restantes quatro, as crianças não surgem ao colo de uma mulher ou de mão dada, mas encontram-se no seu raio de guarda e atenção, transpondo as mulheres para a esfera do cuidado (cena 1 do Núcleo Museológico de Carenque; cenas 9 e 11 da Exposição Monográfica do Povoado Pré-Histórico de Leceia; cena 2 do MASMO). Três crianças encontram-se com homens. No entanto, quando aparecem com homens, são representadas como aprendizes de metalurgia (cena 16 da Exposição Monográfica do Povoado Pré-Histórico de Leceia e cenas 23 e 25 do MAEDS).

Ainda sobre a relação intergrupar, do total de 105 elementos do sexo masculino retratados, 39 (37,1%) surgem sozinhos, enquanto entre as 39 mulheres, 18 (46,2%) aparecem sozinhas. Embora a percentagem de mulheres representadas sozinhas seja superior, o que poderia ser um indicador de intenção de destaque das figuras femininas, esta possibilidade sai da equação quando confrontamos estes valores com os números das posições em que homens e mulheres são representados isoladamente no cenário, em que surgem: 26 do universo de 39 homens aparece em posição de destaque, face a apenas 5 mulheres em primeiro plano no universo das 18 mulheres que são representadas sós.

No que respeita ao total das posições em que surgem os homens e mulheres (tabela 2, anexo III), quer seja em grupo ou isolados dos conjuntos de pessoas representadas, observa-se que num universo de 199 personagens, apenas 15 das mulheres aparecem em primeiro plano, face a 50 dos homens em posição de destaque. Em plano secundário, aparecem 13 mulheres e 31 homens. Os homens ocupam a maioria das posições de destaque e, claro, esta discrepância é acentuada pela desigualdade do número de representação entre homens (105 homens) e mulheres (39).

A maioria dos espaços museológicos procuram mostrar as atividades do Passado. Por isso, as representações tendem a apresentar as pessoas a desempenhar sempre qualquer tipo de função. Por isso, as mulheres integram-se sempre na categoria de mulher-trabalhadora. No entanto, existem disparidades na representação da divisão das atividades por sexo/género (tabela 3, anexo XI). A representação das atividades

relaciona-se com o espaço em que estas são representadas. Assim, na tabela 4 (anexo XI), que mostra a distribuição das personagens no espaço por sexo/género, é possível observar que a maioria das mulheres aparece no espaço doméstico (19 mulheres no universo de 39). Pelo contrário, a maioria dos homens é representado no espaço público, fora do povoado (75 homens no universo de 105 figuras masculinas). À semelhança do que várias autoras já identificaram em museus espanhóis (e.g. Prados Torreira & López Ruiz, 2017), verifica-se que os homens são os protagonistas que surgem ativos no espaço público, associados às inovações tecnológicas, que se revestem tradicionalmente de maior relevância. Por oposição, as mulheres são secundarizadas, remetidas para tarefas passivas, ligadas ao cuidado e desvalorizadas. Segundo Ana Vale:

(..) a atribuição de atividades distintas a homens e mulheres traduz-se nas relações de poder perspectivadas na Pré-história. Mulheres e homens não desempenham apenas funções distintas dentro da comunidade, mas segundo a Arqueologia tradicional, as atividades performatizadas por uns e outros conferem a uns o poder sobre outros (2015, p.16).

A tabela 3 demonstra que há atividades em que só se observam homens retratados. Estas são as seguintes: caça, pesca, pastorícia, metalurgia, construção, abate de árvores e tecnologia lítica. Por outro lado, em determinadas atividades apenas mulheres estão representadas. Estas são: recolção, tecelagem, cerâmica, cestaria, moagem. O mesmo sucede para a produção de queijo ou obtenção de sal, mas a representação destas atividades cinge-se a duas cenas, na Exposição Monográfica do Povoado Pré-Histórico de Leceia e no MAEDS, respetivamente. Como fui referindo ao longo da análise, o estado atual dos conhecimentos poucas vezes permite inferir a divisão de tarefas por género na Pré-História. Ainda que circunscritos a uma realidade cronológica e territorial, determinados dados arqueológicos apontam para a associação das mulheres à moagem, ou à cestaria e tecelagem, possibilitando colocar essa hipótese nas realidades retratadas nos espaços museológicos, com abertura a questionamento. Em relação a outras atividades, como é o caso da tecnologia lítica ainda não é cientificamente possível identificar o sexo ou a idade de quem produziu os utensílios. O mesmo sucede para a sistemática representação darwinista do modelo de caça (Darwin, 2009 [1871]). Atualmente considera-se que a cooperação seria crucial para a sobrevivência do grupo (Algrain & Mary, 2024, p. 197). A caça implica igualmente o

tratamento da carne. Mesmo que pensemos apenas no processo da perseguição ao animal, considera-se atualmente que poderiam utilizar-se armadilhas para caçar os animais. Para além do mais, não predominaria a caça de animais de grande porte (Ciotteau e tal., 2022, pp. 252-253). A associação das mulheres à recolção prende-se com a desvalorização dessa tarefa por parte da Arqueologia Tradicional, que atualmente se começa a reverter, mostrando-se cada vez mais que seria uma atividade indispensável para a subsistência dos grupos humanos (Algrain & Mary, 2024, p.171; Ciotteau *et al.*, 2022, p. 256).

Na Pré-História, no que respeita ao espaço e escala de produção, todas as atividades são domésticas, quer seja a tecnologia lítica ou a produção cerâmica. A controvérsia está na forma como as atividades são interpretadas e narradas, espelhando frequentemente estereótipos sobre o entendimento da força, destreza ou técnicas que estas possam implicar. Para além disso, tal como aconteceria na tecelagem ou nacerâmica (Costeira, 2017, pp.282/156), dever-se-á considerar que as atividades implicam diversas etapas, cuja divisão poderia não estar ligada ao género, mas relacionar-se com outros critérios, tais quais a faixa etária, a habilidade, o estatuto social, entre outros.

As mulheres são representadas em tarefas percebidas como artesanais, que desempenham dentro ou nas proximidades dos ambientes domésticos e, não raramente, estão incumbidas do cuidado do grupo. A problemática desta representação é o facto de tantas vezes implicar uma desvalorização. Tal como refere Marga Sánchez Romero, há a ideia de que as atividades ligadas ao cuidado não requerem nem tecnologia, nem conhecimento especializado, pelo que o conceito de inovação tecnológica raramente está associado a tais tarefas, de que é exemplo a produção de alimentos (2022, p.168). Contudo, implica tecnologia, tempo, dedicação e é essencial para a sobrevivência humana. O alerta para o viés dessa leitura vai para além da Arqueologia e justifica o lema da primeira greve feminista: “Se elas pararem, o mundo para”.

Para além das divisões de tarefas por género, observa-se ainda que são os homens que ocupam os relatos sobre o processo de hominização, de que é exemplo a cena 1 do Núcleo Museológico do Mártir Santo). Exclui-se, assim, a mulher da evolução humana. A associação da mulher ao natural está frequentemente presente na

sua relação com o corpo, nomeadamente com a maternidade. As atividades tradicionalmente associadas às mulheres comportam poucos riscos, possivelmente para permitir uma maior compatibilidade com a gravidez e com a maternidade. O papel de mãe parece definir as mulheres nestas representações, na medida em que o cuidado, sobretudo com crianças, parece condicionar as atividades que lhes são atribuídas nas narrativas sobre o Passado.

As mulheres surgem associadas à tecelagem, à produção cerâmica ou agricultura, as quais representam importantes inovações tecnológicas. Aliás, a agricultura, e o papel da mulher nesta atividade, é bastante valorizada no MAEDS. Contudo, os discursos sobre estas atividades ainda tendem a desvalorizá-las. As narrativas museológicas tendem a ligar o homem à inovação e ao domínio e controlo da natureza de uma forma mais direta. É o homem que surge nas imagens que retratam a domesticação animal ou os animais caçados, de que são exemplo as cenas Cena 3 e 12 (vídeo) da Exposição Monográfica do Povoado Pré-Histórico de Leceia e a cena 3 do MAEDS. O domínio do fogo associado ao homem não se restringe a tempos mais remotos, de que é exemplo o texto do painel sobre o “Paleolítico Inferior e Critério Artefactual”. Vê-se que essa ideia se prolonga no tempo. A cena 11 (vídeo), da Exposição Monográfica do Povoado Pré-Histórico de Leceia, coloca o único homem da cena encarregue da tarefa que implica o recurso ao fogo. Aliás, a recorrente ligação dos homens à metalurgia também poderá estar relacionada com esse domínio do fogo, da natureza.

A tabela 5 (anexo XI), que analisa as posturas, por sexo/género, vem mostrar que os homens são representados maioritariamente de pé. Os números para as posturas das mulheres estão muito mais distribuídos. As mulheres aparecem de pé, mas maioritariamente sentadas ou de joelhos. Aqui vem confirmar-se o que Maria Ángeles Querol já havia apontado para a realidade museológica espanhola (2014, p.48), as mulheres surgem frequentemente de joelhos. É curioso que quando as tarefas obrigam a que as pessoas estejam agachadas, os homens sejam representados de cócoras e as mulheres de joelhos.

Ao longo da análise vim a destacar como a língua pode colocar os homens nos cenários da Pré-História, excluindo outras possibilidades do imaginário público, de que

é exemplo icónico a expressão “evolução do Homem”. Notei que essa exclusão é a regra, não a exceção. Na opinião de João de Matos, «ao contribuir ativamente para a invisibilidade concetual das mulheres, os MG [Masculinus Genéricos] são formas linguísticas que devem ser desconsiderados da comunicação institucional visto que a sua interpretação preferencial não é nunca a genérica, mas a específica.» (2020, p. 95).

A amostra da presente análise vem confirmar a presença de todos os estereótipos que referi no capítulo “*Do Women have to be naked to get into the [Met] Museum? Movimentos feministas e museus*”.

Como referi anteriormente, a nova definição de Museu, espelha uma reflexão social sobre as práticas museológicas, sublinhando que os museus estão “ao serviço da sociedade” e que devem ser “acessíveis e inclusivos”, de forma a fomentar “a diversidade e a sustentabilidade” (ICOM, s.d.). Muitos dos espaços museológicos analisados traduzem alguns destes valores, embora os seus objetivos tenham sido apresentados antes da aprovação da nova definição de Museu. A maioria dos museus analisados apontam querer preservar a memória coletiva, defendendo-a como um contributo para as gerações futuras e até, como é o caso do Museu de Palmela sublinham a importância do diálogo permanente e inclusivo com a comunidade local, e numa articulação com os temas globais relevantes. Claro que o âmbito da minha análise é muito circunscrito e só teve como alvo de pesquisa uma parte dos museus e, para além disto, não seria justo criticar as estruturas analisadas sem ter consciência do desinvestimento de que a Cultura tem sido alvo por parte dos sucessivos Governos do país e do impacto que essa realidade tem sobre estes espaços municipais. A título de exemplo, o recurso constante a ilustrações datadas na exposição do MAEDS poderá relacionar-se com a falta de meios. Contudo, não posso deixar de considerar que os objetivos dos museus analisados parecem não ter sido atingidos, se considerarmos as questões de género.

Considerações finais. Para além das paredes...

The world is not on track to achieve gender equality by 2030

Nações Unidas, 2023

Desde a condenação de Olympe de Gouges à guilhotina, os feminismos fizeram um longo caminho. A Arqueologia também percorreu um longo trajeto desde o seu nascimento “no seio das camadas ilustradas das sociedades europeias da segunda metade do século XIX”. Estes caminhos não foram feitos lado a lado e, não poucas vezes, continua a sentir-se alguma renitência em que os seus percursos se cruzem. Contudo, a arqueologia tem feito o seu trajeto como ciência e com a ciência. Cada vez mais, a evolução científica contribui para a recuperação de um passado livre de preconceitos e estereótipos. Nesta perspetiva, os discursos museológicos devem basear-se nos dados que a ciência vai assegurando e, neste ponto, é importante lembrar que as Arqueologias Feministas e de Género não pretendem inverter uma tendência, mas desmontar preconceitos. Por isso, sublinho a seguinte afirmação de Isabelle Algrain e de Laura Mary:

Les revendications d'équité et égalité sont éminemment modernes et il serait dommageable, autant pour la recherche que pour les revendications actuelles, de chercher à tout prix à mettre au jour une égalité des femmes et des hommes préhistoriques qui n'a probablement pas existé (2024, p. 172).

Contudo, seria importante que os museus fossem transparentes na transmissão de conhecimento e assumissem se as interpretações sobre o Passado, e por consequência as recriações sobre o Passado, têm por base dados científicos concretos ou assunções baseadas em estereótipos. O imaginário social em que surgiu a Arqueologia parece persistir nos discursos museológicos, verificando-se que as mulheres são persistentemente colocadas no patamar da natureza e os homens no patamar da cultura e da tecnologia. No caso português, esta mentalidade, aprofundada e inculcada durante a Ditadura Salazarista, permanece na sociedade e, como referimos anteriormente, quem visita a exposição interpreta as imagens de acordo com o seu quadro de pensamento preexistente. No programa “É ou não é”, da RTP (Rádio e Televisão Portuguesa), dedicado ao tema “Como é ser mulher no século XXI”, o médico psiquiatra Júlio Machado Vaz colocou a tónica sobre a problemática das crenças, cujas consequências se repercutem nas mulheres e nos homens. Júlio Machado Vaz referiu a existência da crença de que o homem está mais ligado à razão e a mulher mais ligada aos sentimentos e à natureza. Assim, o psiquiatra relatou que por este motivo os homens têm mais dificuldades em falar dos seus problemas psicológicos, pois encaram-no como um sinal

de fraqueza (RTP, 2024). Como foi referido ao longo do presente trabalho, a Arqueologia tradicional também tinha esta visão que foi repercutida nos museus e, infelizmente prolonga-se até hoje em muitos dos espaços museológicos. Deste modo, as exposições arqueológicas, para além de validar, também acentuarão esta mentalidade?

Ao longo do trabalho procurei mostrar exemplos de estudo sobre opções expositivas nos museus de arqueologia. Em muitas das situações, observa-se que o homem é retratado como protetor, caçador, guerreiro ou como o *provider*, aquele que tem obrigação de sustentar a família. Conjuguem a frase no singular propositadamente, pois estas representações do homem não dão margem para outras formas de ser. São apresentados os comportamentos que determinada sociedade considerava, ou considera, adequados ao “ser homem”. Verifica-se a perpetuação de estereótipos que poderá afetar negativamente os diversos géneros. O estudo sobre a igualdade de género ao longo da vida em Portugal e outros países da Europa, promovido pela Fundação Francisco Manuel dos Santos, revelou:

A necessidade de demonstração da masculinidade, associada a uma ideia de controlo ou domínio, conduz muitas vezes os homens, e em particular os jovens, a comportamentos de risco com efeitos extremamente negativos. Tal é evidente quando se conclui, por exemplo, que na UE [...] 60% dos homens jovens morrem de causas externas às doenças (acidentes, acidentes rodoviários, quedas, afogamentos, suicídio, envenenamento e agressão), o que acontece apenas com 40% das mulheres jovens. (Torres, 2018, pp. 64-65).

Embora as desigualdades pesem para vários lados, o estudo sobre a igualdade de género, citado anteriormente, mostra que ser mulher é uma desvantagem. Apesar de serem «mais escolarizadas, as mulheres obtêm salários mais baixos, têm relações contratuais mais precárias, têm uma probabilidade maior de ficar no desemprego ocupam mais tempo nas tarefas domésticas e a cuidar da família» (*ibid*, p.62). Outro estudo, realizado em 2019, demonstrava que as mulheres, em média, destinam quase seis horas por dia (5 horas e 48 minutos) a trabalhos não pagos, durante os dias úteis (Sagnier & Morell, 2019, p.206). Para além das pesquisas citadas, estudos sobre os impactos socioeconómicos da COVID-19, desde uma perspectiva de género, confirmaram que a pandemia veio agravar as diferenças entre homens e mulheres, sendo as últimas mais prejudicadas pelo desemprego e mais sobrecarregadas em casa

(WORLD ECONOMIC FORUM, 2022; EIGE–European Institute for Gender Equality, 2021). Os discursos museológicos sobre as mulheres na Pré-História remetem-nas acriticamente para a esfera dos cuidados, não só validando esse lugar, mas tornando-o quase como um lugar de obrigação milenar. Anália Torres nota como a associação dos cuidados à esfera privada conduz a que as mulheres que sofrem as consequências dessa sobrecarga, o considerem como um problema individual. Contudo, trata-se de um problema global. A nível cultural, tem de haver uma consciencialização coletiva da importância das atividades do cuidado (FFMS, 2023a). Sobre esta questão, Marga Sánchez Romero aponta o seguinte:

La visión distorsionada de estas actividades en la actualidad y la proyección de nuestra escala de valores hacia el pasado han provocado que las mujeres no seamos consideradas relevantes en los cambios culturales que han configurado nuestra historia. Pero esos discursos, repetidos una y otra vez, han generado en las mujeres una serie de sensaciones complejas y contradictorias sobre cómo vivir la “obligatoriedad” de que seamos nosotras mayoritariamente las cuidadoras, sin ninguna opción en muchas ocasiones (2022:172).

A desigualdade entre mulheres e homens está assente na desvalorização da dimensão do cuidado a que as mulheres estão tradicionalmente ligadas. Numa entrevista à Fundação Francisco Manuel dos Santos, o economista e especialista no impacto da tecnologia no trabalho e na sociedade, Daniel Susskind, apontou que os trabalhos ligados ao cuidado, onde se encontram mais mulheres, são os mais difíceis de reproduzir pela Inteligência Artificial, de que são exemplo a educação ou a enfermagem (FFMS, 2023b). Contudo, são os mais desvalorizados e, como também mostra Anália Torres: “os setores em luta por melhores salários” (FFMS, 2023a).

Os museus com coleções de arqueologia reproduzem, e legitimam, essa associação das mulheres à esfera do cuidado. Quantas vezes meninas, ou mulheres, quando visitam museus, terão que fazer um exercício de esforço para encontrarem representações de mulheres? Quando as encontram, estão associadas a tarefas passivas, ligadas ao ambiente doméstico e desvalorizadas. Não tenderão a naturalizar esse lugar? Se parece ter sido sempre assim...

Antes de referir os próximos estudos, relembro a única cena dos espaços analisados em que uma mulher é representada entre líderes (cena 26 do MAEDS), em que não só surge significativamente em minoria, como ainda aparece a servir os presentes. Relembro também a já citada existência de um quadro mental de referência do público quando visita uma exposição. Carla Martins defendeu a sua tese de doutoramento sobre o discurso mediático sobre as lideranças políticas de Maria de Lourdes Pintasilgo e de Manuela Ferreira Leite, lideranças de diferentes tempos e de distintas posições no mundo maioritariamente masculino. A investigadora destacou que a visibilidade das duas políticas estava «evada de marcas “genderizadas”, com pressuposições quanto a um ideal de feminilidade.» (2013, p. 316). Por exemplo, Manuela Ferreira Leite era entendida como uma líder fraca quando ouvia os seus oponentes (“uma predisposição supostamente feminina”), mas não atacava. Apesar de apontar que se notava uma tendência para se realçarem aspetos típicos de um modelo mais “feminino” nos políticos homens, como o charme ou a beleza, a investigadora salientava que o referencial de avaliação dos atores políticos continuava a ser, “objetiva e subjetivamente, masculino” (2013, pp. 313 -314). A autora conclui:

a política continuará a estruturar o género, mantendo o masculino como a norma não nomeada, à qual as mulheres se devem moldar (Squires 1999). Afigura-se que se é necessário que o próprio campo político sofra a evolução de um processo integracionista para um projeto transformista (Ibid.), a partir de dentro, quebrando glassceilings e permitindo a expressão das diferenças, fora de um quadro dicotómico e redutor masculino-feminino (idem, p. 318).

O domínio do referencial masculino no entendimento de como deve ser um líder, mas também o facto de se privilegiarem figuras masculinas na reconstrução histórica (idem, p.319) – viés igualmente refletido na interpretação da Pré-História – poderão contribuir para os resultados obtidos num estudo de 2023. O relatório “Gender Social Norms Index. Breaking Down Gender Biases. Shifting social norms towards gender equality” realizado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, publicado em 2023, que cobriu 85% da população mundial, revelou que 50% dos homens e das mulheres consideram que os homens são mais adequados para liderar social e politicamente, do que as mulheres. Estes números podem justificar a realidade relatada também no documento:

From corporate boardrooms to presidential cabinets, women remain underrepresented in leadership positions. Women have accounted for around 10 percent of heads of state or government since 1995, leaving the matthemargins of decision making in the 21st century, [pois as normas sociais de género] [...] profoundly shape attitudes, social relationships and power dynamics, so they matter a Great deal for upholding (or addressing) injustice, as well as for shaping agency (UNDP, 2023, p.4).

Apesar dos progressos da Arqueologia, os museus analisados não refletem as potencialidades do crescente debate teórico gerado por esses avanços. Pelo contrário, continuam a transmitir frequentemente uma noção de imutabilidade, universalidade e intemporalidade social, negando determinadas validações sociais em função de outras. No mês em que termino de escrever a dissertação, deu-se uma polémica publicação de um livro, diga-se aliás, digno de crítica de uma Virgínia Quaresma ou de uma Mary Wollstonecraft. A sinopse do livro começa com o seguinte parágrafo:

De todas as sociedades humanas, a família é a única natural, universal e intemporal. Por isso, este livro lhe é dedicado. Apesar de a sociedade estar em constante mudança e de os avanços científicos obrigarem a uma permanente atualização, existe um conjunto de princípios éticos que não são negociáveis, mas sim intemporais (Félix et al., 2024).

Esta afirmação refere-se à família nuclear, de matriz tradicional, que remete “a mulher” para o lugar de “dona de casa”. É um livro que, como mostrou o resultado das últimas legislativas, fala a uma parte significativa da população portuguesa, que não está de todo isolada da realidade europeia. Preocupa-me assim, que os museus, enquanto lugares de ciência e reflexão, possam transmitir e de alguma forma corroborar e validar posições que se apresentam como únicas e indiscutíveis.

Comprometi-me a fazer um trabalho sobre o conteúdo (Wylie, 1997), no entanto esta categoria está intimamente relacionada com a equidade. Permanece uma certa desigualdade na seleção de temas de investigação, os quais persistem na reprodução de estereótipos de género. Por sua vez, o tradicionalismo académico refletir-se-á nos discursos museológicos. A título de exemplo, o estudo sobre a tecelagem continua a ser desempenhado sobretudo por mulheres. No artigo “Abordagens Interdisciplinares para o Estudo Histórico e Arqueológico do Património Têxtil: Experiências e Perspetivas da Ação Cost EuroWeb”, parte da equipa de investigação do projeto EuroWeb repara:

esta preponderância feminina, que tem importantes aspetos positivos, reflete profundas desigualdades de género no acesso a temas e equipas de investigação, mantendo estereótipos na divisão sexual do trabalho, mesmo a nível científico (Arnold, 2021). Para além disso, esta “ciência no feminino” poderá ser uma das principais razões para a secundarização dos têxteis como tema de investigação (Costeira et al., 2023, p. 2367).

Richard Sandell, investigador na área da museologia, igualdade e justiça social, frisa que os museus:

do not operate in a vacuum, as if sealed off from the social and political conditions that shape (constraints and oppress, empower and enable) lives beyond their walls. The narratives we prepare and present in museums have real consequences; ripple effect that, while sometimes diffuse and challenging to trace, nevertheless the ways in which we think, talk about and act towards difference (2017, p.87).

Os museus, enquadrados ainda na formação não formal, integram muitas vezes (ou idealmente) o sistema de ensino. Já em 1985, Maria Isabel Barreno, considerava que o ensino era «transmissão de ideias, imagens – formação objectiva e condicionamento ideológico» e como tal as escolhas profissionais das mulheres, à época (?) “mais modestas”, estavam relacionadas com «a sua posição marginal em relação ao universo do ensino, universo do falso neutro.» (Barreno, 1985, p. 91). Por sua vez, a autora considera igualmente o mundo profissional um “universo falsamente neutro”:

(...)foi declarado aberto às mulheres, em pé de igualdade com os homens. No entanto, nas categorias profissionais altamente valorizadas, a sua exclusão é implícita. Na situação estabelecida, as raparigas nem tentam (raras tentam) lá entrar: sabem que a luta seria, muito possivelmente destrutiva para elas. (idem:91).

Alguns anos nos separam da constatação de Maria Isabel Barreno, contudo se por um lado as mulheres ocupam mais espaços no mundo profissional, por outro, continuam a ganhar menos...continuam a ser penalizadas pela maternidade (CIG, 2023), continuam a persistentemente não ocupar lugares de topo...mesmo em profissões que continuam a ser maioritariamente femininas...mesmo quando possuem mais formação (European Commission, 2024; McKinsey & Company, 2023; Silva e tal., 2023, p. 14).

Eilean Hooper-Greenhill, quando questiona sobre o que é um museu, nota:

Although we are familiar with the way in which advertisements, for example, select and manipulate images of material objects in relation to their associative and relational potentials, it is not understood that the ways in which museums 'manipulate' material things also set up relationships and associations, and in fact create identities (1992, p.6)

Neste sentido, os museus de arqueologia poderiam desempenhar um papel importante na transformação e melhoria da sociedade ao questionar e refletir sobre estereótipos que continuam a ser projetados nas interpretações do passado? Estereótipos que podem ter consequências negativas para as sociedades atuais, por validarem comportamentos e mecanismos estruturais que reproduzem desigualdades? Os discursos arqueológicos e, conseqüentemente, museológicos tendem a continuar narrativas que implicam distinção e definição de papéis sociais com base no gênero sem evidências científicas da existência dessa hierarquia. Maria Ángeles Querol acredita que a forma como as mulheres são representadas nos discursos sobre o Passado influencia a visão que as sociedades têm sobre as mulheres (Querol, 2017, p. 52) É difícil avaliar o impacto desses discursos na sociedade, mas cada vez mais os museus arqueológicos, enquanto espaços de legitimação e divulgação de conhecimento, têm o dever social de refletir sobre estas questões.

Citando uma vez mais Maria Isabel Barreno, a escritora e jornalista considera, no que designa de “ficção futurista”:

para uma alteração da situação das mulheres – e, recordando como a nomeação é uma muito primitiva categoria de poder [...]—será necessária uma fundamental mudança do discurso do saber, que constitua este num universo realmente humano, em substituição do atual universo falsamente neutro.[...] uma sociedade em que o universo ideológico seja realmente humano será uma sociedade totalmente diferente da atual: uma sociedade que integre, em pé de igualdade, os contributos históricos específicos de mulheres e homens, os valores culturais criados por umas e outros, sem possibilidade de manipulação daqueles por estes— ou vice-versa (Barreno, 1985, pp. 92 - 93).

Prolongando a sua “ficção futurista” e corroborando no geral a sua visão, diria que o universo ideologicamente humano seria aquele que integrasse igualmente os contributos históricos e os valores culturais das pessoas.

Bibliografia

Arnold, B. (2021a). Only Women Took Care of the Old and Sick in Past Societies. In: Coltofean-Arizancu, L.; Gaydarska, B. & Matic, U. (ed.). *Gender Stereotypes in Archaeology. A Short Reflection in Image and Text*. Leiden: Sidestone Press, pp. 10-11;

Arnold, B. (2021b). Active men – passive women. In: Coltofean-Arizancu, L.; Gaydarska, B. & Matic, U. (ed.). *Gender Stereotypes in Archaeology. A Short Reflection in Image and Text*. Leiden: Sidestone Press, pp. 14-15;

Amâncio, L. (2003). O Género no Discurso das Ciências Sociais. *Análise Social*. XXXVIII (168), pp. 687-714.

Aviso n.º 5803/2018, de 30 de abril de 2018. Primeira Alteração ao Regulamento da Organização, Gestão e Funcionamento da Rede de Museus Municipais de Sintra. *Diário da República*, II Série - n.º 83/2018. Câmara Municipal de Sintra;

AWAP – Association For Early-Career Women Archaeologists and Paleontologists (s.d.) *Virtual Conference For Women. Archaeologists and Paleontologists*. Disponível em: <https://awap-science.org/en/next-conference/> [acedido a 02/06/2023];

Beauvoir, S. (1949). *Le Deuxième Sexe*. Paris: Gallimard;

Berrocal, M. C. (2009). Feminismo, Teoría y Práctica de una Arqueología Científica. *Trabajos de Prehistoria*. Espanha. 66: 2, pp.25-43;

Boaventura, R. (2017). Vera Leisner@Portugal.pt. *Ophiussa, Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa*. 1, pp. 131-142;

Bourdieu, P. (2002 [1998]). *A Dominação Masculina*. Brasil: Rio de Janeiro: Bertrand Brasil;

Brito, S. (2023). Onde está o Wally? Representações de mulheres nos museus de Pré-História. *Arqueologia em Portugal 2023. Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 2115-2124

Bryant-Greenwell, K. (2019). *Taking a Stand Against Neutrality: The Role of Social Justice in Museums*. In: MuseumID. Disponível em: <https://museum-id.com/taking-a-stand-against-neutrality-the-role-of-social-justice-in-the-21st-century-museum/> [acedido em 20/06/2023];

Bueno Ramírez, P. & Soler Díaz, J. (2021). *Ídolos. Olhares Milenares. Guia da Exposição*. Lisboa: Direção Geral do Património Cultural: Museu Nacional de Arqueologia;

Bugalhão, J. (2013). As Mulheres na Arqueologia Portuguesa. In: Arnaud, J.; Martins, A. & Neves, C., (eds.) *Arqueologia em Portugal – 150 anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 19-23;

Bugalhão, J. (2017). O Papel da Mulher na Arqueologia Portuguesa. *Ophiussa, Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa*. 1, pp. 123-130;

Bugalhão, J. (2021). *A Arqueologia em Portugal entre o Final do Século XX e o Início do Século XXI (1970-2014)* (tese de Doutoramento). Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa (1);

Butler, J. (1990). *Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity*. New York: Routledge, Chapman & Hall;

C'EST UNEAUTRE HISTOIRE (2022). *Les Femmes Préhistoriques Chassaient-elles? Le Débat des Scientifiques* [video]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Cbp3UgWz2B4> [acedido a 10/06/2023];

Câmara Municipal da Amadora (s.d.). *Museu da Amadora*. Disponível em: <https://www.cm-amadora.pt/pt/cultura/museu-da-amadora.html> [acedido a 18/01/2023];

Câmara Municipal de Alcochete (s.d.). *Museu Municipal de Alcochete*. Disponível em: <https://www.cm-alcochete.pt/viver/cultura/museu-municipal-de-alcochete> [acedido a 09/09/2023];

Câmara Municipal de Loures (s.d.). *Museu Municipal de Loures*. Disponível em: <https://www.cm-loures.pt/AreaConteudo.aspx?DisplayId=897> [acedido a 13/12/2023];

Câmara Municipal de Oeiras (s.d.). Exposições de Arqueologia. Disponível em: <https://www.oeiras.pt/exposi%C3%A7oes-de-arqueologia> [acedido a 12/02/2024];

Câmara Municipal de Sintra (s.d.). *MASMO. Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas*. Disponível em: <https://cm-sintra.pt/atualidade/cultura/museus-municipais-de-sintra/museu-arqueologico-de-sao-miguel-de-odrinhas> [acedido a 06/05/2024];

Câmara Municipal do Barreiro (2024). *Espaço Memória*. Disponível em: <https://www.cm-barreiro.pt/locais/espaco-memoria/> [acedido a 05/05/2024];

Cardoso, J.L. (2011). *Arqueologia do Concelho de Oeiras. Do Paleolítico Inferior Arcaico ao Século XVIII*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras;

Cardoso, J.L. (2022). O Povoado Pré-Histórico de Leceia. Cinquenta Anos de Trabalhos Arqueológicos (1972-2022). *Estudos Arqueológicos de Oeiras* (31). Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras;

Carmo, I. & Amâncio, L. (2004). *Vozes Insubmissas: A história das mulheres e dos homens que lutaram pela igualdade dos sexos quando era crime fazê-lo*. Lisboa: Publicações Dom Quixote;

Carvalho, A. (2016). Diversidade Cultural: da Periferia para o Coração dos Museus. *Boletim ICOM Portugal*. III (5), pp. 8-12;

Carvalho, A. (2019). *Em Torno da Definição de Museu do ICOM: Lições a Partir de Quioto*. In: Património.pt. Disponível em: <https://www.patrimonio.pt/post/em-torno-da-defini%C3%A7%C3%A3o-de-museu-do-icom-li%C3%A7%C3%B5es-a-partir-de-quioto> [acedido a 10/04/2023];

Carvalho, L.M., Simões, S., Brito, S., Bugalhão, J., Rocha, M., Correia, M., Barbosa, R. & Gonzaga, R. (2023). Criei o hábito de geralmente ignorar”: sexismo, assédio e abuso sexual em Arqueologia. *Arqueologia em Portugal 2023. Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 2125 – 2136.

Carvalho, C.; Vieira, C.; Santos, E. & Melo, L. (2003). Feminismo – Conceito Polémico. Perspectiva Histórica. In: Marques, C.; Nogueira, C.; Magalhães, M.; Silva, S. (coords.). *Um Olhar Sobre os Feminismos. Pensar a Democracia no Mundo da Vida*. Porto: UMAR – União de Mulheres Alternativa e Resposta;

CENIEH – Centro Nacional de Investigación sobre la Evolución Humana (s.d.). *Media*. Disponível em: <https://www.cenieh.es/en/press> [acedido a 02/06/2023];

CIG – Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género (s.d.). Glossário. Disponível em: <https://www.cig.gov.pt/bases-de-dados/glossario/> . [acedido a 02/03/2023];

CIG – Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género (2023) *Prémio Nobel da Economia foi atribuído a Claudia Goldin*. Disponível em: <https://www.cig.gov.pt/2023/10/premio-nobel-da-economia-2023-atribuido-a-claudia-goldin/> [acedido a 1/11/2023];

Cirotteau, T.; Kerner, J. & Pincas, E. (2022). *Lady Sapiens. La Mujer en Tiempos de la Prehistoria*. Madrid: La Esfera de los Livros;

Conkey, M.; Spector, J. (1984). Archaeology and the Study of Gender. *Archaeological Theory and Method*. Nova York: Academic Press. 7, pp. 1-38;

Coelho, M. (2015). *Do Calcolítico à Idade do Bronze: contextos funerários e análise paleobiológica dos restos osteológicos humanos exumados das fossas de Torre Velha 3 (São Salvador, Serpa)* (Tese de mestrado). Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra;

Costa, C.; Duarte, C.; Tereso, J.; Lago, M.; Viegas, C.; Grilo, C.; Raposo, J.; Diniz, M.; Lima, A. (2014). *Discovering the Archaeologists of Portugal 2012-14*. Associação Profissional de Arqueólogos;

Costeira, C. (2017). *No 3º milénio.n.e., o sítio de São Pedro e as dinâmicas de povoamento no Alentejo Médio*(tese de doutoramento). Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa;

Costeira, C., Gomes, F.B., Nabais, P. & Iancu, A. (2023). Abordagens Interdisciplinares para o Estudo Histórico e Arqueológico do Património Têxtil: Experiências e Perspetivas da Ação COST EuroWeb. *Arqueologia em Portugal 2023. Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 2365- 2380.

Cova, A. (2007). O Primeiro Congresso Feminista e da Educação numa Perspectiva Comparada [acta]. In: *Seminário Evocativo do Primeiro Congresso Feminista e da Educação em Portugal*. Fundação Calouste Gulbenkian, pp.27-43;

Crenshaw, K. (1989). Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics. *University of Chicago Legal Forum*, 1989 (1), pp. 139 – 167;

Cuesta Davignon, L. (2020). Gender Perspective and Museums: Gender as a Tool in the Interpretation of Collections. *Museum International*. 72 (1-2) Museums & Gender. Guest Editor: Ashley E. Remer, pp. 80-91;

Cura, S. (s.d.). *Let's Rock: Um podcast da Idade da Pedra* [podcast]. Disponível em: <https://open.spotify.com/show/6Bkb5lV93yg4wwZFckiGtU> [acedido a 25/06/2023];

Cura, S. (2023). O que Dizem as Pedras sobre o nosso Passado? (Com Ana Abrunhosa). *Let's Rock: Um podcast da Idade da Pedra* [podcast]. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/78C4VyPF0ByoaKCKkfuVtj?si=67b504544c3a4c94> [acedido a 02/05/2023];

Darwin, C. (2009 [1871]). *A Origem do Homem e a Selecção Sexual*. Lisboa: Relógio D'Água;

Diniz, M. (2006). Para a História das Mulheres na Pré-História: Em torno de Alguns Atributos do Discurso. *Promontoria: Revista de História, Arqueologia e Património da Universidade do Algarve*. 4, pp. 37-51;

Diniz, M. (2024) De Gibraltar aos Pirenéus 2024: Megalitismo, Vida e Morte na Fachada Atlântica Peninsular . *De Gibraltar aos Pirenéus 2024: Megalitismo, Vida e Morte na Fachada Atlântica Peninsular - Dia 2.1* [vídeo]. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=8-Q0lo-7_UM[acedido a 29/01/2024];

EIGE – European Institute for Gender Equality (2021) *Gender Equality Index 2021: Health*. Disponível em: https://eige.europa.eu/publications-resources/toolkits-guides/gender-equality-index-2021-report?language_content_entity=en [acedido a 03/03/2023];

European Commission (2024). 2024 Report on Gender Equality in the EU. Disponível em: <https://pessoas2030.gov.pt/2024/04/11/europa-divulga-relatorio-2024-sobre-igualdade-de-genero/> [acedido a 2/05/2024];

Encarnação, G. (2019). *Reprogramar o Museu Municipal de Arqueologia. Proposta de Novo Programa Museológico: Museu da Amadora* (trabalho de projeto de Mestrado em Museologia). Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa;

Escobar García, I.; Baquedano Pérez, E. (2014). ¿cómo nos (re)presentamos? iconografías de género en las exposiciones y actividades del Museo arqueológico regional de la comunidad de Madrid. *Museos, arqueología y género: relatos, recursos y experiencias*. Revista del Comité Español de ICOM, pp. 128- 141;

Esteves, J. (2022). Rememorando Virgínia Quaresma (1882 – 1973). *Faces de Eva. Estudos sobre a Mulher*, 47, pp. 39 – 56;

EUROWEB (s.d.). Disponível em: <https://euroweb.uw.edu.pl/> [acedido a 8/05/2024];

- Fabião, C. (1999). Um Século de Arqueologia em Portugal - I. *Al-Madan*. II (8), pp. 104-126;
- Fabião, C. (2011). *Uma História da Arqueologia Portuguesa*. Lisboa: Clube do Coleccionador dos Correios;
- Fausto-Sterling, A. (s.d.). *Gender & Sexuality*. Disponível em: <https://www.annefaustosterling.com/fields-of-inquiry/gender/> [acedido a 20/01/2023];
- Félix, A. B.; Gil, V.; Afonso, P. & Otero, P. (coords.) (2024). *Identidade e Família. Entre a consistência da tradição e as exigências da modernidade*. Alfragide: Oficina do Livro;
- Fem.org.pt (s.d.). *Contributo para a Contextualização Histórica das Lutas Feministas na História Mundial e em Portugal*. Disponível em: <https://fem.org.pt/contributo-para-a-contextualizacao-historica-das-lutas-feministas-na-historia-mundial-e-em-portugal-1848-1950/>[acedido a 15/09/2023];
- Fernandes, I.C.; Rosendo, M.T.; Santos, M.T. (2012-2013). Musealização do Espaço Arqueológico do Castelo de Palmela. *Arqueologia & História. Revista da Associação dos Arqueólogos Portugueses*. 64-65, pp.171-181;
- FFMS – Fundação Francisco Manuel dos Santos (2023a). [IN]Pertinente. Episódio 111. SOCIEDADE: Mulheres: o que falta para a igualdade de género [podcast]. Disponível em: <https://ffms.pt/pt-pt/ffms-play/inpertinente-podcast/mulheres-o-que-falta-para-igualdade-de-genero> [acedido a 23/05/2023];
- FFMS – Fundação Francisco Manuel dos Santos (2023b). *Isto não é assim tão simples. Daniel Susskind: Mundo sem trabalho, não é assim tão simples* [vídeo]. Disponível em: <https://ffms.pt/pt-pt/ffms-play/isto-nao-e-assim-tao-simples/daniel-susskind-mundo-sem-trabalho-nao-e-assim-tao-simples> [05/03/2023];
- Fidalgo, D.; Porfírio, E.; Silva, A. M. (2016). Novos dados sobre os hipogeus do Bronze Pleno de Torre Velha 3 (Serpa): contextos sepulcrais e estudos do espólio osteológico humano. *Estudos do Quaternário* (15) 2016, p. 1-25;
- Friaças, A. (2022). Linguagem Inclusiva não é “capricho”. É “Igualdade e Respeito”. *Público*, 22/06/2022. Disponível em: <https://www.publico.pt/2022/06/22/p3/noticia/linguagem-inclusiva-nao-capricho-igualdade-respeito-2010431> [acedido a 02/03/2023];
- Geller, P. (2021). There are Only Two Genders. In: Coltofean-Arizancu, L.; Gaydarska, B. & Matic, U. (ed.). *Gender Stereotypes in Archaeology. A Short Reflection in Image and Text*. Leiden: Sidestone Press, pp. 38-39;

Goellner, V. & Jaeger, A. (2007). Os feminismos em Portugal. *Revista Estudos Feministas*. 15 (3), pp. 823-841;

Gomes, F. (2011) Arqueologia e Género(s): de *strangebedfellows* a um paradigma de leitura crítica do Passado. *Sapiens: História, Património e Arqueologia*. 5, pp. 6-30;

Gomes, F. (2015). Género, Identidade e Poder: Para uma leitura crítica das relações de Género em Arqueologia. *Conimbriga*. 54, pp. 27-44;

Gomes, S. (2011). *O Passado, a Identidade e as Teias do Governo. Estudos sobre Entrelaçamentos das Práticas de Produção do Conhecimento Arqueológico e de Construção da Identidade Nacional Salazarista*. (Tese de Doutoramento). Faculdade de Letras da Universidade do Porto;

GUERRILLA GIRLS (s.d.). Disponível em: <https://www.guerrillagirls.com/> [acedido em 1/06/2023];

Haraway, D. J. (2022). *Um Manifesto Ciborgue. A Ciência, a Tecnologia e o Feminismo Socialista no Final do Século XX*. Lisboa: Orfeu Negro;

Hooks, B. (2018). *Não Serei Eu Mulher?* Lisboa: Orfeu Negro;

Hooper-Greenhill, E. (1992). *Museums and the shaping of knowledge*. London and New York: Routledge, Taylor & Francis Group;

Hortalá, C. (2017). El Universo Feminino en la Museografía del Museu d'Arqueologia de Catalunya. In: Prados Torreira, L. & López Ruiz, C. (eds.) *Museos Arqueológicos y Género. Educando en Igualdad*. Madrid: UAM Ediciones, pp. 187-200;

ICOM – PORTUGAL - International Council of Museums (2022). *Definições. Definição: Museu*. Disponível em: <https://icom-portugal.org/2015/03/19/definicao-museu/> [acedido em 25/05/2023];

ISNA – Intersex Society of North (s.d.). What is intersex. Disponível em: https://isna.org/faq/what_is_intersex/ [acedido a 12/01/2023];

Jorge, V.O. & Jorge, S.O. (1996). Women in Portuguese Archaeology, *Trabalhos de Antropologia e Etnografia*. Porto: Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, 36, pp. 159-167;

Jorge, S.O. (2000). Problematizando a Pré-História Recente de Portugal (VI - II milénios a.C.), *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 40 (3-4). Porto: Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, pp. 75-99;

- Ketchum, A. (2021). Episode 4: The Problem with the Wave Theory and the 1st Wave [Podcast], *Intro to Feminist and Social Justice Studies Podcast*, 8 de Julho. Disponível em: <https://introtofeministsocialjusticestudies.podbean.com/e/episode-4-the-problem-with-the-wave-theory-and-the-1st-wave-2021/> [acedido a 20/02/2023];
- Lakoff, R. (1973). Language and woman's place. *Language in Society*, 1(2), pp. 45–80;
- Lamas, M. (1948). *As Mulheres do meu País*. (1), Lisboa: Actuais, Lda;
- Lee, R.; DeVore, I. (eds.) (1968). *Man the Hunter*. New Jersey: Transaction Publishers;
- Lorde, A. (1984). *Sister Outsider: Essays and Speeches*. United States of America: Crossing Press;
- Perraudau, M. (2017). *Un Collectif Appelle à Changer le Nom du Musée de l'Homme en "Musée de l'Humanité"*. In: Konbini. Disponível em: <https://www.konbini.com/archive/collectif-appelle-changer-nom-musee-homme-en-musee-humanite/> [acedido a 2/03/2023];
- Madeira, R. (2022). Des(igualdade) de Género e Feminismo em Portugal, o País que Viveu a mais Longa Ditadura da Europa Ocidental. *Working Papers IS-UP*, 4 (94), pp. 1-12;
- MAEDS – Museu de Arqueologia e de Etnografia do Distrito de Setúbal (s.d.). *Museu*. Disponível em: <https://maeds.amrs.pt/maeds/sobre-o-museu> [acedido a 20/04/2024];
- Maffía, D. (2006). El Vínculo Crítico entre Género y Ciencia. *Clepsydra: Revista de Estudios de Género y Teoría Feminista*. 5, pp. 37-57;
- Mairesse, F. (2023). *Dictionary of Museology*. Routledge: Taylor & Francis Group;
- Martins, A. (2013). Mulheres cientistas e os Trópicos: uma visão preliminar. *Actas do Colóquio Internacional Ciência nos Trópicos: olhares sobre o passado, perspectivas de futuro*. Lisboa: IICT, pp. 1-21;
- Martins, A. (2016). Pioneiras da arqueologia em Portugal: «another brick» against «the wall» of indifference. Maria de Lourdes Costa Arthur (1924-2003). *Clepsydra. Revista de Estudios del Género y Teoría Feminista*. 15, p. 77-100;
- Martins, A. & Querol, M. A. (2018). Feminismo nas Periferias da Europa: a Representação e o Papel das Mulheres nos Museus Nacionais de Portugal e Espanha. In: Carretero Pérez, A.;

PapíRodes, C. & Ruiz Zapatero, G. (eds.). *Actas del V Congreso Internacional de Historia de la Arqueología / IV Jornadas de Historiografía SEHA-MAN - Arqueología de los Museos: 150 años de la Creación del Museo Arqueológico Nacional*, pp. 1335- 1354;

Martins, C. (2013). *Mulheres, Política e Visibilidade Mediática. As Lideranças de Maria de Lourdes Pintasilgo e de Manuela Ferreira Leite* (tese de doutoramento). Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa;

Mary, L. (2017). L'archéologie du genre: une introduction. *Simonae*. Disponível em: <https://simonae.fr/articles/larcheologie-du-genre-une-introduction#lien2> [acedido a 11/01/2023];

Masclans, A.; Duboscq, S.; Achino, K.; Morell, B.; Gibaja, J. (2019). Looking for sexual differences during the middle Neolithic in the northeast of the Iberian Peninsula. *Journal of Archaeological Science: Reports*. 26, pp. 1-41;

Matos, J. (2020). *Poderá uma Língua Natural ser Sexista? Avaliação do Impacto de Informação Gramatical e de Estereótipos de Género na Compreensão de Enunciados com Sujeitos Masculinos Genéricos em Português Europeu* (dissertação de mestrado). Departamento de Linguística, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa;

McKinsey & Company (2023). *Women Matter Spain 2023: Women are Still far from Top Corporate Leadership Positions*. Disponível em: https://www.mckinsey.com/~/_/media/mckinsey/featured%20insights/diversity%20and%20inclusion/women%20matter%20spain%20women%20are%20still%20far%20from%20top%20corporate%20leadership%20positions/women-matter-spain-women-are-still-far-from-top-corporate-leadership-positions.pdf [acedido a 10/03/2023];

Mignolo, W. (Comp.) Lugones, M.; Jiménez-Lucena, I.; Tlostanova, M. (2008). *Género y descolonialidad*. Buenos Aires: Del Signo;

Montón-Subías, S. (2000). Las mujeres y su espacio: una historia de los espacios sin espacio en la Historia. *Arqueología Espacial*, 22, p. 45-59.

Montón-Subías, S. (2021). Binary Sex and Gender Systems are Natural. In: Coltofean-Arizancu, L.; Gaydarska, B. & Matic, U. (ed.). *Gender Stereotypes in Archaeology. A Short Reflection in Image and Text*. Leiden: Sidestone Press, pp. 36-37;

Museu de Lisboa (s.d.). *Palácio Pimenta*. Disponível em: <https://www.museudelisboa.pt/pt/nucleos/palacio-pimenta> [acedido a 15/03/2024];

Museu Municipal de Palmela (2022). *Programa Museológico*. Palmela: Câmara Municipal de Palmela;

Museu Municipal de Vila Franca de Xira (s.d.). *Núcleo Museológico do Mártir Santo*. Disponível em: <https://www.museumunicipalvfxira.pt/nucleos/galeria-77> [acedido a 12/06/2023];

Museu Municipal de Alcochete (2013). *Regulamento do Museu Municipal de Alcochete*. Alcochete: Câmara Municipal de Alcochete;

Nelson, S.M. (2004). *Gender in Archaeology: Analysing Power and Prestige*. Altamira Press;

Nogueira, M. (1996). *Um novo olhar sobre as relações sociais de género: perspectiva feminista crítica na psicologia social* (tese de Doutoramento em Psicologia Social e das Organizações). Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, Portugal;

Oakley, K. (1957). *Man The Tool-Maker*. Chicago: Phoenix Books;

Oyěwùmí, O. (1997). *The Invention of Women: Making an African Sense of Western Gender Discourses*. University of Minnesota Press;

Oyěwùmí, O. (2015). *What Gender Is Motherhood? Changing Yoruba Ideals of Power, Procreation and Identity in the Age of Modernity*. London: Palgrave Macmillan;

Oyěwùmí, O. (2002). Conceptualizing Gender: The Eurocentric Foundations of Feminist Concepts and the challenge of African Epistemologies. *Jenda: A Journal of Culture and African Women Studies*, 2 (1), pp. 1 -9;

PASTWOMEN (s.d.). *PastWomen. Historia Material de Las Mujeres*. Disponível em: <https://otrasmiradas.pastwomen.net/> [acedido a 20/05/2023];

Patou-Mathis, M. (2021). *El Hombre Prehistórico es También una Mujer*. Espanha: Lumen;

PAYE TA TRUELLE (s.d.). *Exposition Archéo-Sexisme*. Disponível em: <https://payetatruelle.wixsite.com/projet/exposition-archeo-sexisme> [acedido a 3/06/2023];

Peraile, I. (2017). Sobre Musas, Museos y Mujeres...Apuntes, Experiencias y Retos en Torno a la Arqueología y la Museología Contemporáneas. In: Prados Torreira, L. & López Ruiz, C. (eds). *Museos Arqueológicos y Géneros. Educando en Igualdad*. Madrid: UAM Ediciones, pp. 131 – 161;

- Pessoa, F. (1982). *Livro do Desassossego por Bernardo Soares*. Vol. I. Lisboa: Ática, 1982.
- POWER (s.d.). *The Project*. Disponível em: <https://www.explorepower.eu/project/> [acedido a 21/06/2023];
- Prados Torreira, L. & López Ruiz, C. (eds.) (2017). *Museos Arqueológicos y Género. Educando en Igualdad*. Madrid: UAM Ediciones;
- Priola, V. (2023). Experimental Weaving and Twining with ceramic crescents from the Late Neolithic and Chalcolithic in Southwestern Iberia. *ExarcJournal*. 2023/1;
- Querol Fernández, M. (2014). Mujeres del pasado, mujeres del presente: El mensaje sobre los roles femeninos en los modernos museos arqueológicos. *Museos, arqueología y género: relatos, recursos y experiencias*. Revista del Comité Español de ICOM, pp. 44 -55;
- Rechena, A. (2011) *Sociomuseologia e Género: imagens da Mulher em exposições de museus portuguesas* (tese de doutoramento Museologia). Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Portugal.
- Rechena, A. (2014). As mulheres em museus arqueológicos ou o silêncio de Eva. *Museos, Arqueología y Género: Relatos, Recursos y Experiencias*, 9, pp. 56 – 64;
- Ribeiro, D. (2017). *O que é Lugar de Fala?* Belo Horizonte (MG): Letramento;
- RTP - Rádio e Televisão de Portugal (2024). *É ou Não É? O Grande Debate. Como é ser Mulher no Século XXI? Episódio 7* [vídeo]. Disponível em: <https://www.rtp.pt/programa/tv/p44916/e7> [acedido a 21/04/2024];
- Sagnier, L.; Morell, A.(coord.)(2019).*As mulheres em Portugal, hoje: Quem são, o que pensam e o que sentem*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos;
- Samara, M.A. (2017). *Operárias e Burguesas. As Mulheres no Tempo da República*. Lisboa: A Esfera dos Livros;
- Sánchez Romero, M. (2018). La (Pre)Historia de las Mujeres: Una Revisión Crítica de los Discursos sobre el Pasado. *Ah – Andalucía En La Historia: Dossier Medicina y Salud Pública*, 61, pp. 40-45;
- Sánchez Romero, M. (2021). Only Women Took Care of the Old and Sick in Past Societies. In: Arizancu, L.C., Gaydarska, B. & Matic, U. (ed). *Gender Stereotypes in Archaeology: A Short Reflection in Image and Text*. Leiden: Sidestone Press, pp.16-17;

- Sánchez Romero, M. (2022). - *Prehistorias De Mujeres*(2ª ed.). Barcelona: Editorial Planeta;
- Sandell, R. (2017). *Museums, Moralities and Human Rights*. New York: Routledge;
- Santos, A. (2020). *Em Busca de “Body Worlds”. Representação (e Evocação) do Corpo Humano em Objetos Pré e Proto-Históricos da Península Ibérica* (tese de mestrado). Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes, Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra;
- Shurchkov, O. (2020). Is Covid-19 Turning Back the Clock on Gender Equality in Academia? *Medium*, 23/04/2020. Disponível em: <https://medium.com/@olga.shurchkov/is-covid-19-turning-back-the-clock-on-gender-equality-in-academia-70c00d6b8ba1> [acedido a 5/09/2023];
- Silva, A.; Fernandes, A. & Romão, I. (2023). *CEDAW: o que Falta Fazer em Portugal 2022. Convenção Sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Contra as Mulheres*. Plataforma Portuguesa para os Direitos das Mulheres;
- Silva, A.; Pimenta, J.; Boaventura, R. & Detry, C. (2014) Perscrutando Espólios Antigos: A Gruta de Pedra Furada 1 (Vila Franca de Xira). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 21, pp. 159- 182;
- Simões, S.; Brito, S.; Carvalho, L.; Bugalhão, J.; Moreira, A. (2018). Questões de Género em Contexto Laboral em Arqueologia: breves notas. *Al-madan*. Adenda eletrónica. 22:2, pp. 111-113;
- Soares, A. M.; Ribeiro, I. M.; Oliveira, M. J.; Baptista, L.; Esteves, L.; Valério, P. (2018) Têxteis arqueológicos pré-históricos do território português: identificação, análise e datação. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 21, pp. 71-82;
- Torres, A. (coord.) (2018) *Igualdade de género ao longo da vida*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos;
- UNDP – United Nations Development Programme (2023). *2023 Gender Social Norms Index (GSNI). Breaking Down Gender Biases: Shifting Norms Towards Gender Equality*. Disponível em: <https://hdr.undp.org/content/2023-gender-social-norms-index-gsni#/indicies/GSNI> [acedido a 21/09/2023];
- Vale, A. (2015). A Mulher e a Pré-História, Alguns Apontamentos para Questionar a Tradição e a Tradução da Mulher-Mãe e Mulher-Deusa na Arqueologia Pré-Histórica. *Conimbriga: Revista do Instituto de Arqueologia (Universidade de Coimbra)*. 54, pp. 5-25;

- Vaquinhas, I. (2009). Estudos Sobre a História das Mulheres em Portugal: as Grandes Linhas de Força no início do Século XXI. *INTERthesis*. 6 (1), pp. 241-253;
- Vaquinhas, I. (2020). Género e História. In: Matos, S. (coord.) *Dicionário de Historiadores Portugueses da Academia Real das Ciências ao Final do Estado Novo (1779-1974)*;
- Ventura, I. (2012). *As Primeiras Mulheres Repórteres. Portugal nos Anos 60 e 70*. Lisboa: Tinta-Da-China, Lda.;
- Vila Nova de São Pedro – VN3P – 3000 (2023) [FaceBook]. Disponível em: <https://www.facebook.com/vnsp3000> [acedido a 1/09/2023];
- Vicente, Ana (2007). O Pensamento Feminista na Primeira Metade do Século XX e os Obstáculos à sua Afirmação. In: Amâncio, L.; Tavares, M. & Joaquim T. (eds.) *O Longo Caminho das Mulheres – Feminismos 80 Anos Depois*. Lisboa: Dom Quixote;
- Voss, B. (2000). Feminisms, queer theories, and the archaeological study of past sexualities. *World Archaeology: Queer Archaeologies*. Taylor & Francis, Ltd. 3:2, p. 180-192;
- Woolf, V. (2021 [1929]). *Um Quarto Só Seu*. Lisboa: Penguin Random House Grupo Editorial;
- WORLD ECONOMIC FORUM (2022). *Annual Report 2021-2022*. Disponível em: <https://www.weforum.org/publications/annual-report-2021-2022/> [acedido a 02/03/2023];
- Wylie, A. ([1991]1999). La Interacción entre las Limitaciones de la Evidencia y los Interesses Políticos: Investigaciones Recientes sobre el Género. In: Colomer, L.; González Marcén, P.; Montón, S. & Picazo, M. (comp.) *Arqueología y Teoría Feminista. Estudios sobre Mujeres y Cultura Material en Arqueología*. Barcelona: Icaria Editorial, s.a., pp. 25-67;
- Wylie, A. (1997). The Engendering of Archaeology: Refiguring Feminist Science Studies. *Osiris: Women, Gender and Science: New Directions*. The University of Chicago Press, pp. 80- 99;
- Zilhão, J. (2023). *Portugal na Idade do Gelo. Território e Habitantes*. Lisboa: FFMS - Fundação Francisco Manuel dos Santos.

ANEXO I

[Ficha de análise das exposições]

Sobre o Museu

1. Identificação da entidade ou projecto (Nome, ano de fundação, tipo de estrutura)

2.2. Caracterização ou descrição da situação em análise:

2.2. Funções museológicas implicadas na análise efectuada:

2.3. Prioridade(s) no âmbito da programação museológica (missão/vocação/objetivos):

Comunicação expositiva gráfica

- Quantos painéis com imagem existem na exposição?
- Quem é protagonista, quem está em primeiro plano? Homem, Mulher, não identificado(a).
- Que idades estão representadas?
- Qual o espaço em que se movem as personagens? Público? Privado/doméstico?
- Quem está no espaço público?
- Quem está no espaço doméstico?
- Em que posição se encontram (pé, sentada, agachada, de joelhos,...)?
- Que tarefa desempenham. Se não desempenham tarefas específicas (se a caminhar, em deslocação, carregam algo. De frente ou de costas)?
- As mulheres surgem associada a algum destes papéis?
 - Progenitora
 - Recolectora
 - Vénus; Deusa-mãe

Comunicação expositiva textual

(Expressões utilizadas)

Fontes e referências bibliográficas

ANEXO II

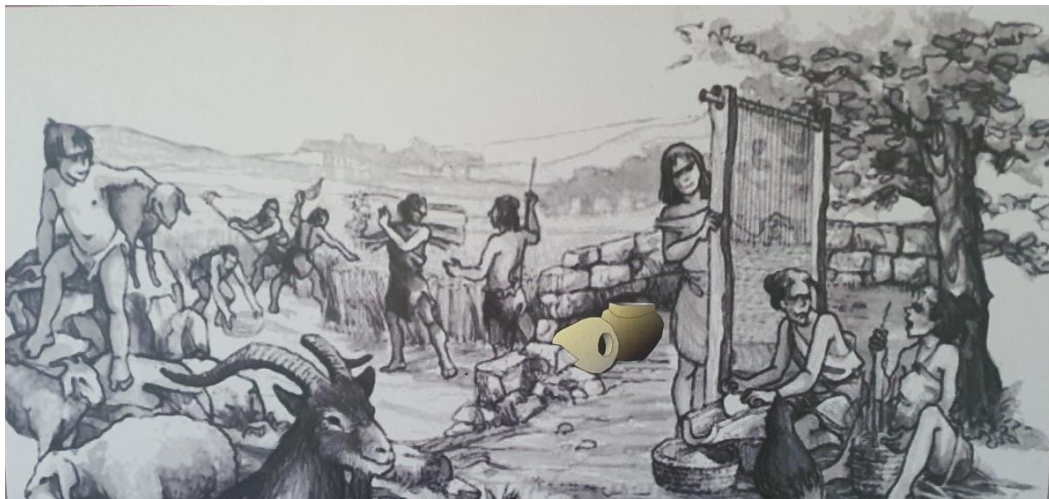
[Fotografias das Cenas]



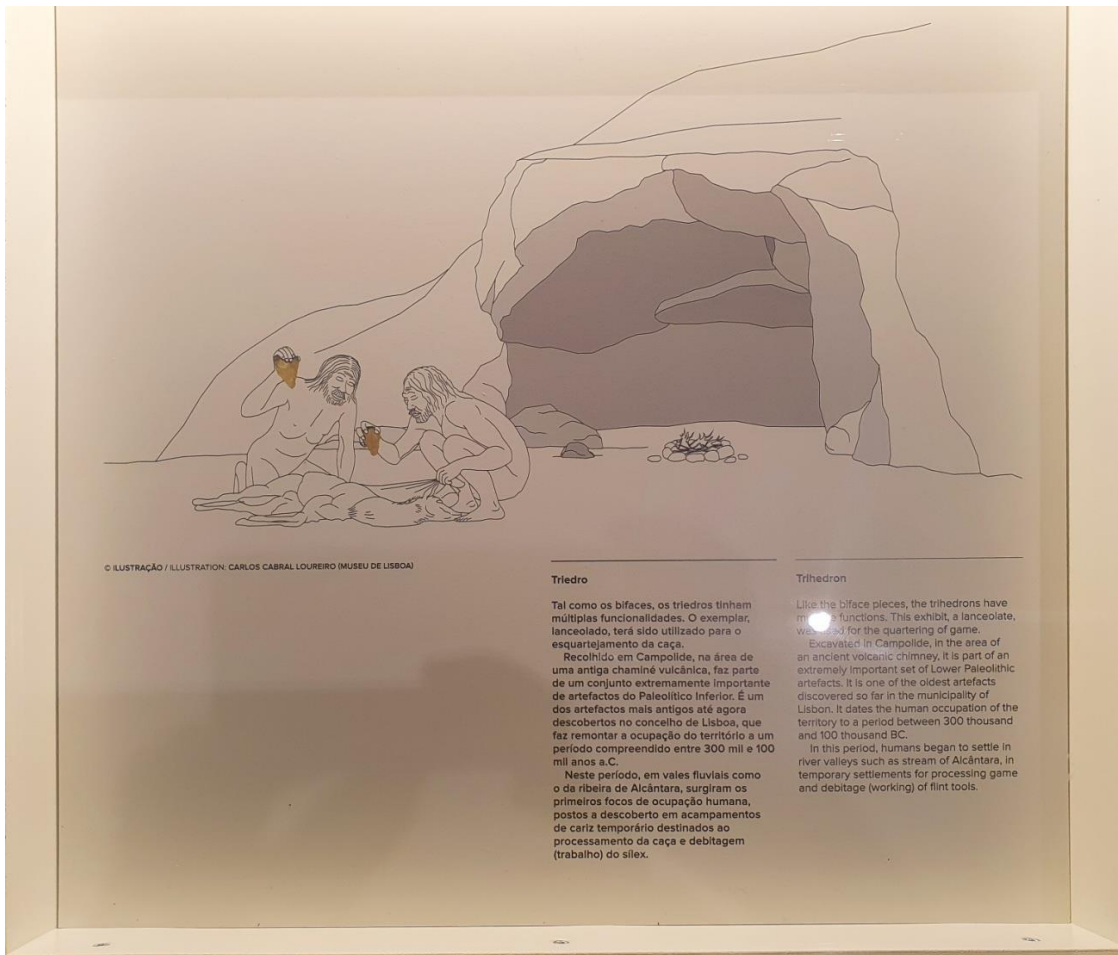
Fotografia 1 – Cena 1 do Núcleo Museológico do Casal da Falagueira, Museu Municipal da Amadora.



Fotografia 2 - Cena 2 do Núcleo Museológico do Casal da Falagueira, Museu Municipal da Amadora.



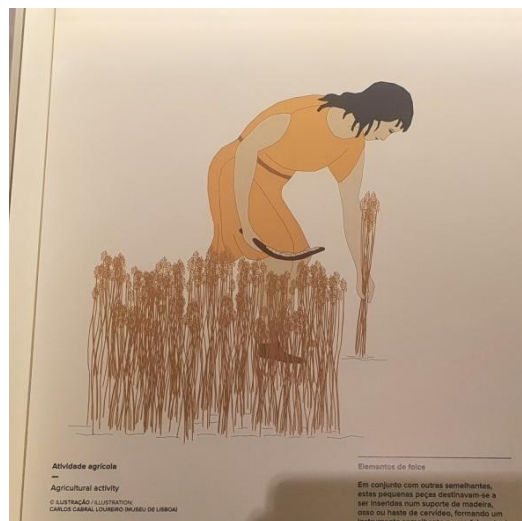
Fotografia 3 - Cena 1 do Núcleo Museológico da Necrópole de Carenque, Museu Municipal da Amadora.



Fotografia 4 – Cena 1 do Museu de Lisboa. Palácio Pimenta.



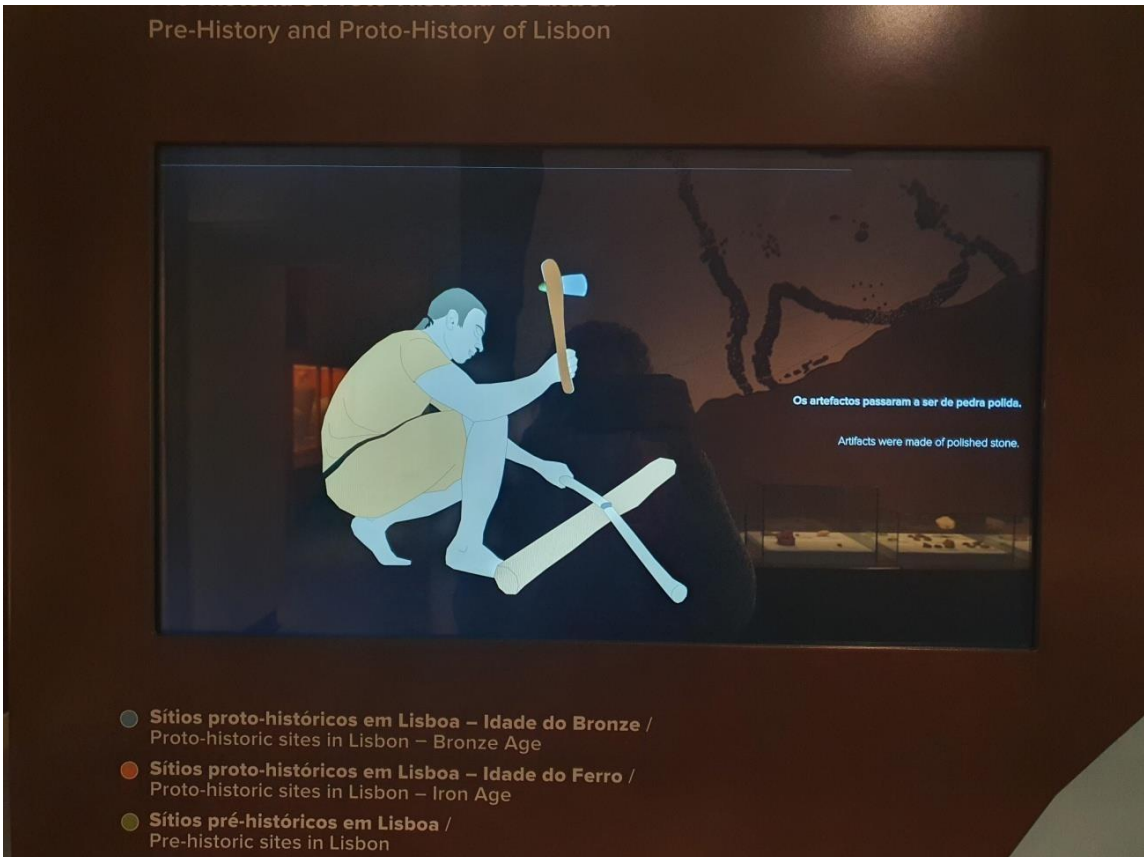
Fotografia 5 – Cena 2 do Museu de Lisboa. Palácio Pimenta.



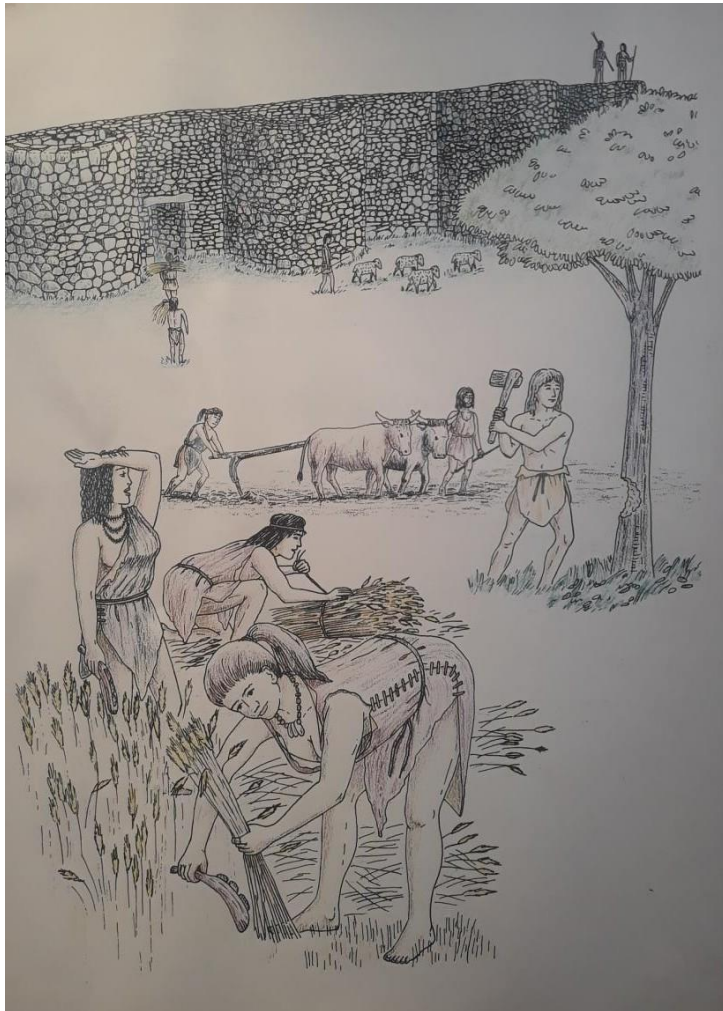
Fotografia 6 – Cena 3 do Museu de Lisboa. Palácio Pimenta.



Fotografia 7 - Cena 4 do Museu de Lisboa. Palácio Pimenta.



Fotografia 8- Cena 5 do Museu de Lisboa. Palácio Pimenta.



Fotografia 9 – Cena 1 da Exposição Monográfica do Povoado Pré-Histórico de Leceia. Município de Oeiras.



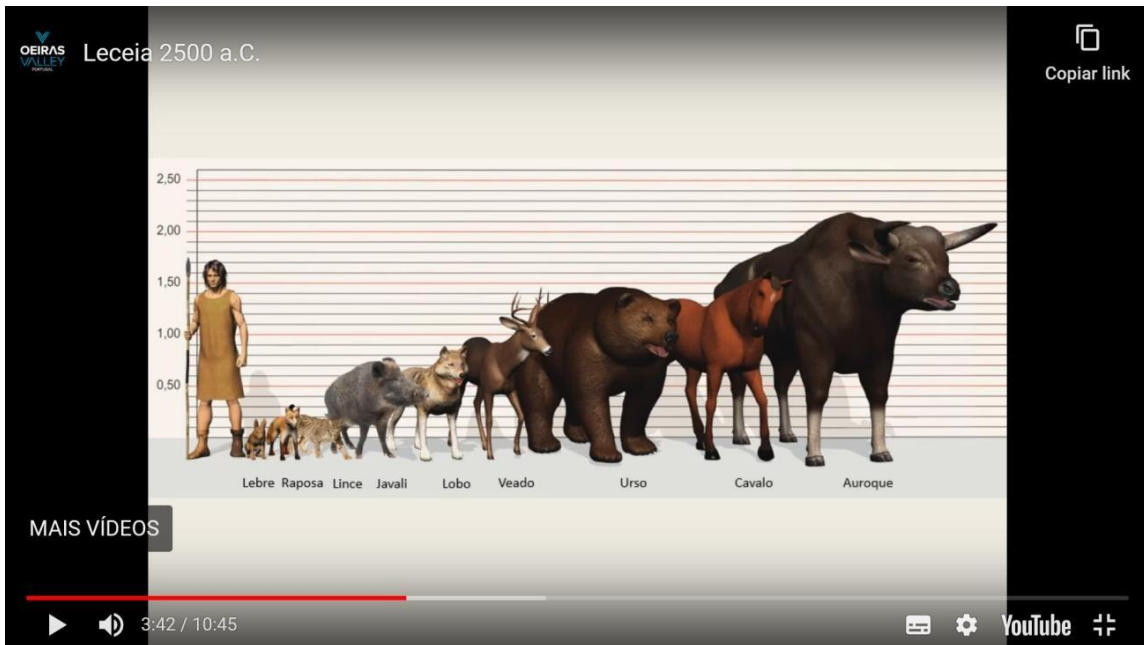
Fotografia 10 - Cena 2 da Exposição Monográfica do Povoado Pré-Histórico de Leceia. Município de Oeiras.



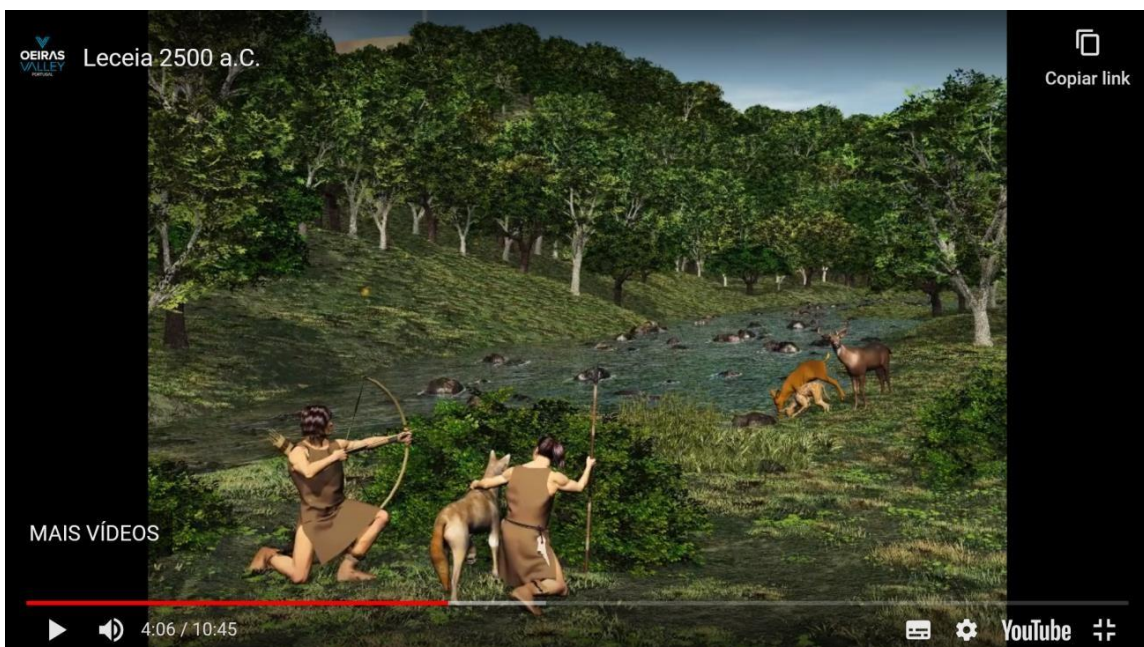
Fotografia 11 - Cena 1 (vídeo) da Exposição Monográfica do Povoado Pré-Histórico de Leceia. Município de Oeiras.



Fotografia 12 - Cena 2 (vídeo) da Exposição Monográfica do Povoado Pré-Histórico de Leceia. Município de Oeiras.



Fotografia 13 - Cena 3 (vídeo) da Exposição Monográfica do Povoado Pré-Histórico de Leceia. Município de Oeiras.



Fotografia 14 - Cena 4 (vídeo) da Exposição Monográfica do Povoado Pré-Histórico de Leceia. Município de Oeiras.



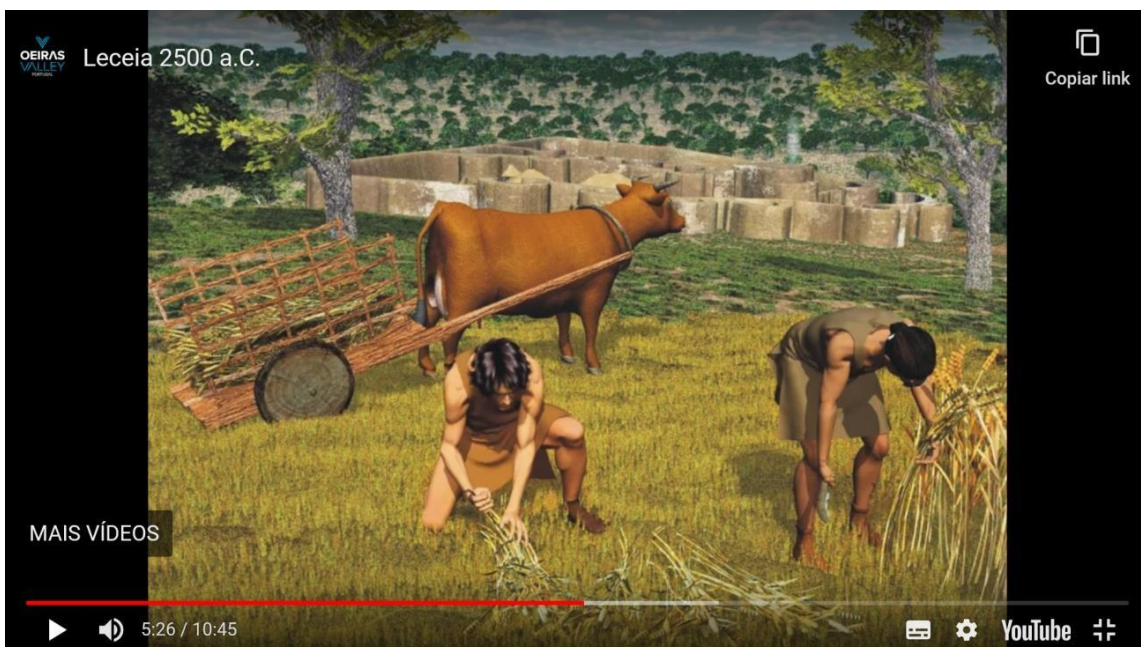
Fotografia 15 - Cena 5 (vídeo) da Exposição Monográfica do Povoado Pré-Histórico de Leceia. Município de Oeiras.



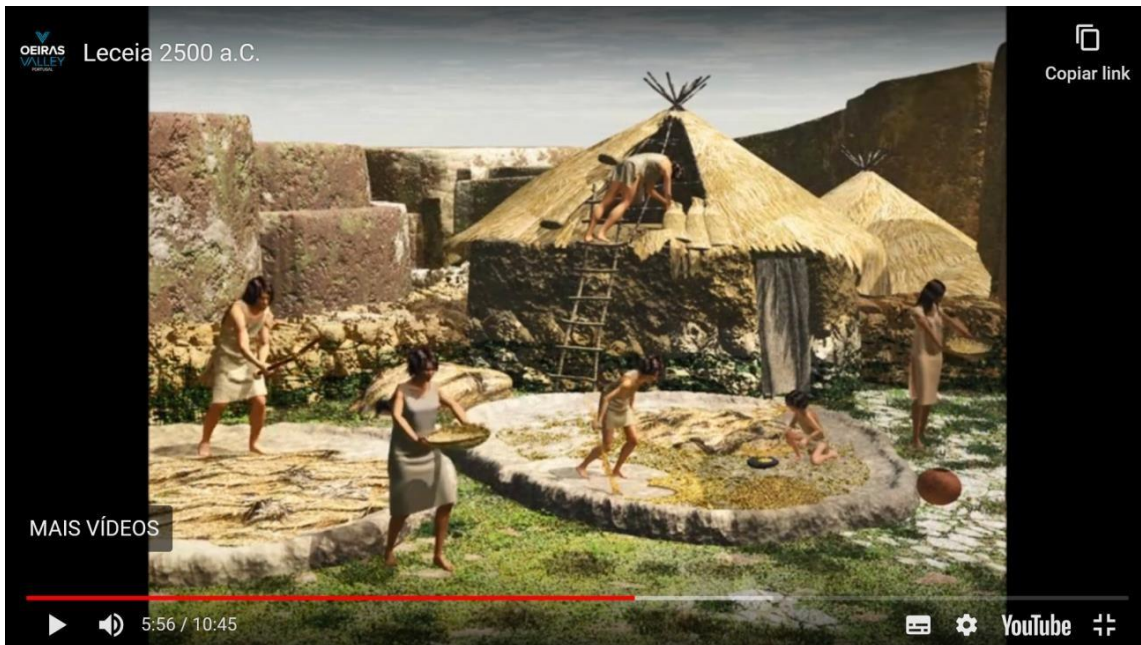
Fotografia 16 - Cena 6 (vídeo) da Exposição Monográfica do Povoado Pré-Histórico de Leceia. Município de Oeiras.



Fotografia 17 - Cena 7 (vídeo) da Exposição Monográfica do Povoado Pré-Histórico de Leceia. Município de Oeiras.



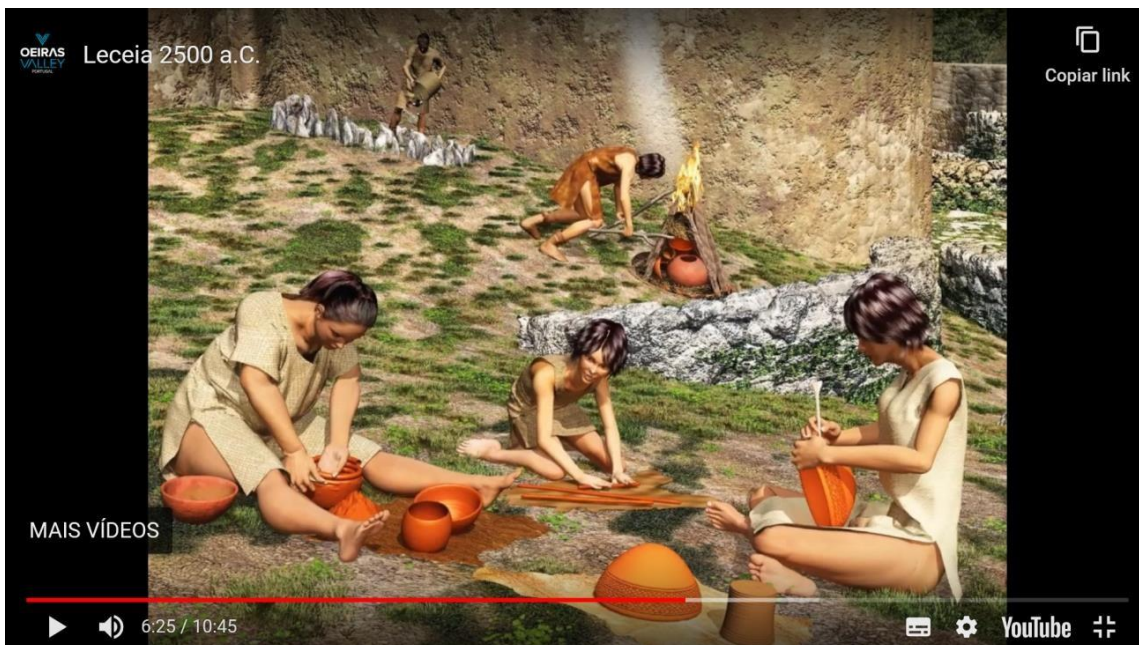
Fotografia 18 - Cena 8 (vídeo) da Exposição Monográfica do Povoado Pré-Histórico de Leceia. Município de Oeiras.



Fotografia 19 - Cena 9 (vídeo) da Exposição Monográfica do Povoado Pré-Histórico de Leceia. Município de Oeiras.



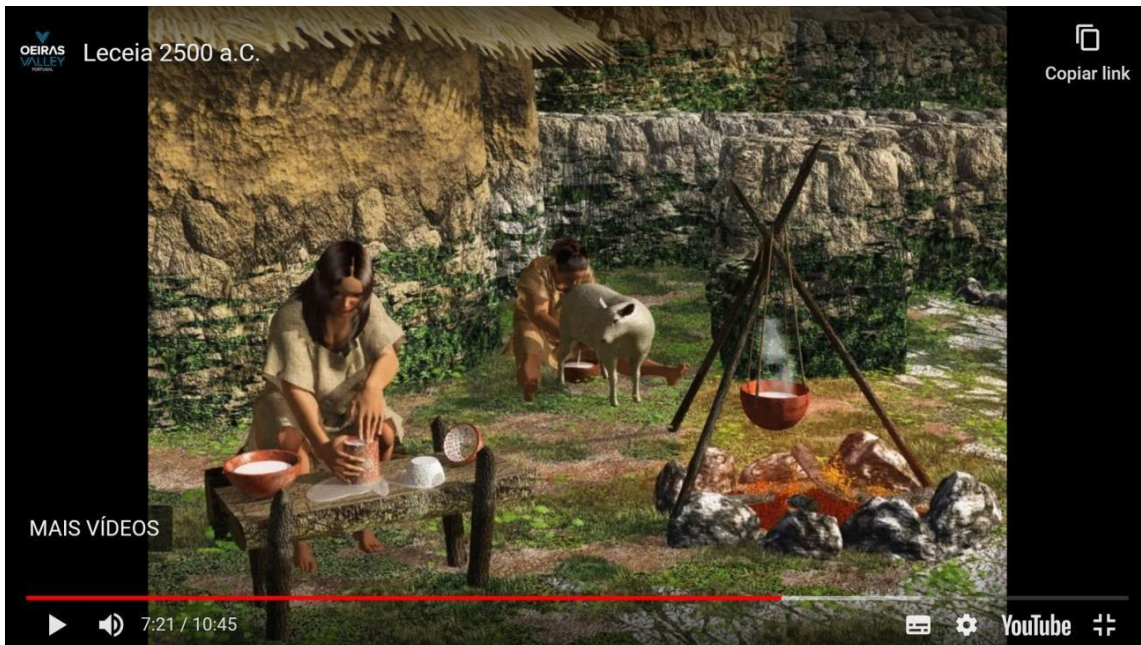
Fotografia 20 - Cena 10 (vídeo) da Exposição Monográfica do Povoado Pré-Histórico de Leceia. Município de Oeiras.



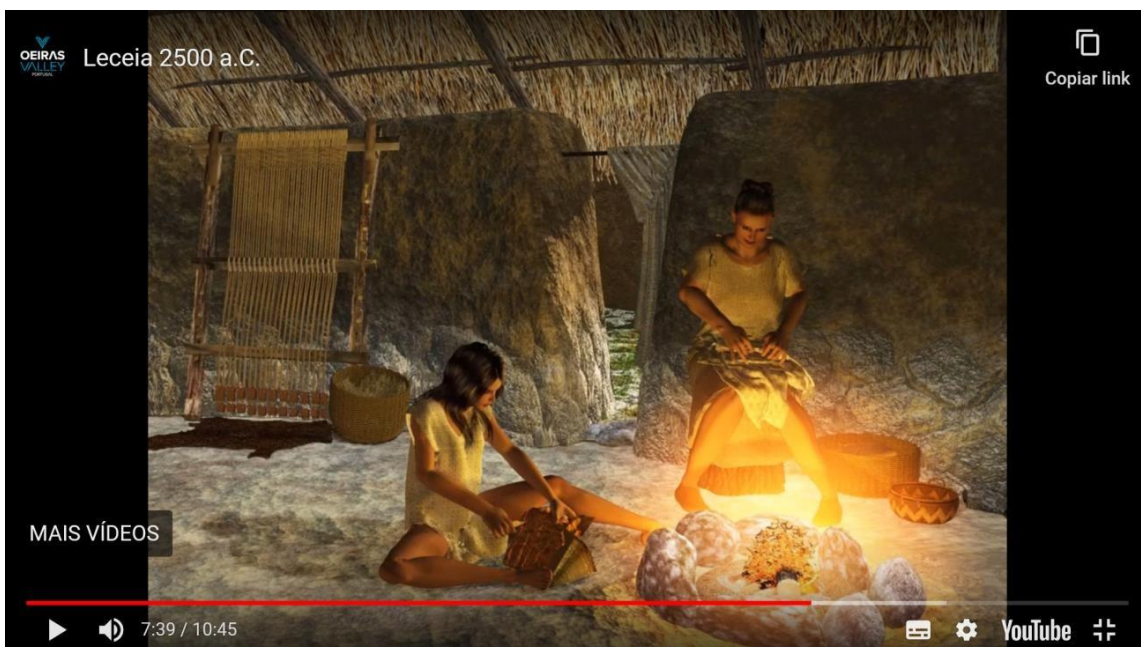
Fotografia 21 - Cena 11 (vídeo) da Exposição Monográfica do Povoado Pré-Histórico de Leceia. Município de Oeiras.



Fotografia 22 - Cena 12 (vídeo) da Exposição Monográfica do Povoado Pré-Histórico de Leceia. Município de Oeiras.



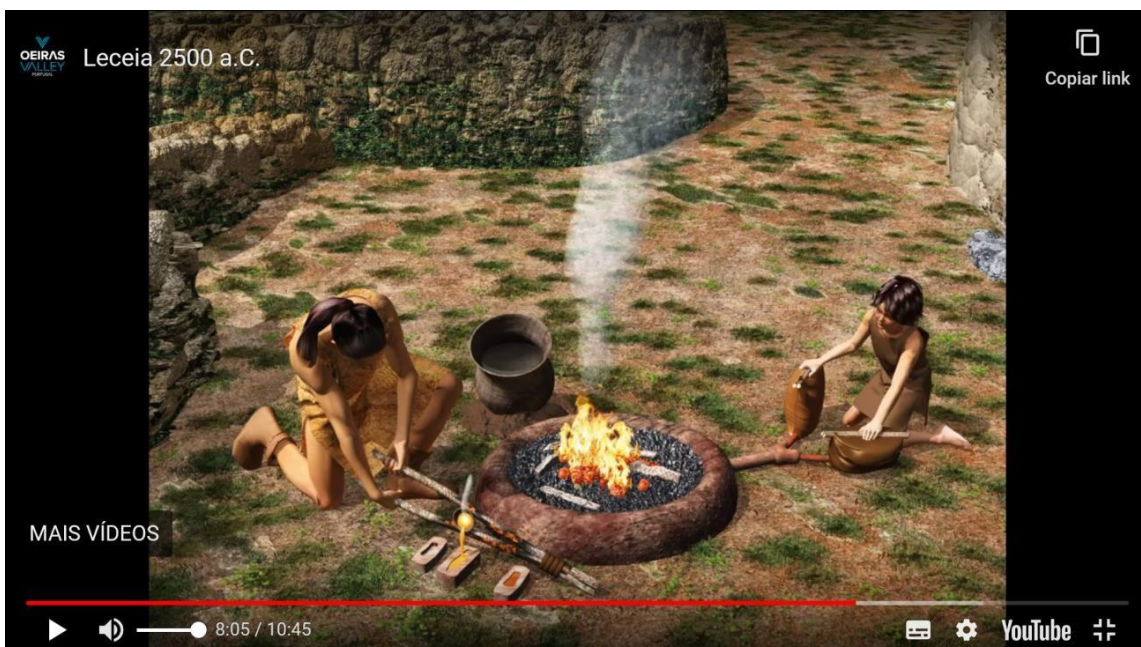
Fotografia 23 - Cena 13 (vídeo) da Exposição Monográfica do Povoado Pré-Histórico de Leceia. Município de Oeiras.



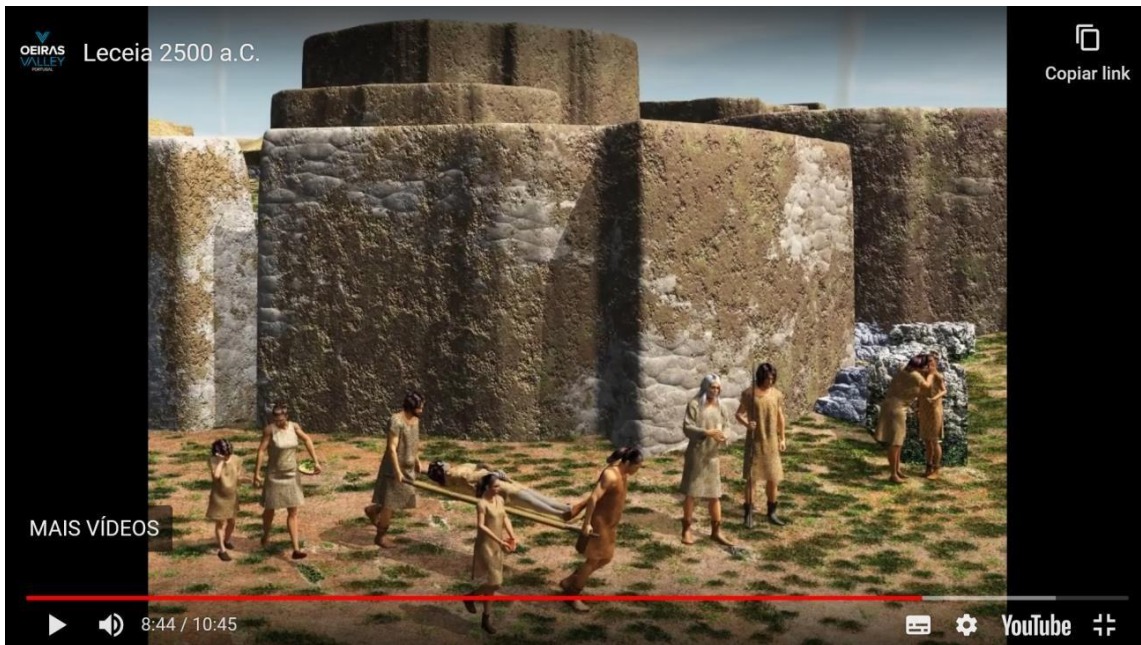
Fotografia 24 - Cena 14 (vídeo) da Exposição Monográfica do Povoado Pré-Histórico de Leceia. Município de Oeiras.



Fotografia 25 - Cena 15 (vídeo) da Exposição Monográfica do Povoado Pré-Histórico de Leceia. Município de Oeiras.



Fotografia 26 - Cena 16 (vídeo) da Exposição Monográfica do Povoado Pré-Histórico de Leceia. Município de Oeiras.




Fotografia 27 - Cena 17 (vídeo) da Exposição Monográfica do Povoado Pré-Histórico de Leceia. Município de Oeiras.

**ARTEFACTOS
ALIMENTAÇÃO E DESENVOLVIMENTO PSÍQUICO**

O trabalho resulta da relação dialéctica entre sociedade e natureza e operacionaliza-se através da produção de artefactos. Esta actividade pressupõe comportamentos não determinados geneticamente, processos de aprendizagem e de abstracção complexos. Em Olduvai I, associados a fósseis de *Homo habilis* com 2 a 1,5 milhões de anos, surgem seixos talhados e lascas (indústria olduvaiense). Em Olduvai II, no estrato sobrejacente ao aparecimento de *Homo habilis*, ocorrem os primeiros artefactos dotados de simetria (bifaces) e associados ao *Homo erectus*. A simetria apreende-se na natureza sob determinadas condições relacionadas com uma percepção e intervenção crescentes sobre o meio.

A evolução dos artefactos depende das necessidades de recolha e tratamento de alimentos no quadro de uma dieta omnívora e do desenvolvimento das capacidades intelectuais dos seres humanos; este desenvolvimento é igualmente estimulado pela produção de instrumentos.

A realização de trabalho consciente tem sido considerada uma característica exclusiva do ser humano. Porém, a noção de *Homo faber* é objecto de contestação face à detecção de formas rudimentares de trabalho em outros Primatas não humanos. A mera utilização de objectos ou mesmo a produção de artefactos muito elementares viriam a ser definitivamente superadas com o aparecimento dos primeiros instrumentos dotados de simetria, exclusivos dos humanos: os bifaces.



Fotografia 28 – Cena 1 do MAEDS.

PALEOLÍTICO INFERIOR E CRITÉRIO ARTEFACTUAL

As evidências da ocupação humana anterior ao *Homo neanderthalensis* são escassas no Distrito de Setúbal, e de difícil contextualização estratigráfica. Na formação de Belverde, atribuída ao Calabriano, com cerca de 1,5 milhões de anos, foram encontrados alguns prováveis artefactos; no entanto, a intencionalidade do talhe é contrariada pela cronologia atribuída ao contexto. Os fósseis dos primeiros europeus, bem representados na Gran Dolina (Atapuerca), foram atribuídos à espécie *Homo antecessor*, e datados de entre 800 e 900 mil anos.

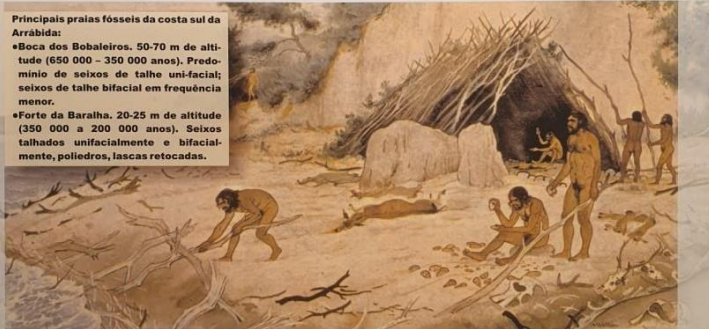
Em praias levantadas do concelho de Sesimbra, entre a baía dos Lagosteiros e a rechã do Forte do Cavalo, no conglomerado de base da Lapa de Santa Margarida, nas formações da base da sequência estratigráfica do Forte do Pessegueiro (Sines), no Samouco, em nível correlacionável com período interglaciário, têm surgido seixos afeiçãoados com talhe unifacial, bifacial, núcleos poliédricos e raros bifaces acheulenses.

Principais praias fósseis da costa sul da

Arrábida:

• Boca dos Bobaleiros. 50-70 m de altitude (650 000 - 350 000 anos). Predomínio de seixos de talhe unifacial; seixos de talhe bifacial em frequência menor.

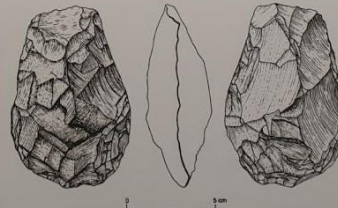
• Forte da Baralha. 20-25 m de altitude (350 000 a 200 000 anos). Seixos talhados unifacialmente e bifacialmente, poliedros, lascas retocadas.



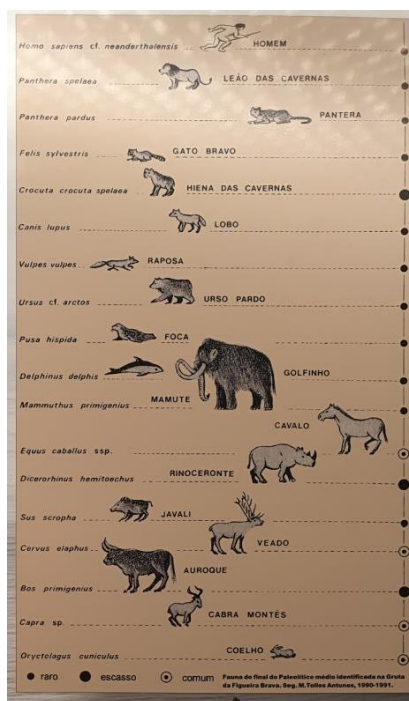
Reconstituição de acampamento de ar livre do Paleolítico inferior. Adaptado de Lumley, 1982.

Podemos supor que o Distrito de Setúbal foi habitado por homínidos da espécie *Homo heidelbergensis* que viveu entre 500 e 180 mil anos. Em Sima de los Huesos (Atapuerca) surgiu o maior conjunto de fósseis destes homínidos, pertencentes a um mínimo de 28 indivíduos. Viviam da caça e da recolção, em pequenos grupos nómadas, frequentando assiduamente o litoral, fabricando os seus instrumentos nas praias onde a matéria-prima abundava, já senhores do controlo do fogo.

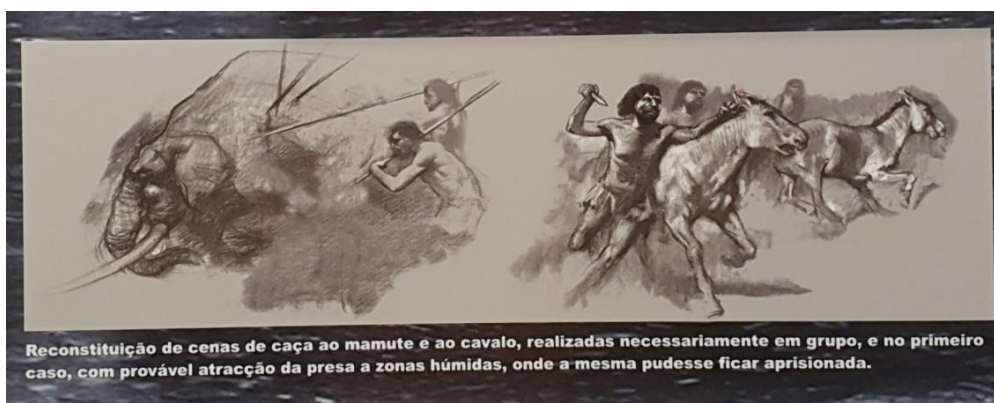
Dos primeiros humanos que viveram na região de Setúbal possuímos artefactos, que na sua maioria correspondem a um nível tecnológico primário dominado por *choppers*, *chopping-tools* e *core-choppers*, e pela técnica da percussão directa, com baixa selectividade da matéria-prima. Mas surgem também os primeiros artefactos dotados de simetria, tipicamente acheulenses, os bifaces, que denunciam uma percepção e intervenção crescentes sobre o meio.



Biface do Samouco. Seg. G. Zbyszewski e J. L. Cardoso.



Fotografia 30 – Cena 3 do MAEDS.



Fotografia 31 – Cenas 4 e 5 do MAEDS.



Sítio (▼) da Praia dos Nascedios Norte (Costa Sudoeste). Final do Magdalenense (?).

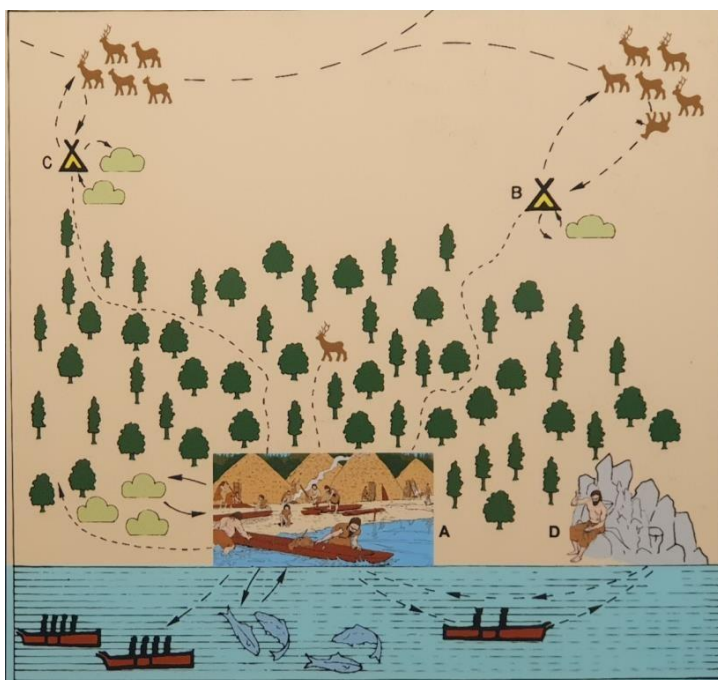
Fotografia 32 – Cena 6 do MAEDS.



Fotografia 33 – Cena 7 do MAEDS.



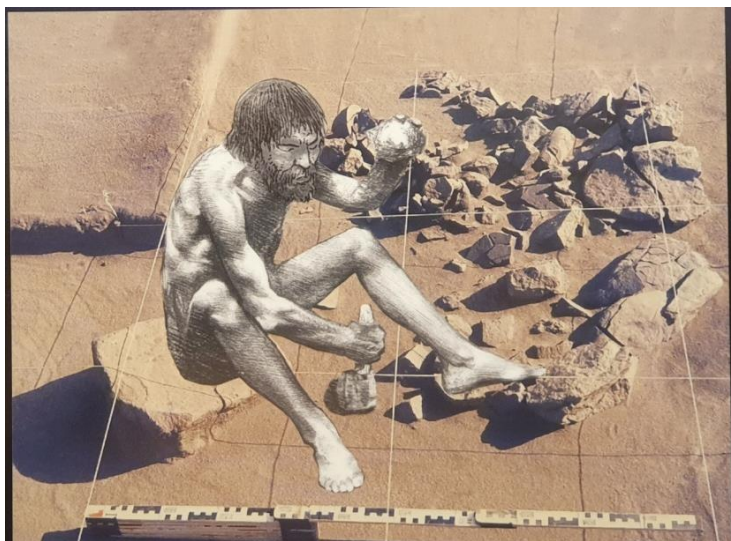
Fotografia 34 – Cena 8 do MAEDS.



Fotografia 35 – Cena 9 do MAEDS.



Fotografia 36 – Cena 9 do MAEDS. Pormenor.



Fotografia 37 – Cena 10 do MAEDS.



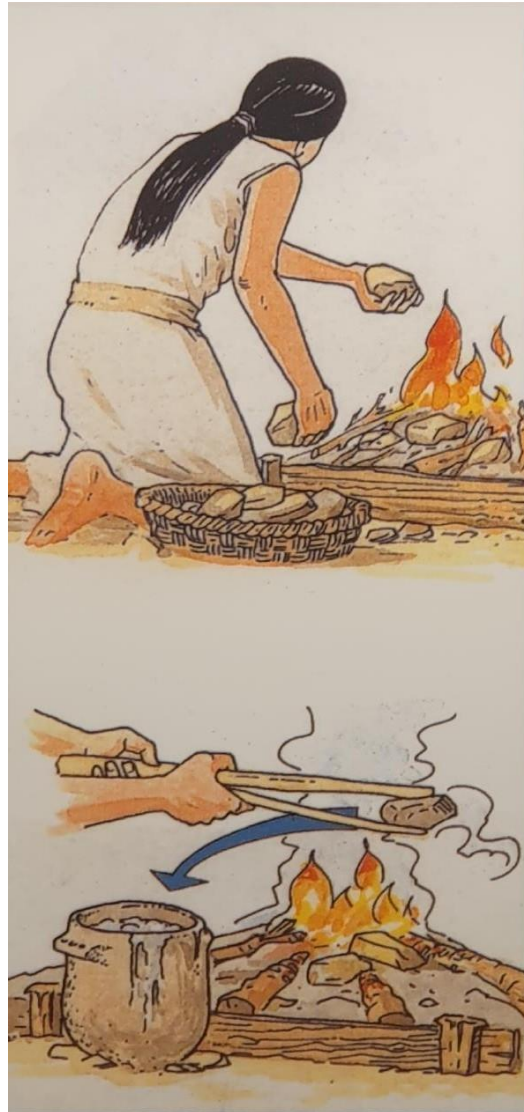
Fotografia 38 – Cena 11 do MAEDS.



Fotografia 39 – Cena 12 do MAEDS.



Fotografia 40 – Cena 13 do MAEDS.



Fotografia 41 – Cena 14 do MAEDS.



Fotografia 42 – Cena 15 do MAEDS.



Fotografia 43 – Cena 16 do MAEDS.



Fotografia 44 – Cena 17 do MAEDS.



Fotografia 45 – Cena 18 do MAEDS.



Fotografia 46 – Cena 19 do MAEDS.



Fotografia 47 – Cena 20 do MAEDS.



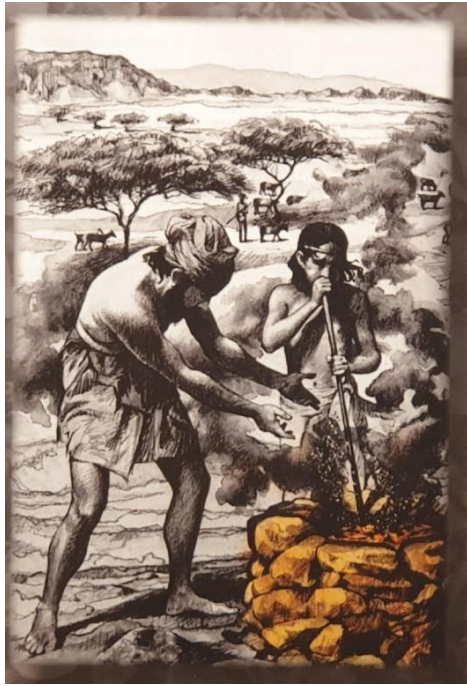
Fotografia 48 – Cena 21 do MAEDS.



Fotografia 49 – Cena 22 do MAEDS.



Fotografia 50 – Cena 23 do MAEDS.



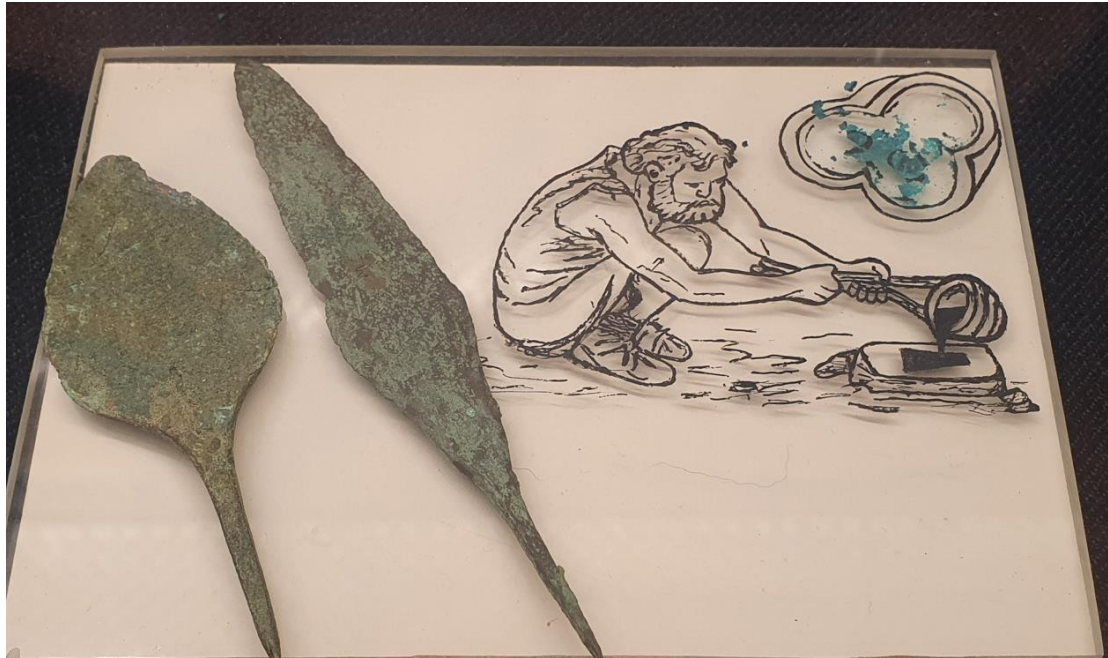
Fotografia 51 – Cena 24 do MAEDS.



Fotografia 52 – Cena 25 do MAEDS.



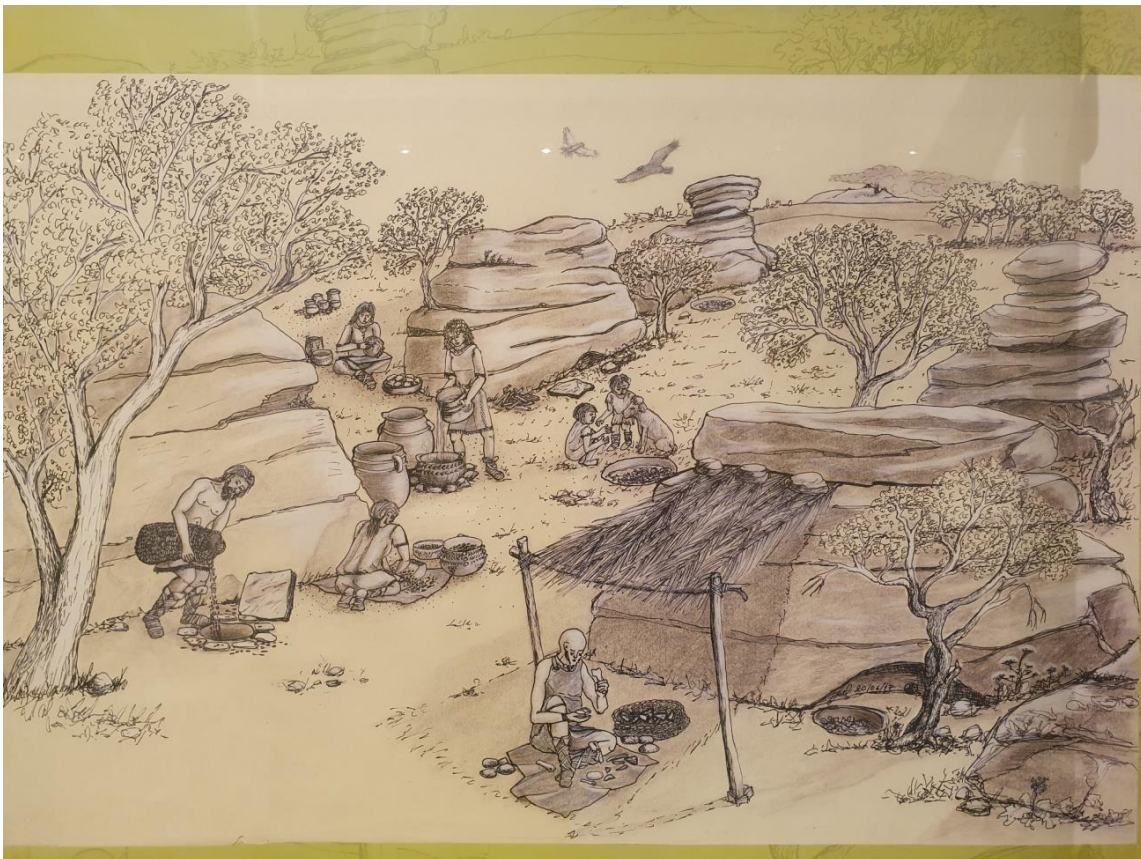
Fotografia 53 – Cena 26 do MAEDS.



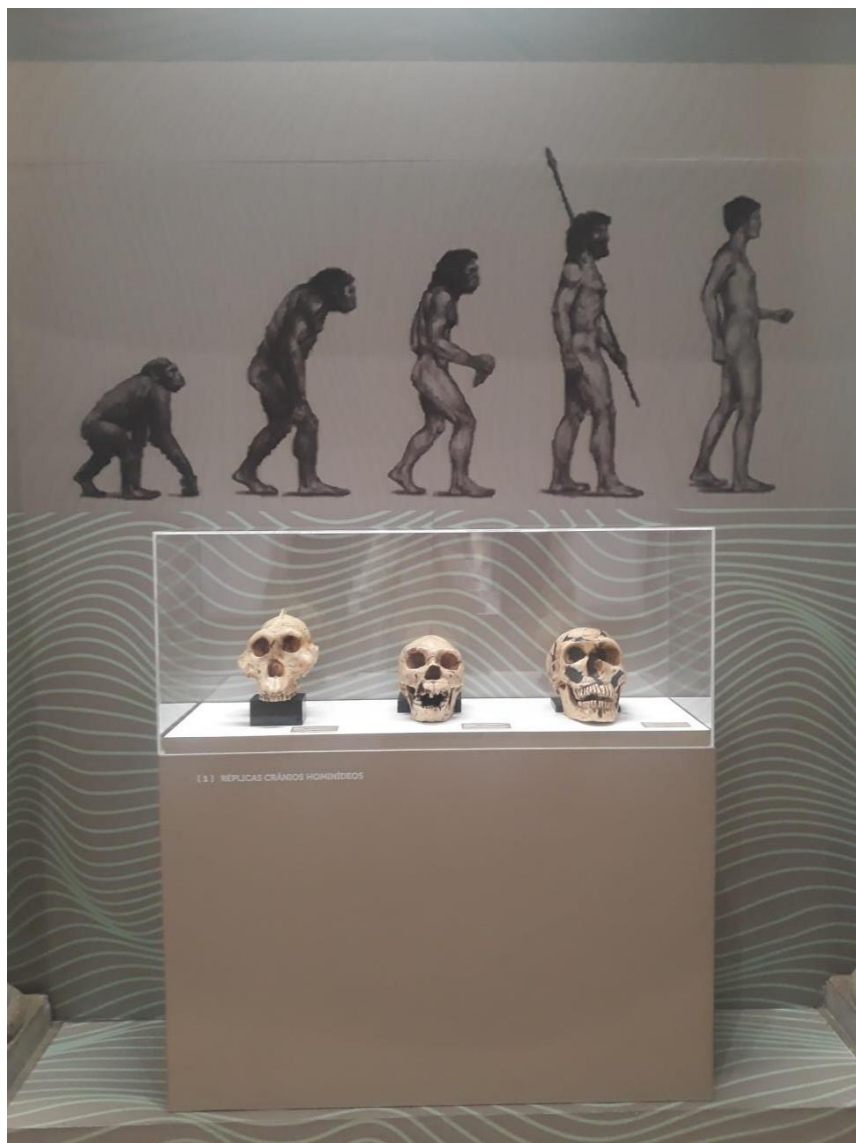
Fotografia 54 – Cena 27 do MAEDS.



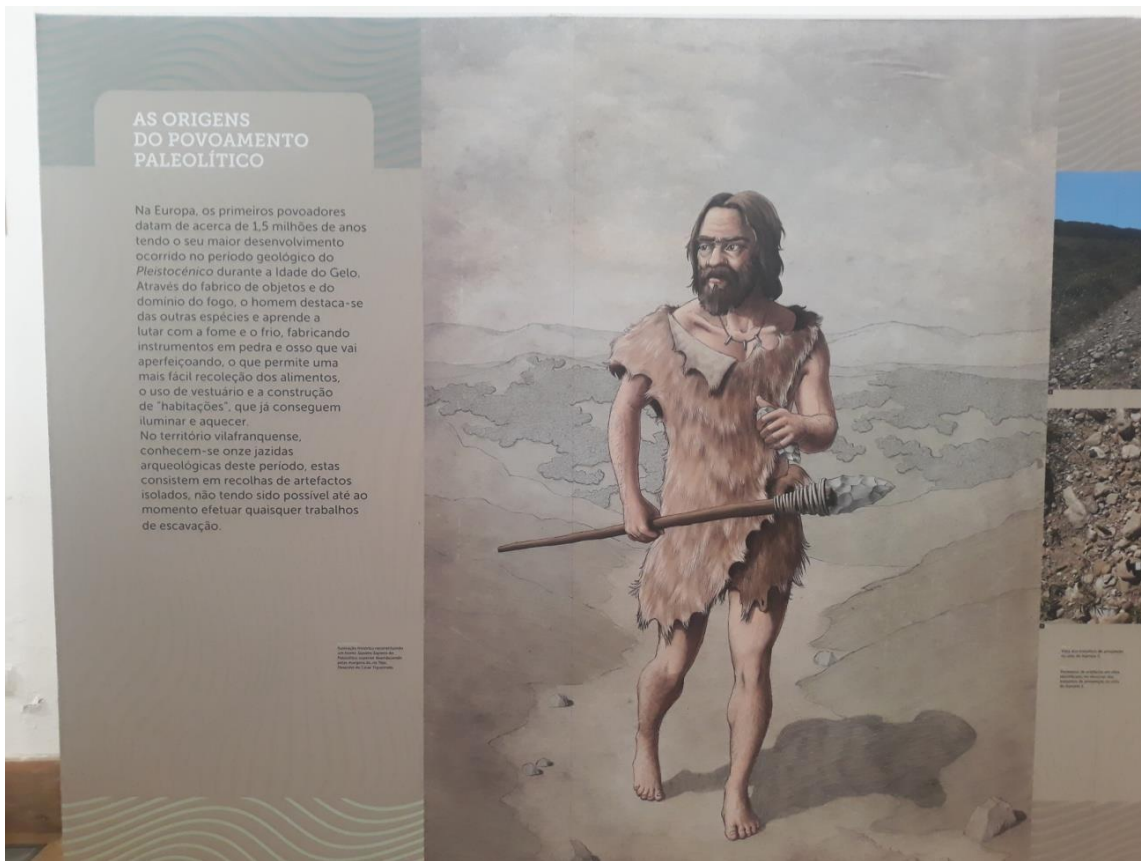
Fotografia 55 – Cena 1 do MASMO.



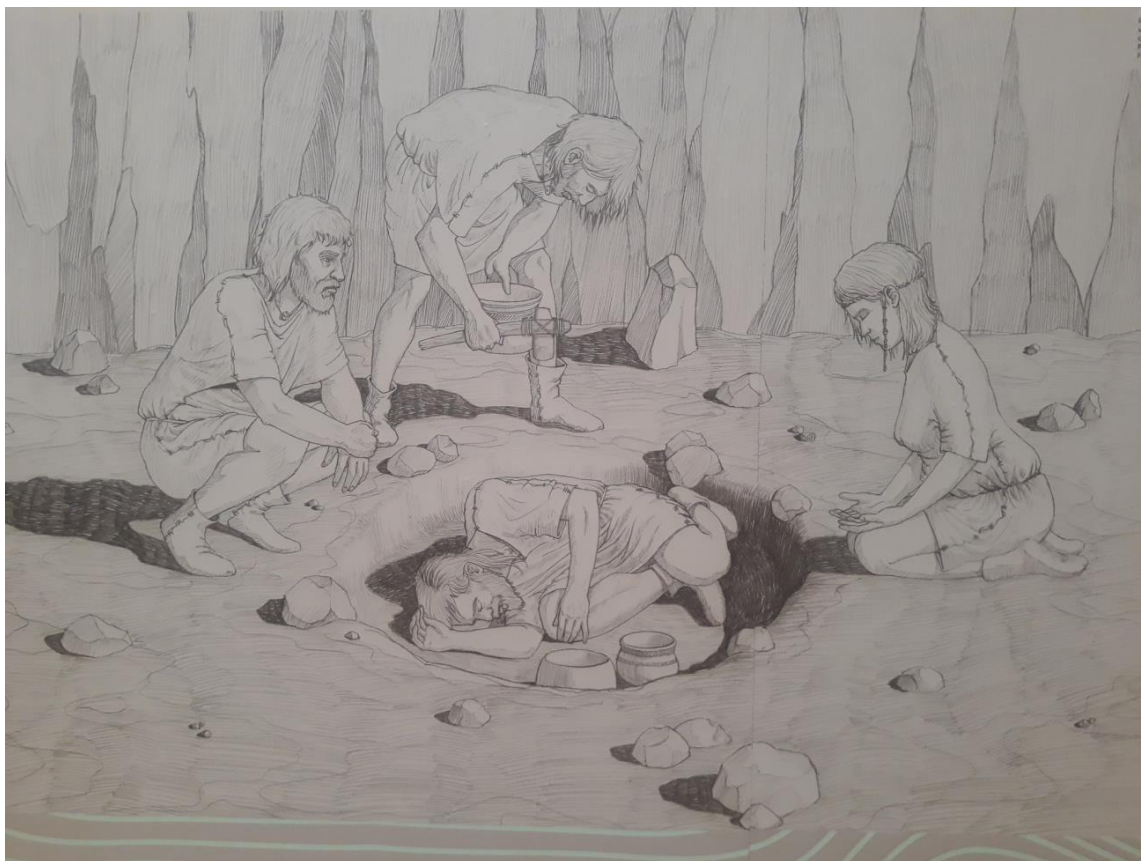
Fotografia 56 – Cena 2 do MASMO.



Fotografia 57 – Cena 1 do Núcleo do Mártir Santo, Museu de Vila Franca de Xira.



Fotografia 58 – Cena 2 do Núcleo do Mártir Santo, Museu de Vila Franca de Xira.



Fotografia 59 - Cena 3 do Núcleo do Mártir Santo, Museu de Vila Franca de Xira.

ANEXO III

[tabela geral das cenas dos museus]

Museu	Ano de inauguração da exposição	Nº Imagens outro	Cenas	Pessoas reconhecidas	Nº mulheres	Nº homens	Nº Não identificados(as)
Museu Municipal de Alcochete	2017	3	0				
Museu Municipal da Amadora. Núcleo Museológico do Casal da Falagueira	2020	2	2	7	2	4	1
Museu Municipal da Amadora. Núcleo Museológico de Carenque	2010	25	1	9	3	3	3
Município do Barreiro: Espaço Memória	2015	3	0				
Museu da Vila. Cascais	2019	1	0				
Museu Municipal de Loures	2019	1	0				
Museu de Lisboa. Palácio Pimenta	2021	23	5	9	4	5	
Município de Oeiras. Exposição Monográfica do Povoado Pré-Histórico de Leceia	1998	29	2 17 em vídeo	13 57 em vídeo	2 19 em vídeo	4 26 em vídeo	7 12 em vídeo
Município de Oeiras. Exposição de Arqueologia do Concelho de Oeiras	2011	16 51 em catálogo	0				
Município de Palmela. Núcleo Museológico do Castelo	2009	17	0				
Município de Setúbal. MAEDS	2009	87	27	81	6	46	29

Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas. Sintra.	2018	28	2	12	3	6	3
Museu Municipal de Vila Franca de Xira. Núcleo Museológico do Mártir Santo	2016	11 6 em catálogo	3	8	1	8	0
Museu Municipal de Vila Franca de Xira. Núcleo Museológico de Alverca do Ribatejo	2007	3	0				

ANEXO IV

[tabela de análise do Museu Municipal da Amadora. Núcleo Museológico do Casal da Falagueira]

Cenas	Cronologia	Pessoas	Idade	Relação Intergruppal	Posição	Espaço	Papel	Postura	Atividade	Subcategoria de mulher	Estereótipos femininos
Cena 1	Paleolítico	Mulher	adulta	com uma criança	secundária	público	ativo	em pé	recolheção	Mulher-mãe; mulher-trabalhadora; mulher-cuidadora	afetuosa; maternal; meiga
		Homem	adulto	sozinho	destaque	público	ativo	em pé	caça ou esquitejamento		
		Homem	adulto	sozinho	secundária	público	ativo	em pé	pesca		
		Não identificado (a)	criança	Com a mulher	secundária	público	passivo(a)	ao colo			
Cena 2	Neolítico Final e Calcolítico	Mulher	adulta	sozinha	destaque	doméstico	ativo	sentada	tecelagem	Mulher-trabalhadora	ágil, meiga
		Homem	adulto	sozinho	destaque	doméstico	ativo	em pé	pastoricia		
		Homem	adulto	sozinho	secundário	público	ativo	em pé	caça		

ANEXO V

[tabela de análise do Museu Municipal da Amadora. Núcleo Museológico de Carenque]

Cenas	Cronologia	Pessoas	Idade	Relação Intergrupala	Posição	Espaço	Papel	Postura	Atividade	Subcategoria de mulher	Estereótipos femininos
Cena 1	Neolítico Final/Calcolítico	Homem?	Criança	Sozinho	Destaque	Público	Ativo	Em pé	Pastorícia/brincar com gado		
		Mulher	Adulta	Com duas mulheres	Destaque	Doméstico	Ativa	sentada	Cestaria	Mulher-trabalhadora, mulher- cuidadora	Jovem, bela, elegante, ociosa, conversadora
		Mulher	Adulta	Com duas mulheres	Destaque	Doméstico	Ativa	De joelhos	Moagem	Mulher-trabalhadora, mulher- cuidadora	Jovem, bela, elegante, ociosa, conversadora
		Mulher	Adulta	Com duas mulheres	Destaque	Doméstico	Ativa	Em pé	Tear	Mulher-trabalhadora, mulher- cuidadora	Jovem, bela, elegante, ociosa, conversadora
		Homem	Adulto	Com outro homem	Secundária	Público	Passivo	Em pé	=		
		Homem	Adulto	Com outro homem	Secundária	Público	Ativo	Em pé	Pastorícia		
		Homem	Adulto	Com duas pessoas	Secundária	Público	Ativo	Em pé	Agricultura		
		Não identificado (a)	Adulto (a)	Com duas pessoas	Secundária	Público	Ativo (a)	Em pé	Agricultura		
		Não identificado (a)	Adulto (a)	Com duas pessoas	Secundária	Público	Ativo (a)	Em pé, curvado (a)	Agricultura		

ANEXO VI
[tabela de análise do Museu de Lisboa. Palácio Pimenta]

Cenas	Cronologia	Pessoas	Idade	Relação Intergrupar	Posição	Espaço	Papel	Postura	Atividade	Subcategoria de mulher	Estereótipos femininos
Cena 1	Paleolítico Inferior	homem	adulto	Com outro homem	igualitária	público	ativo	de joelhos	caça/esquartejamento		
		homem	adulto	Com outro homem	igualitária	público	ativo	de cócoras	caça/esquartejamento		
Cena 2	Período Neolítico (Megalitismo)	homem	adulto	Com outra pessoa	igualitária	público; sagrado	ativo	de cócoras	Culto; homenagem		
		Não identificado	adulto (?)	Com um homem	igualitária	público; sagrado	_	deitado(a)	_		
Cena 3	Idade do Bronze	Mulher	adulta	sozinha	destaque	Sem enquadramento	ativo	em pé, curvada	agricultura (ceifa)	Mulher-trabalhadora	Ágil; jovem; delicada; gentil
Cena 4	Idade do Bronze	Mulher	adulta	Com um homem	Secundária	doméstico	ativo	sentada	tecelagem	Mulher-trabalhadora	carinhosa; atraente; jovem; meiga; simpática
		Mulher	criança (?)	sozinha	secundária	doméstico	passivo	em pé	a correr; a brincar (?)	_	jovem; ágil; emotiva; infantil; ociosa
		Homem	adulto	Com uma mulher	destaque	doméstico	ativo	sentado	metalurgia		
Cena 5	Neolítico	Homem	adulto	sozinho	destaque	Sem enquadramento	ativo	de cócoras	Corte de madeira		

Cenas	Cronologia	Pessoas	Idade	Relação Intergrup	Posição	Espaço	Papel	Postura	Atividade	Subcategoria de mulher	Estereótipos femininos	
Cena 1	Neolítico/ Calcolítico	Mulher	adulta	com uma mulher e outra pessoa	destaque	público	ativo	em pé, curvada	agricultura, ceifa	Mulher-trabalhadora	atraente, bela; jovem; sedutora; voluptuosa	
		Mulher	adulta	com uma mulher e outra pessoa	destaque	público	ativo	em pé	agricultura, ceifa	Mulher-trabalhadora	atraente; bela; elegante; frágil; jovem; ociosa; sedutora; voluptuosa	
		Homem	adulto	sozinho	secundária	público	ativo	em pé	agricultura, abate de árvores			
		Homem	adulto	com uma pessoa	secundária; igualitária	público	ativo	em pé	agricultura, arar			
		Não identificado	adulto(a)	com duas mulheres	secundária	público	ativo(a)	agachado(a)	agricultura, colheita de cereais			
		Não identificado	adulto(a)	com um homem	secundária; igualitária	público	ativo(a)	em pé, curvado(a)	agricultura, arar			
		Não identificado	adulto(a)	com uma pessoa	secundária; igualitária	público	ativo(a)	em pé	agricultura, colheita de cereais			
		Não identificado	adulto(a)	com uma pessoa	secundária; igualitária	público	ativo(a)	em pé	agricultura, colheita de cereais			
		Não identificado	adulto(a)	sozinho(a)	secundária	público	ativo(a)	em pé	pastorícia			
		Não identificado	adulto(a)	com uma pessoa	secundária; igualitária	público	ativo(a)	em pé	guarda do povoado			
Cena 2	Calcolítico	Homem	adulto	Com um homem	destaque		Sem enquadramento	ativo	em pé	metalurgia		
		Homem	adulto	Com um homem	secundária		Sem enquadramento	ativo	em pé	metalurgia		
Cena 1 (vídeo)	Calcolítico	Homem	adulto	Com uma mulher e uma criança	Igualitária		Sem enquadramento	ativo	em pé	a caminhar		
		Mulher	adulta	Com um homem e uma criança	Igualitária		Sem enquadramento	ativa	em pé	a caminhar	Mulher-cuidadora, Mulher-mãe, mulher-esposa	jovem, bela, voluptuosa, elegante, maternal, meiga, cuidadora
		Não identificado (a)	criança	Com um homem e uma mulher	Igualitária		Sem enquadramento	ativo(a)	em pé	a caminhar		
Cena 2 (vídeo)	Calcolítico	Homem	adulto	sozinho	destaque	público	ativo	sentado	pesca			
		Mulher	adulta	sozinha	secundária	público	passivo	com um joelho no chão	recolheção (marisco)	Mulher-trabalhadora	Bela, jovem, frágil, voluptuosa.	
		Homem	adulto	com um homem	secundária	público	ativo	sentado	pesca			
		Homem	adulto	com um homem	secundária	público	ativo	sentado	pesca			
Cena 3 (vídeo)	Calcolítico	Homem	adulto	sozinho	destaque		Sem enquadramento	ativo	em pé			
Cena 4 (vídeo)	Calcolítico	Homem	adulto	com uma pessoa	destaque	público	ativo	com um joelho no chão	caça			
		Não identificado (a)	adulto (a)	com um homem	destaque	público	ativo (a)	com um joelho no chão	caça			
Cena 5 (vídeo)	Calcolítico	Homem	adulto	sozinho	destaque	público	ativo	em pé	Corte e separação de pele animal			
		Mulher	adulta	sozinha	secundária	público	ativa	de joelhos	limpeza da pele animal	Mulher-trabalhadora	jovem, trabalhadora, dedicada	
		Não identificado (a)	adulto (a)	sozinho (a)	secundária	público	ativo (a)	com um joelho no chão	lavagem da pele animal			
Cena 6 (vídeo)	Calcolítico	Homem	adulto	sozinho	destaque	público	ativo	com um joelho no chão	Construção de embarcação			
		Homem	adulto	sozinho	secundária	público	ativo	em pé	Pastorícia			
Cena 7 (vídeo)	Calcolítico	Homem	adulto	sozinho	destaque	público	ativo	em pé	Corte de árvores			
		Mulher	adulta	sozinha	secundária	público	ativa	em pé	Agricultura, arado	Mulher-trabalhadora	jovem, elegante	
		Mulher	adulta	sozinha	secundária	público	ativa	em pé	Agricultura, sementeira	Mulher-trabalhadora	jovem, elegante	
Cena 8 (vídeo)	Calcolítico	Homem	adulto	com uma pessoa	igualitária	público	ativo	com um joelho no chão	Agricultura, colheita			
		Não identificado (a)	adulto (a)	com um homem	igualitária	público	ativo (a)	em pé, curvado (a)	Agricultura, colheita			

Cena 9 (vídeo)	Calcolítico	Mulher	adulta	sozinha	destaque	doméstico	ativa	em pé	Separação de cereais, crivo.	Mulher-trabalhadora, mulher-cuidadora	jovem, ágil, dedicada
		Homem	adulto	sozinho	secundária	doméstico	ativo	em pé	Malhagem de cereais		
		Não identificado (a)	criança	com uma criança	secundária	doméstico	ativo (a)	em pé	Separação de cereais.		
		Não identificado (a)	criança	com uma criança	secundária	doméstico	ativo (a)	agachado (a)	Separação de cereais.		
		Mulher	adulta	sozinha	secundária	doméstico	ativa	em pé	Separação de cereais, crivo.	Mulher-trabalhadora, mulher-cuidadora	jovem, ágil, elegante, dedicada
Homem	adulto	sozinho	secundária	doméstico	ativo	em pé	Construção				
Cena 10 (vídeo)	Calcolítico	Não identificado (a)	adulto (a)	sozinho (a)	destaque	doméstico	ativo (a)	de joelhos	Moagem		
		Homem	adulto	em grupo	secundária	doméstico	ativo	em pé	Agricultura, armazenamento		
		Não identificado (a)	adulto (a)	em grupo	secundária	doméstico	ativo (a)	em pé, curvado (a)	Agricultura, armazenamento		
		Não identificado (a)	adulto (a)	em grupo	secundária	doméstico	ativo (a)	em pé	Agricultura, armazenamento		
Cena 11 (vídeo)	Calcolítico	Mulher	adulta	com uma mulher e uma criança	destaque	doméstico	ativa	sentada	Cerâmica, decoração	Mulher-trabalhadora, mulher-cuidadora	jovem, bela, delicada, elegante, sedutora, cuidadora, voluptuosa
		Mulher	adulta	com uma mulher e uma criança	destaque	doméstico	ativa	sentada	Cerâmica, técnica de rolos	Mulher-trabalhadora, mulher-cuidadora	jovem, bela, sedutora, cuidadora, voluptuosa
		Mulher	criança	com duas mulheres	destaque	doméstico	ativa	de joelhos	Cerâmica, técnica de rolos	Mulher-trabalhadora	ágil, divertida
		Homem	adulto	sozinho	secundária	doméstico	ativo	em pé, curvado	Cerâmica, cozedura		
		Mulher	adulta	sozinha	secundária	doméstico	ativa	em pé		Mulher-trabalhadora	jovem, ágil
Cena 12 (vídeo)	Calcolítico	Homem	adulto	sozinho	destaque	público	ativo	em pé	A caminhar. Representa a domesticação animal.		
Cena 13 (vídeo)	Calcolítico	Mulher	adulta	sozinha	destaque	doméstico	ativa	sentada	Produção de queijo	Mulher-trabalhadora	Jovem, bela, ágil, delicada
		Mulher	adulta	sozinha	secundária	doméstico	ativa	sentada	Ordenha	Mulher-trabalhadora	jovem, ágil
Cena 14 (vídeo)	Calcolítico	Mulher	adulta	com uma mulher	igualitária	doméstico	ativa	sentada	Produção têxtil	Mulher-trabalhadora	Jovem, bela, delicada, atraente, ágil
		Mulher	adulta	com uma mulher	igualitária	doméstico	ativa	sentada	Produção têxtil	Mulher-trabalhadora	Jovem, bela, delicada, simpática, ágil
Cena 15 (vídeo)	Calcolítico	Homem	adulto	em grupo	igualitária	público	ativo	sentado	Tecnologia lítica		
		Homem	adulto	em grupo	igualitária	público	ativo	sentado	Tecnologia lítica		
		Homem	adulto	em grupo	igualitária	público	ativo	sentado	Tecnologia lítica		
		Homem	adulto	em grupo	igualitária	público	ativo	em pé	Tecnologia lítica		
		Homem	adulto	em grupo	igualitária	público	ativo	em pé	Tecnologia lítica		
Cena 16 (vídeo)	Calcolítico	Homem	adulto	com uma criança	igualitária	doméstico	ativo	com um joelho no chão	Metalurgia		
		Não identificado (a)	criança	com um homem	igualitária	doméstico	ativo (a)	de joelhos	Metalurgia		
Cena 17 (vídeo)	Calcolítico	Não identificado (a)	criança	Com uma mulher	igualitária	público	ativo (a)	em pé	Ritual fúnebre, a caminhar		
		Mulher	adulta	Com uma criança	igualitária	público	ativa	em pé	Ritual fúnebre, transporta oferenda votiva	Mulher-cuidadora, mulher-mãe, mulher-devota	Afetuosa, maternal, jovem, cuidadora
		Mulher	adulta	adolescente	igualitária	público	ativa	em pé	Ritual fúnebre, transporta oferenda votiva	Mulher-devota	jovem, elegante
		Homem	adulto	com um homem	igualitária	público	ativo	em pé	Ritual fúnebre, carrega a pessoa morta		
		Não identificado (a)	adulto (a)		igualitária	público	não se aplica	deitado (a)			
		Homem	adulto	com um homem	igualitária	público	ativo	em pé	Ritual fúnebre, carrega a pessoa morta		
		Homem	adulto	com um homem	igualitária	público	ativo	em pé	Ritual fúnebre, transporta oferenda votiva		
		Homem	adulto	com um homem	igualitária	público	ativo	em pé	Ritual fúnebre		
		Mulher	adulta	com uma mulher	igualitária	público	ativa	em pé	Ritual fúnebre. Realiza pinturas faciais.	Mulher-devota	jovem, cuidadora, sensível, delicada, vaidosa
		Mulher	adulta	com uma mulher	igualitária	público	passiva	em pé	Ritual fúnebre. Realiza pinturas faciais.	Mulher-devota	jovem, bela, elegante, sensível, vaidosa

ANEXO VIII
[tabela de análise do MAEDS – Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal]

Cenas	Cronologia	Pessoas	Idade	Relação Intergrupar	Posição	Espaço	Papel	Postura	Atividade	Subcategoria de mulher	Estereótipos femininos
Cena 1	Pré-História Antiga	Homem (hominídeo)	adulto	sozinho	destaque	público	Ativo	de cócoras	fabrico de utensílios líticos		
Cena 2	Paleolítico Inferior	Homem	adulto	sozinho	destaque; igualitário	público	Ativo	em pé, curvado	Procura de ramos para construção de abrigo		
		Homem	adulto	com um homem	destaque; igualitário	público	Ativo	sentado	fabrico de utensílios líticos		
		Homem	adulto	com um homem	destaque; igualitário	público	Ativo	em pé	Intenção de procura de madeira para construção de abrigo		
		Homem	adulto	com uma pessoa	secundária; igualitário	público	Ativo	em pé	Construção de abrigo		
		Não identificado	adulto(a)	com um homem	secundária; igualitário	público	Ativo(a)	em pé	Construção de abrigo		
		Homem	adulto	sozinho	secundária	doméstico	Ativo	sentado	fabrico de utensílios líticos(?)		
		Não identificado	adulto(a)	sozinho(a)	secundária	público	Ativo(a)	em pé	Carrega madeira		
Cena 3	Paleolítico Médio	Não identificado	adulto(a)	sozinho(a)		Sem enquadramento	Ativo(a)	em pé	Em deslocação, com aparente instrumento de caça na mão		
Cena 4	Paleolítico Médio	Homem	adulto	Com um homem	destaque	público	Ativo	Em pé	Caça ao mamute		
		Homem	adulto	Com um homem	secundária	público	Ativo	em pé	Caça ao mamute		
Cena 5	Paleolítico Médio	Homem	adulto	Com um homem e uma pessoa	destaque	público	Ativo	Em pé	Caça ao cavalo		
		Homem	adulto	Com um homem e uma pessoa	secundária	público	Ativo	Em pé	Caça ao cavalo		
		Não identificado (a)	adulto(a)	Com dois homem	secundária	público	Ativo(a)	em pé	Caça ao cavalo		
Cena 6	Paleolítico Superior	Homem	adulto	com uma pessoa	destaque	público	Ativo	sentado	fabrico de utensílios líticos		
		Não identificado(a)	adulto(a)	Com uma criança	secundária	doméstico	Ativo(a)	em pé, curvado(a)	Esquartejamento de caça		
		Não identificado(a)	criança	com uma pessoa	secundária	doméstico	Ativo(a)	sentado(a)	Esquartejamento de caça		
		Não identificado(a)	adulto(a)	sozinho(a)	secundária	doméstico	Ativo(a)	em pé	Não perceptível		
Cena 7	Paleolítico Superior	Não identificado(a)	adulto(a)	sozinho(a)	destaque	Sem enquadramento	Ativo(a)	em pé	fabrico de utensílios líticos		
Cena 8	Epipaleolítico	Homem	adulto	sozinho	destaque	público	Ativo	em pé, curvado	Caça ao veado		
Cena 9*	Mesolítico	Homem	adulto	com um homem	destaque	público	Ativo	em pé, curvado	Apreparar piroga para ir para o mar		
		Homem	adulto	com um homem	destaque	público	Ativo	em pé, curvado	Apreparar piroga para ir para o mar		
		Não identificado(a)	adulto(a)?	sozinho(a)	secundária	doméstico	Ativo(a)	sentado(a)			
		Não identificado(a)	criança?	sozinho(a)	secundária	doméstico	Ativo(a)	em pé	A correr. A brincar?		
		Não identificado(a)	adulto(a)	com outra pessoa	secundária	doméstico	Ativo(a)	em pé	Construção de embarcação?		
		Não identificado(a)	adulto(a)	com outra pessoa	secundária	doméstico	Ativo(a)	em pé, curvado(a)	Construção de embarcação?		
		Não identificado(a)	adulto(a)	com outra pessoa	secundária	doméstico	Ativo(a)	em pé, curvado(a)	Construção de embarcação?		
		Não identificado(a)	adulto(a)	com outra pessoa	secundária	doméstico	Ativo(a)	em pé, curvado(a)	Construção de embarcação?		
		Não identificado(a)	adulto(a)	com outra pessoa	secundária	doméstico	Passivo(a)	de cócoras			
		Não identificado(a)	adulto(a)	com outra pessoa	secundária	doméstico	Ativo(a)	em pé	A preparar fogueira?		
		Não identificado(a)	adulto(a)	sozinho(a)	secundária	doméstico	Passivo(a)?	sentado(a)			
		Não identificado(a)	adulto(a)	sozinho(a)	secundária	doméstico	Ativo(a)	em pé	a caminhar		
		Homem	adulto	sozinho	destaque	público	Ativo	sentado	fabrico de utensílios líticos		

Cena 10	Mesolítico	Homem	adulto	sozinho	destaque	doméstico	ativo	sentado	fabrico de utensílios líticos		
Cena 11	Neolítico	Homem	adulto	sozinho	destaque	sem enquadramento	ativo	em pé	Agricultura. Mostra de utilização de enxó/machado.		
Cena 12	Neolítico	Homem	adulto	sozinho	destaque	público	ativo	em pé	Pastorícia		
Cena 13	Neolítico	Mulher	adulta	sozinha	destaque	Sem enquadramento	Ativa	em pé, curvado(a)	Agricultura, com sacho		
Cena 14	Neolítico	Não identificado(a)	adulto(a)	sozinho(a)	destaque	doméstico	Ativo(a)	de joelhos	Preparação de lareira culinária		
Cena 15	Neolítico	Mulher	adulta	sozinha	destaque	Sem enquadramento	Ativa	de joelhos	Moagem	Mulher-trabalhadora	Ágil; bela; elegante;jovem;meiga;delicada
Cena 16	Neolítico	Homem	adulto	com um homem	igualitária	público	Ativo	em pé	Pesca, a lançar rede		
Homem		adulto	com um homem	igualitária	público	Ativo	sentado	Pesca			
Cena 17	Neolítico	Mulher	adulta	sozinha	destaque	Sem enquadramento	Ativa	sentada	Cestaria	Mulher-trabalhadora	Ágil, bela, delicada, elegante
Cena 18	Neolítico/Calcolítico	Homem	adulto	sozinho	destaque	Sem enquadramento	Ativo	Em pé	Abate de árvores, com machado em pedra polida		
Cena 19	Neolítico/Calcolítico	Homem	adulto	Sozinho	destaque	Sem enquadramento	Ativo	Sentado	Produção de embarcação, com instrumento de pedra polida		
Cena 20	Neolítico/Calcolítico	Mulher	adulta	Com uma mulher	igualitária	Sem enquadramento	Ativa	De cócoras	Evaporação de água marinha para obtenção de sal	Mulher-trabalhadora	jovem, submissa
		Mulher	adulta	Com uma mulher	igualitária	Sem enquadramento	Ativa	Em pé, curvada	Evaporação de água marinha para obtenção de sal	Mulher-trabalhadora	jovem, submissa
Cena 21	Calcolítico	Homem	adulto	Sozinho	destaque	público	Ativo	Em pé	Exploração vegetal		
Cena 22	Calcolítico	Não identificado(a)	adulto(a)	sozinho(a)	destaque	público	Ativo(a)	em pé	Agricultura, com arado		
Cena 23	Calcolítico	Homem	adulto	Com 3 homens	destaque, igualitário	Público	Ativo	de cócoras e curvado	Extração mineira (cobre)		
		Homem	adulto	Com 3 homens	destaque, igualitário	Público	Ativo	de joelhos	Extração mineira (cobre)		
		Homem	adulto	Com 3 homens	secundário	Público	Ativo	de joelhos	Extração mineira (cobre)		
		Homem	adulto	Com 3 homens	secundário	Público	Ativo	de cócoras	Extração mineira (cobre)		
		Homem	criança	Com 3 homens	destaque, igualitária	Público	Ativo	de cócoras	Exploração mineira (cobre)		
		Homem	adulto	Com 2 homens e 1 criança	destaque, igualitária	Público	Ativo	de cócoras	Exploração mineira (cobre)		
		Homem	adulto	Com 2 homens e 1 criança	destaque, igualitária	Público	Ativo	sentado	Exploração mineira (cobre)		
		Não identificado(a)	adulto(a)	Em grupo	secundária	Público	Ativo(a)	em pé, curvado (a)	Exploração mineira (cobre)		
		Não identificado(a)	adulto(a)	Em grupo	secundária	Público	Ativo(a)	sentado (a)	Exploração mineira (cobre)		
		Não identificado(a)	adulto(a)	Em grupo	secundária	Público	Ativo(a)	em pé, curvado (a)	Exploração mineira (cobre)		
		Não identificado(a)	adulto(a)	Em grupo	secundária	Público	Ativo(a)	em pé, curvado (a)	Exploração mineira (cobre)		
		Não identificado(a)	adulto(a)	Em grupo	secundária	Público	Ativo(a)	em pé, curvado (a)	Exploração mineira (cobre)		
		Não identificado(a)	adulto(a)	Em grupo	secundária	Público	Ativo(a)	em pé, curvado (a)	Exploração mineira (cobre)		
		Não identificado(a)	adulto(a)	Em grupo	secundária	Público	Ativo(a)	em pé, curvado (a)	Exploração mineira (cobre)		
Cena 24	Calcolítico	Homem	adulto	Com um homem	destaque, igualitária	Público	Ativo	Em pé, curvado	Fundição de minério (cobre)		
		Homem	Jovem-adulto	Com um homem	destaque, igualitária	Público	Ativo	Em pé, curvado	Fundição de minério (cobre)		
		Não identificado(a)	adulto(a)	Sozinho (a)	secundária	Público	Ativo(a)	em pé,	Pastorícia		

Cena 25	Calcolítico	Homem	idoso	Sozinho	destaque	Público	Ativo	Sentado	Fundição de minério (cobre)		
		Homem	adulto	Com um homem	destaque, igualitária	Público	Ativo	Em pé, curvado	Fundição de minério (cobre)		
		Homem	adulto	Com um homem	destaque, igualitária	Público	Ativo	Em pé, curvado	Fundição de minério (cobre)		
		Homem	adulto	Com um homem	Secundária	Público	Ativo	Sentado	Fundição de minério (cobre)		
		Homem	adulto	Com um homem	Secundária	Público	Ativo	Sentado	Fundição de minério (cobre)		
		Homem	adulto	Com um homem e uma criança	Secundária	Público	Passivo	Sentado	Fundição de minério (cobre)		
		Homem	adulto	Com um homem e uma criança	Secundária	Público	Ativo	Sentado	Fundição de minério (cobre)		
		Homem	criança	Com 2 homens	Secundária	Público	Passivo	Sentado	Fundição de minério (cobre)		
Cena 26	Idade do Bronze	Homem	Idoso	Em grupo	Igualitária	Sem enquadramento	Ativo	Sentado	Banquete ritual de líderes		
		Homem	adulto	Em grupo	Igualitária	Sem enquadramento	Ativo	Sentado	Banquete ritual de líderes		
		Homem	adulto	Em grupo	Igualitária	Sem enquadramento	Ativo	Em pé	Banquete ritual de líderes		
		Mulher	adulta	Em grupo	Igualitária	Sem enquadramento	Ativa	Sentada	Banquete ritual de líderes	Mulher-líder; Mulher-sagrada	Jovem, gentil, meiga, delicada, submissa
		Homem	adulto	Em grupo	Igualitária	Sem enquadramento	Ativo	Sentado	Banquete ritual de líderes		
		Homem	adulto	Em grupo	Igualitária	Sem enquadramento	Ativo	Sentado	Banquete ritual de líderes		
		Não identificado(a)	adulto (a)	Em grupo	Igualitária	Sem enquadramento	Ativo (a)	Sentado (a)	Banquete ritual de líderes		
Cena 27	Idade do Bronze	Homem	adulto	Sozinho	destaque	Sem enquadramento	Ativo	De cócoras	Trabalho de fundidor		

ANEXO IX

[tabela de análise do MASMO - Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas. Município de Sintra.]

Cenas	Cronologia	Pessoas	Idade	Relação Intergruppal	Posição	Espaço	Papel	Postura	Atividade	Subcategoria de mulher	Estereótipos femininos
Cena 1	Pré-História Recente	Homem	Adulto	Sozinho	Destaque	Público	Ativo	Em pé, curvado	Agricultura, colheita		
		Homem	Adulto	Sozinho	Secundária	Público	Ativo	Em pé, curvado	Agricultura, colheita		
		Homem	Adulto	Com um homem	Secundária	Público	Ativo	Em pé, curvado	Agricultura, malho		
		Homem	Adulto	Com um homem	Secundária	Público	Ativo	Em pé	Agricultura, malho		
		Não identificado(a)	Adulto (a)	Sozinho(a)	Secundária	Público	Ativo(a)	Sentado(a)	Pastorícia		
Cena 2	Neolítico Antigo	Homem	Adulto	Sozinho	Destaque	Doméstico	Ativo	Sentado	Fabrico de utensílios líticos		
		Homem	Adulto	Sozinho	Secundária	Doméstico	Ativo	Em pé	Depósito de cereais em silo		
		Mulher	Adulta	Sozinha	Secundária	Doméstico	Ativa	De joelhos	Moagem	Mulher-trabalhadora	Séria, cuidadora, jovem
		Mulher	Adulta	Sozinha	Secundária	Doméstico	Ativa	Em pé	Culinária	Mulher-cuidadora	Jovem, bela, maternal, cuidadora, ágil e delicada
		Não identificado (a)	Criança	Com uma criança	Secundária	Doméstico	Passivo(a)	Em pé	A brincar		
		Não identificado (a)	Criança	Com uma criança	Secundária	Doméstico	Passivo (a)	Sentado(a)	A brincar		
		Mulher	Adulta	Sozinha	Secundária	Doméstico	Ativa	Sentada	Produção cerâmica	Mulher-trabalhadora	Jovem, bela, delicada

ANEXO X

[tabela de análise do Museu Municipal de Vila Franca de Xira. Núcleo Museológico do Mártir Santo]

Cenas	Cronologia	Pessoas	Idade	Relação Intergruppal	Posição	Espaço	Papel	Postura	Atividade	Subcategoria de mulher	Estereótipos femininos
Cena 1	Pré-História	Homem	Adulto	Sozinho	Destaque, igualitária	Sem enquadramento	Ativo	Em pé	A caminhar		
		Hominídeo	Adulto	Sozinho	Destaque, igualitária	Sem enquadramento	Ativo	Em pé	A caminhar		
		Hominídeo	Adulto	Sozinho	Destaque, igualitária	Sem enquadramento	Ativo	Em pé	A caminhar		
		Hominídeo	-	Sozinho	Destaque, igualitária	Sem enquadramento	Ativo	Em pé	A caminhar		
		Hominídeo	-	Sozinho	Destaque, igualitária	Sem enquadramento	Ativo	-	A caminhar		
Cena 2	Paleolítico Superior	Homem	Adulto	Sozinho	Destaque	Público	Ativo	Em pé	A caminhar		
Cena 3	Neolítico Final/ Calcolítico	Homem	Adulto	Com dois homens e uma mulher	Igualitária	Público; sagrado	Ativo	De cócoras	A prestar culto/homenagem		
		Homem	Adulto	Com dois homens e uma mulher	Igualitária	Público; Sagrado	Não se aplica	Deitado	Pessoa morta que recebe homenagem		
		Mulher	Adulta	Com três homens	Igualitária	Público; Sagrado	Ativa	De joelhos	A prestar culto/homenagem	Mulher-devota	Bela; jovem; sensível; delicada
		Homem	Adulto	Com dois homens e uma mulher	Secundária	Público; sagrado	Ativo	Em pé, curvado	A preparar as oferendas para depósito		

ANEXO XI

[Gráficos e tabelas de análise expográfica]

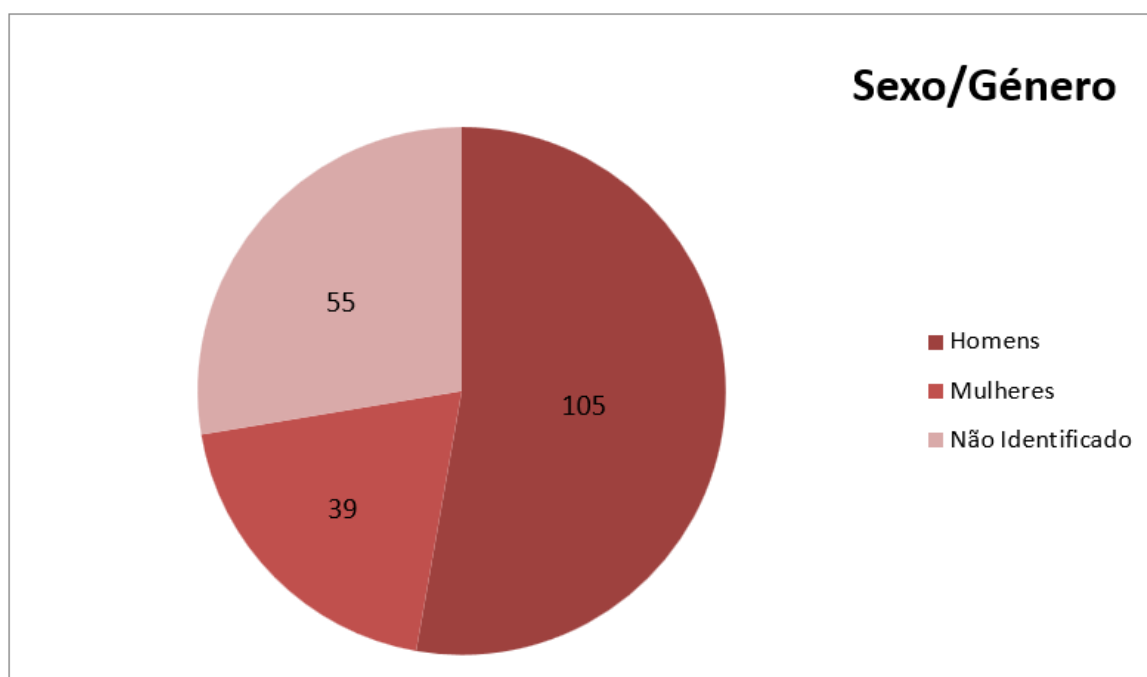


Tabela 1 – Total de pessoas representadas nos espaços museológicos. Representação por sexo/género.

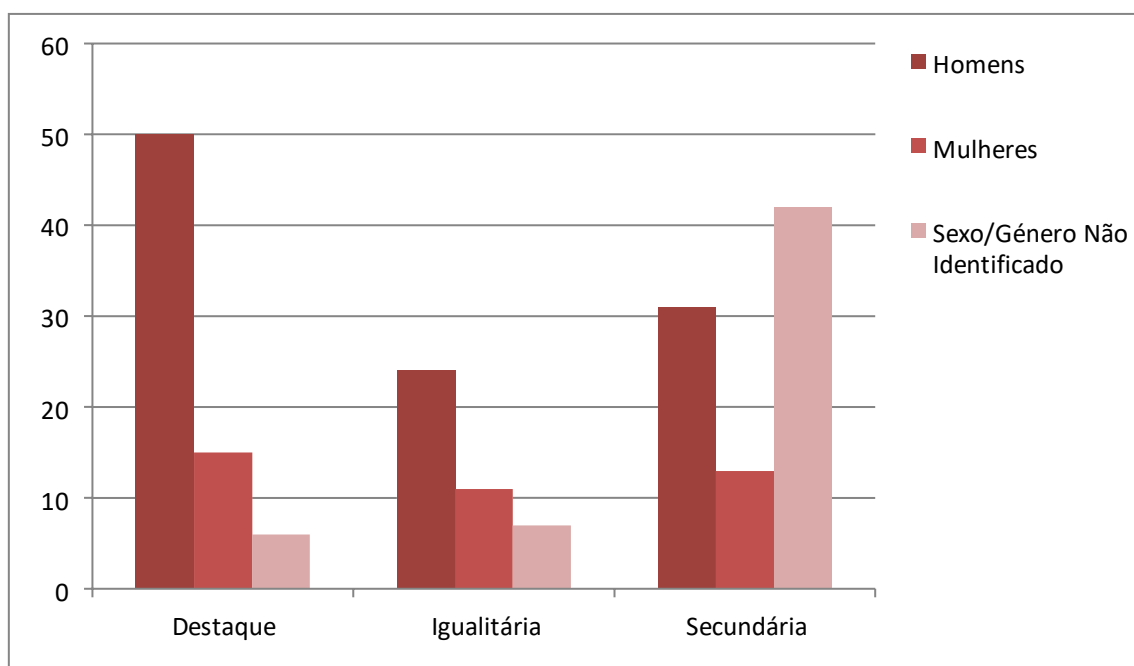


Tabela 2- Total das posições nos espaços museológicos analisados.

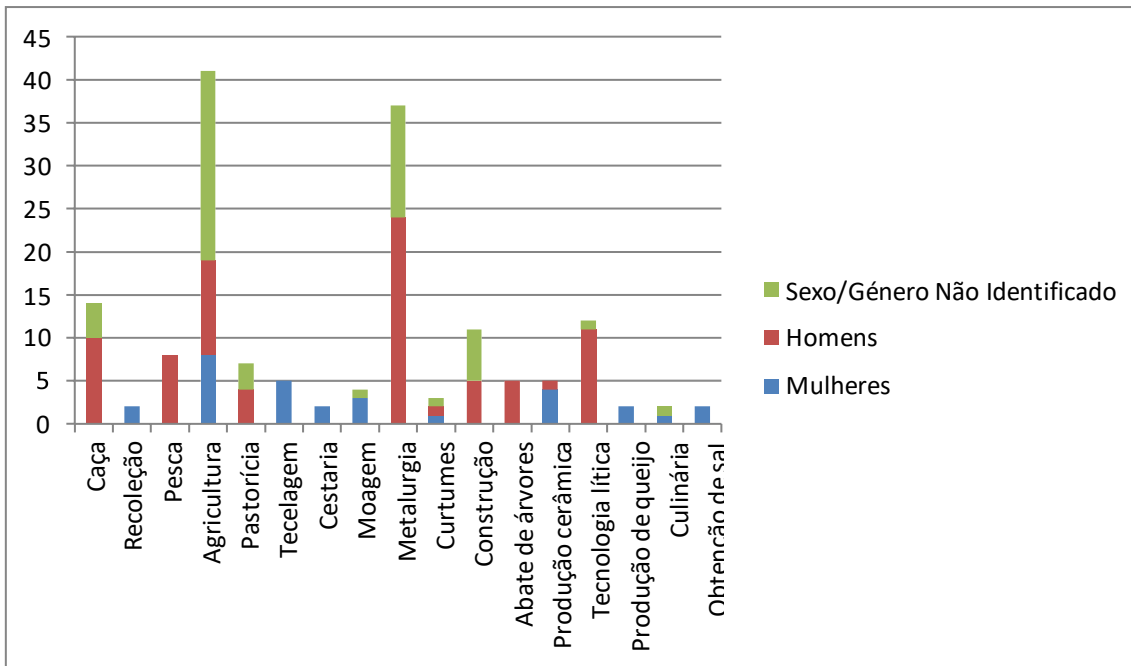


Tabela 3 – Representação por sexo/gênero nas atividades retratadas nos espaços museológicos analisados.

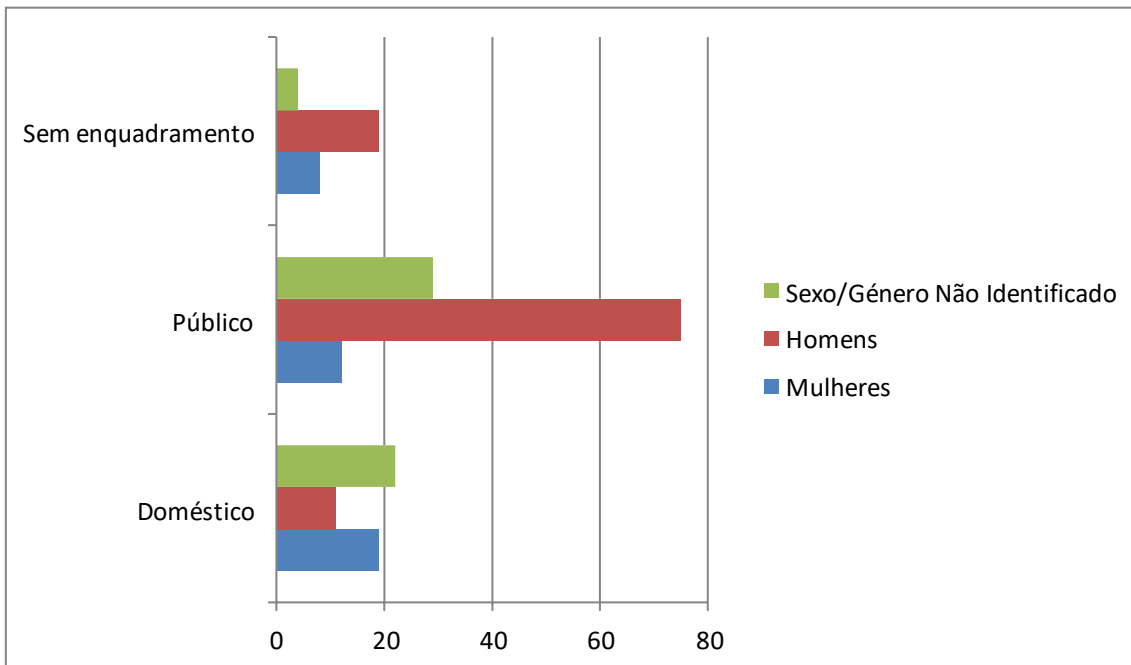


Tabela 4 – Representação das figuras no espaço, por sexo/gênero.

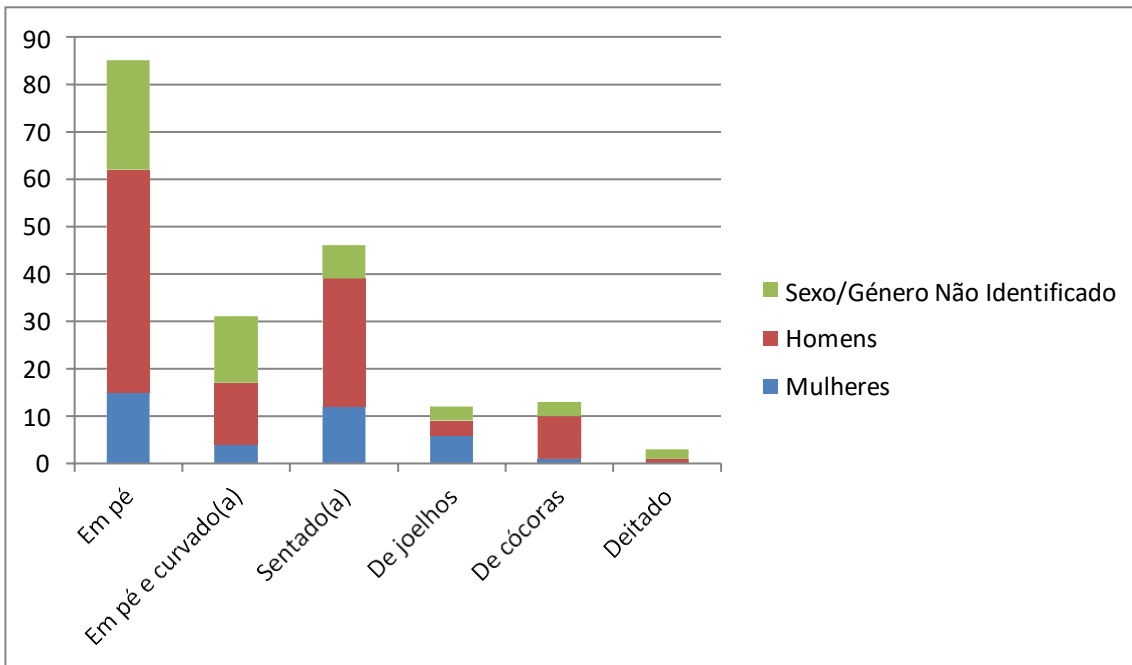


Tabela 5 – Análise das posturas, por sexo/género.